

Sala  
Gab.  
Est.  
Tab.  
N.º

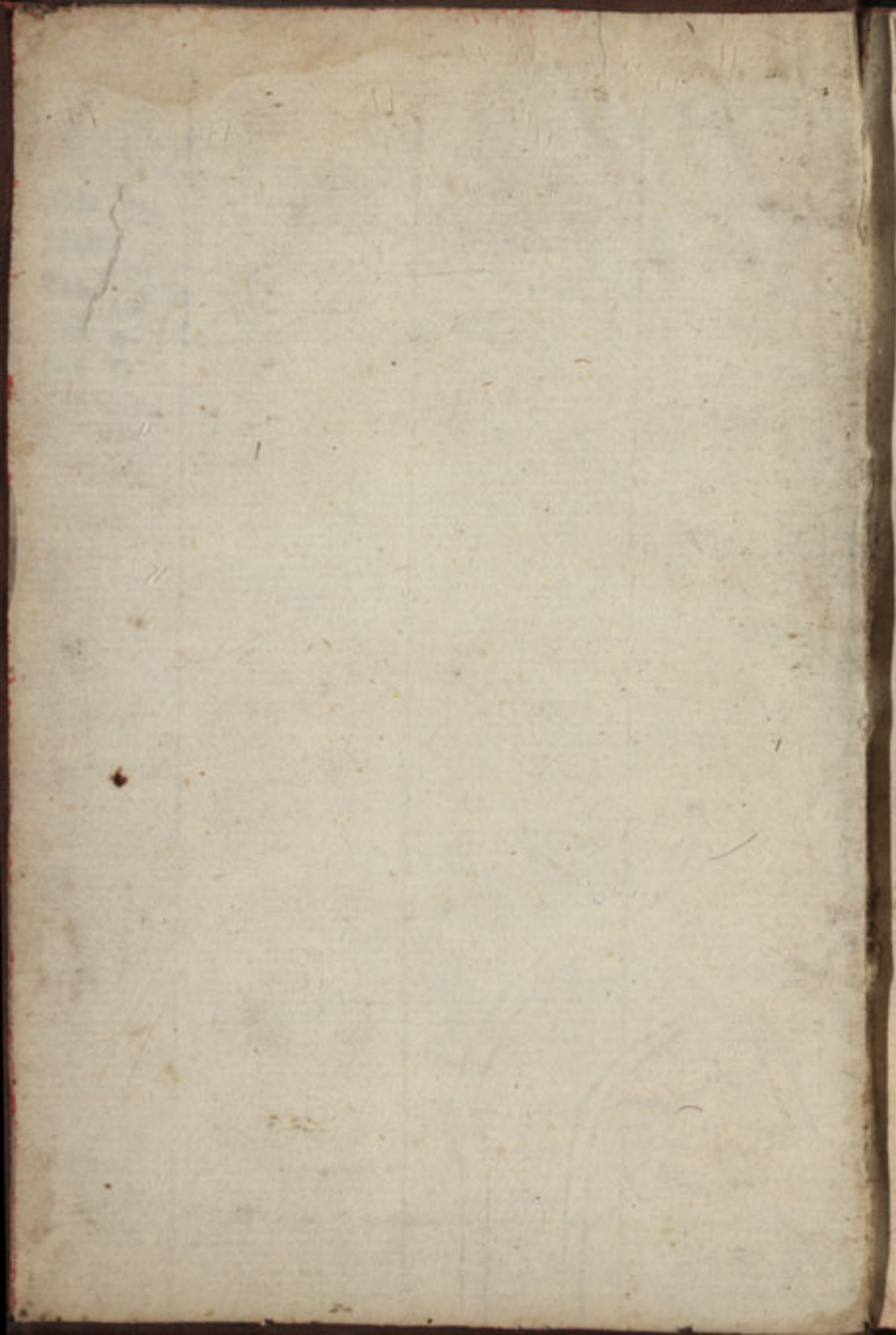
094.5 "17"

ANT

*Apr*

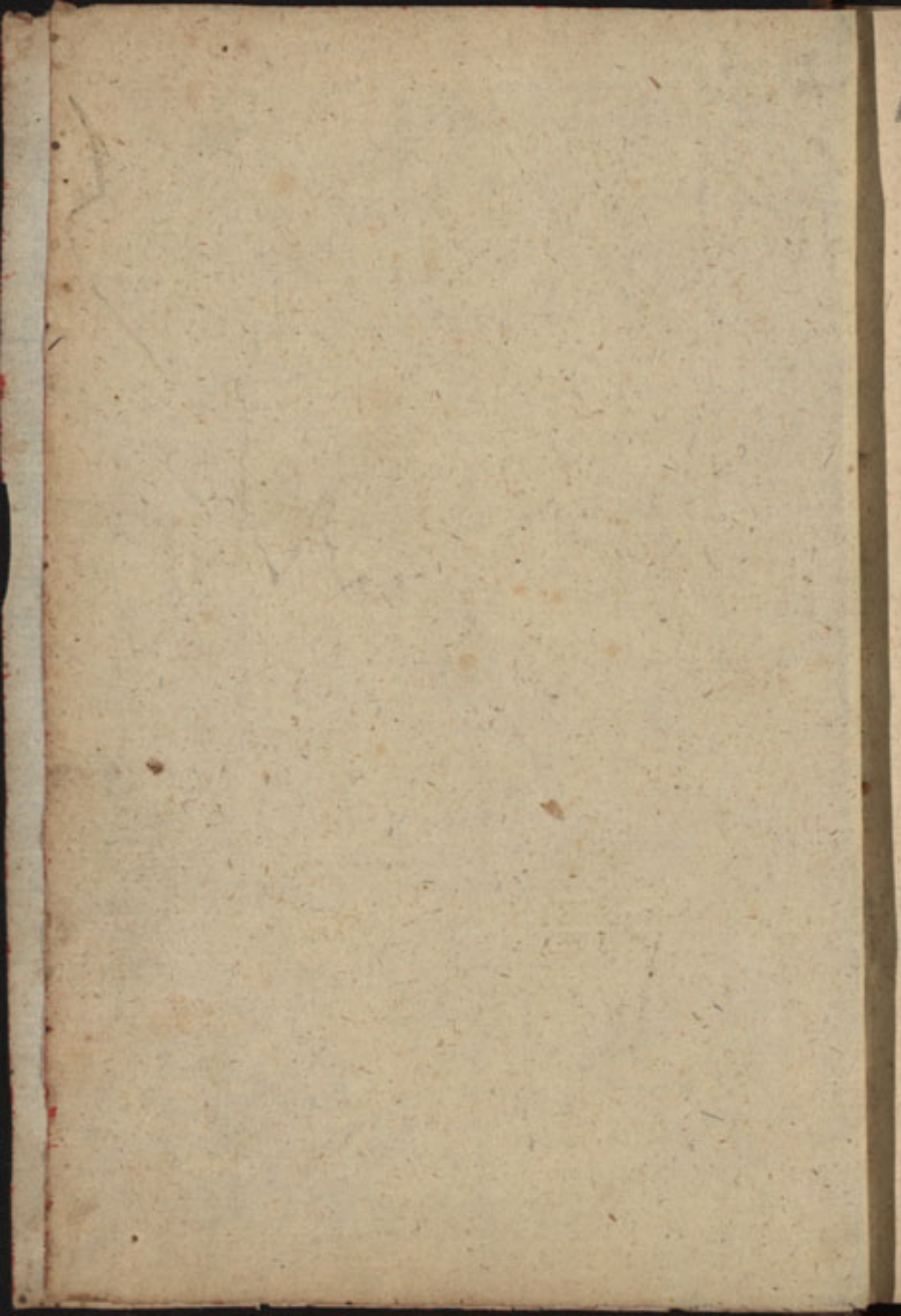
Resp

74-500



PREGADOR

INTRODUCCION



Rep

**PREGADOR<sup>7</sup>**  
**INSTRUIDO**

147  
PREGADOR

INSTRUIDO



# O PRÉGADOR INSTRUIDO

Nas qualidades necessarias para bem  
exercer o seu Ministerio ;

PRIMEIRA PARTE

Ena Rhetorica Ecclesiastica proporcionada á Eloquentia do Pulpito ;

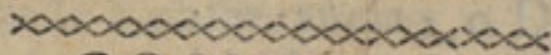
SEGUNDA PARTE

*Obra não só util, mas necessaria áquelles  
Ecclesiasticos, que sem maiores estudos ha  
pouco exercitaõ, ou pertendem exer-  
citar o Ministerio da Prêdica.*

POR

MIGUEL ANTONIO,

*Presbitero Secular do Bispado de Coimbra.*



COIMBRA:

NA REGIA TYPOGR. DA UNIVERS.

M. DCC. LXXXI.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral  
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Foi taixado este Livro em trezentos reis  
em papel.

---

Vende-se em Coimbra em caza de  
João Pedro Aillaud.



O PRÉCATOR  
INSTAURADO

Nas qualidades de... para...  
exercer o seu ministério;

PRIMEIRA PARTE

Das... e...  
da... de...;

SEGUNDA PARTE

Das... e...  
das... e...;

POR

MIGUEL ANTONIO

Advogado de... de Coimbra.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

COIMBRA:

N. R. da... de... de...;

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Em... de... de...;

Por... este... em...;

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX



# PROLOGO.



**S**endo a Prédica hum modo de falar publicamente aos Póvos sobre os negocios mais interessantes, assim pelo que diz respeito a Deos, como pelo que pertence aos homens, ella por isso mesmo deve ser hum modo de falar claro, puro, solido, elegante, verdadeiro, efficaz, e persuazivo. O mesmo lugar, em que o Prégador fala; a mesma Lei Santa, de que elle persuade a observancia; o Dogma, cuja crença inculca; os costumes, cuja pureza elle intíma; a salvação das Almas, que elle promove; a honra do mesmo Deos, que elle pretende, e zéla; tudo está pedindo no Orador Evangelico modo de falar distincto, huma elegancia verdadeira, e sólida, que convença os entendimentos, que abale

le os interiores, que toque, e fira os corações, e que mova as vontades.

Mas não he isto o que se observa ordinariamente em nossos dias: a infelicidade dos tempos faz ver, que muitos Oradores (os quaes com razão devem antes ser chamados *Pregoeiros da sua propria ignorancia*) falam nos Pulpitos não sómente sem efficacia, mas ainda mesmo por hum modo indigno do lugar, e do Ministerio. Eu seria fastidioso, se aqui fizesse menção especifica do que tenho observado infinitas vezes: e só me contento com dizer, que he mágoa ouvir o que muitos, chamados Oradores, dizem nos Pulpitos; e o modo, com que o dizem. E tendo eu feito sobre isto algumas reflexões, não pude deixar d'attribuir tantos defeitos, e tão consideraveis, á falta das qualidades necessarias ao Orador. N'esta suppozição rezolvi-me a discorrer sobre as mes-

mesmas qualidades essencialmente necessarias para o Ministerio da Prédica. Em primeiro lugar escrevi por curiozidade minha: e por ultimo tencionei dar ao Público esta breve Instrucção, lembrando-me, que poderá servir d'alguma utilidade áquelles, que sem maiores estudos intentaõ expôr-se ao Ministerio, ou o exercitaõ já sem aquella premeditação, com que deviaõ preparar-se. Protestando, como protesto, que não he o meu intento dar noções novas áquelles Oradores consummados, que sabem melhor, que eu, o verdadeiro methodo de prégar com fructo.

Divido esta piquena Instrucção em duas Partes: a primeira contém as qualidades necessarias a hum Prégador: na segunda proponho as regras da Rhetorica mais importantes, e proporcionadas á Eloquencia do Pulpito. Em tudo uzo d'hum methodo novo; não porque eu diga couzas novas, mas  
fim

fim porque as digo com huma nova ordem. Julgo que falo com clareza, que sempre he das principaes circumstancias, a que attendo.

Bem conheço, que a perfeita Eloquencia do Pulpito não póde adquirir-se com huma Instrucção tão breve, como esta: mas tambem confidero, que hum Ecclesiastico sem maiores estudos, e sem luzes mais adiantadas, póde tirar d'ella ao menos a lembrança, ou o conhecimento das prerogativas necessarias para o Ministerio da Palavra; e o dezejo de fazer os maiores esforços para as adquirir pelos meios mais proporcionados. Tal he o meu fim.

O mesmo Deos, que permittio o projecto da minha idéa accidentalmente nova, e o pôlla eu em execuçaõ, se digne tambem infundir nos corações dos novos Oradores, ou que o pertendem ser, o dezejo de lerem esta breve Instrucção com aquelle espirito, com que ella foi  
escri-

escrita: para que refletindo na Grandeza do Ministerio, nas qualidades de que necessitaõ, e o quanto ellas são difficultozas, se esmérerem com o mais diligente cuidado, e com maior disvélo, em as grangear pelos meios mais conducentes: a fim de não ficarem devedores ao grande Emprêgo, que occupaõ, ou pertendem occupar; aos homens, a quem os Oradores falaõ; e ao mesmo Deos, em cujo Nome, e da parte de quem falaõ. Para que no dia ultimo dos tempos, possa cada hum dizer na Presença do Juiz Supremo: (a) „*Domine, quinque talenta tradidisti mihi: ecce alia quinque superlucra- tus sum:* „ e para que mereça ouvir: „*Intra in gaudium Domini tui.* „ (b)

---

(a) Matth. 25, 20. (b) Ibid. 21.





## INDICE

## DA PRIMEIRA PARTE.

<b>C</b> APITULO UNICO. Pag. 1.	
§. I. <i>Da humildade.</i>	6.
§. II. <i>Missaõ legitima.</i>	8.
§. III. <i>Oraçaõ.</i>	16.
§. IV. <i>Vida exemplar.</i>	21.
§. V. <i>Virtude solida.</i>	27.
§. VI. <i>Simplicidade no discurso.</i>	29.
§. VII. <i>Zelo verdadeiro.</i>	33.
§. VIII. <i>Sciencia competente.</i>	40.
§. IX. <i>Doutrina solida.</i>	45.
§. X. <i>Liberdade em reprehender.</i>	51.
§. XI. <i>Naturalidade no discurso.</i>	67.
§. XII. <i>Formalidade no Sermaõ.</i>	70.
§. XIII. <i>Novidade no discurso.</i>	73.
§. XIV. <i>Unçaõ.</i>	81.
§. XV. <i>Elegancia da Expressaõ.</i>	84.
§. XVI. <i>Licença dos legitimos Superiores.</i>	91.

## SEGUNDA PARTE.

- CAPITULO I. *Definição, origem, e utilidade da Rhetorica.* 99.
- CAP. II. *Materia da Rhetorica Ecclesiastica: fim do Orador: Partes da Rhetorica: meios de persuadir.* 107.
- CAP. III. *Materia da Invenção: differença entre a Rhetorica, e a Dialectica: Generos de Questões.* 115.
- CAP. IV. *Lugares dos argumentos, communs, e particulares.* 118.
- CAP. V. *Fórma dos argumentos Rhetoricos.* 140.
- CAP. VI. *Amplificação, e suas Fontes.* 153.
- CAP. VII. *Fórmas, ou Modos da Amplificação.* 163.
- CAP. VIII. *Affeitos, e modo de os mover.* 187.
- CAP. IX. *Dispozição.* 192.
- CAP. X. *Partes da Oração.* 198.
- CAP.

CAP. XI. <i>Diversos generos d'Ora- çaõ.</i>	218.
CAP. XII. <i>Elocuçãõ.</i>	239.
CAP. XIII. <i>Tropos.</i>	243.
CAP. XIV. <i>Figuras.</i>	248.
CAP. XV. <i>Compozicaõ: Sentencas: Dinõsis: Copia: Variedade: e Digressãõ.</i>	275.
CAP. XVI. <i>Vicios oppostos ao Or- nato.</i>	288.
CAP. XVII. <i>Congruencia.</i>	291.
CAP. XVIII. <i>Estilos.</i>	295.
CAP. XIX. <i>Memoria.</i>	304.
CAP. XX. <i>Pronunciaçaõ.</i>	308.

CAP. XI. Diversos generos de Oros. 238.

CAP. XII. Flores de. 239.

CAP. XIII. Tropicos. 240.

CAP. XIV. Legumes. 241.

CAP. XV. Compositas: Genus. 242.

CAP. XVI. Genus: V. 243.

CAP. XVII. Genus: V. 244.

CAP. XVIII. Genus: V. 245.

CAP. XIX. Genus: V. 246.

CAP. XX. Genus: V. 247.

CAP. XXI. Genus: V. 248.

CAP. XXII. Genus: V. 249.

CAP. XXIII. Genus: V. 250.

CAP. XXIV. Genus: V. 251.

CAP. XXV. Genus: V. 252.

CAP. XXVI. Genus: V. 253.

CAP. XXVII. Genus: V. 254.

CAP. XXVIII. Genus: V. 255.

CAP. XXIX. Genus: V. 256.

CAP. XXX. Genus: V. 257.

CAP. XXXI. Genus: V. 258.

CAP. XXXII. Genus: V. 259.

CAP. XXXIII. Genus: V. 260.

CAP. XXXIV. Genus: V. 261.

CAP. XXXV. Genus: V. 262.

CAP. XXXVI. Genus: V. 263.

CAP. XXXVII. Genus: V. 264.

CAP. XXXVIII. Genus: V. 265.

CAP. XXXIX. Genus: V. 266.

CAP. XL. Genus: V. 267.

CAP. XLI. Genus: V. 268.

CAP. XLII. Genus: V. 269.

CAP. XLIII. Genus: V. 270.

CAP. XLIV. Genus: V. 271.

CAP. XLV. Genus: V. 272.

CAP. XLVI. Genus: V. 273.

CAP. XLVII. Genus: V. 274.

CAP. XLVIII. Genus: V. 275.

CAP. XLIX. Genus: V. 276.

CAP. L. Genus: V. 277.

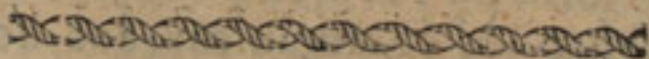


# PRÉGADOR INSTRUIDO.

---

## PARTE PRIMEIRA.

*Das qualidades necessarias ao  
Prégador Evangelico para  
bem exercer o seu Mi-  
nisterio.*



## CAPITULO UNICO.

**P**RE'GAR aos Póvos a  
Doutrina do Evange-  
lho: annunciar os Sa-  
grados Mysterios da  
Religião: explicar os saudaveis  
preceitos da Lei Santa: ensinar  
os meios mais efficazes de cum-  
prir com os deveres do Christia-  
niz

## 2 PRE'GADOR INSTRUIDO

nismo : arrancar do coração do homem o affecto a toda a concupiscencia : cortar o vicio , e a iniquidade pela sua mesma raiz : plantar com disvelo a virtude , e a devoção : arraigar nos corações a perfeita caridade : são projectos , em que igualmente interéssa o bem espirital dos Fieis , o progresso da Religião , a Gloria do Creador ; e que muitas vezes se conseguem pelo Ministerio da Palavra.

Sim , a Prédica he hum meio seguro de communicar aos homens a verdade dos pontos mais interessantes , e de fazer-lhes conceber a idéa do que devem a Deos , a si mesmos , e ao seu proximo : he meio de capacitar o homem de tudo o que elle deve crer ; das acções , que deve obrar ; dos defeitos , que deve evitar ; do bem , que deve amar ; do mal , que deve aborrecer ; da felicidade eterna , que deve es-

perar ; e dos castigos do inferno , que deve temer.

Por muitos modos falou Deos antigamente aos homens , como diz o Apóstolo ( *a* ), já por meio dos Profetas , já por seu Filho Unigenito. Hoje ainda o mesmo Deos fala pelos Ministros da sua Palavra , pelos seus Enviados ( *b* ), pelos seus Prégadores. Pois todos sabem , que a Prédica he hum dos meios , por onde Deos fala ao coração do homem : he meio , por onde Elle persuade , move , e arrebatá os espiritos : he meio , com que Elle abala os interiores bem até o fundo das entranhas : he meio , com que Elle promove a conversão dos impios já com o temor do castigo , já com a esperança do premio : he meio , com que Elle faz conhecer á

A 2                      crea-

---

( *a* ) Ad Hebr. 1. 1. c. 2.

( *b* ) 2. ad Cor. 5. 20.

#### 4 PRE'GADOR INSTRUIDO

creatura as mais importantes obrigações do Christianismo : he meio finalmente , com que o Senhor explica ao seu Povo , e lhe offerece os admiraveis effectos da sua Misericordia. Tal he a excellencia da Prédica.

E sendo este Ministerio tao santo no seu principio , no seu objecto , e no seu fim ; que qualidades não deve ter aquelle , que o ha d'exercer ? que qualidades não são necessarias a hum homem , que se encarrega do officio d'Orador Evangelico , e Prégador da Verdade ? que qualidades são bastantes para hum homem se intrometter a ser o Orgão da Divindade , e Oraculo do Ceo ? que qualidades podem fazer hum homem sufficiente para ser o Pregoeiro do Deos Vivo , a Luz do Mundo , e o Precursor da ultima vinda do Senhor ?

Ah ! que se todos se humilhas-



Ihassellem , como Jeremias ( *a* ) ; se confessassem na presença de Deos a sua insufficiencia para o Ministerio da Prédica ; sem duvida o Senhor poria nas suas linguas palavras dignas d'Elle ( *b* ) ; purificaria os seus labios , como os de Haiaas ( *c* ) ; Elle lhes daria o mesmo sustento , que deo a Ezechiel ( *d* ) . E por consequencia , os Prégadores dos nossos tempos seriaõ huns novos Apóstolos.

Elles , para desempenharem os deveres de Ministerio taõ sublime , e taõ santo , tem necessidade de muitas qualidades , com as quaes elles encheráõ cabalmente-

---

( *a* ) Nescio loqui , quia puer ego sum. Jerem. 1. 6.

( *b* ) Dedi verba mea in ore tuo. Ibid. v. 9.

( *c* ) Tetigit hoc labia tua , & aufertur iniquitas tua. Isaias 6. 7.

( *d* ) Cibavit me volumine. Ezech. 3. 2. Docuit me omnia , expõe Du-Hamel.

## 6 PRE'GADOR INSTRUIDO

mente officio taõ elevado ; e sem as quaes elles ficarão devedores ao Ministerio , aos Povos , e ao mesmo Deos. Qualidades , que distinguem os Oradores verdadeiros dos falsos ; os que são animados pelo Espirito de Deos , d'aquelles que são conduzidos pelo seu proprio espirito.

### §. I.

#### *Primeira qualidade.*

**H**umildade , e conbecimento proprio. Aquelle , que reconhece na presença de Deos a sua inaptidão para o Ministerio ; que sabe , que as suas luzes são muito limitadas , e inferiores á grandeza do objecto , que ha de ser materia do seu discurso : aquelle , que está persuadido , que não tem o espirito capaz de tocar , e mover os corações ; elle sem duvida he humilde , como  
Je-

Jeremias (*a*) : elle , qual outro Moysés (*b*) , conhece a sua insufficiencia : por isso a Sabedoria Increada , que soccorre aos humildes , fará em seu beneficio o mesmo , que a Isaias , Ezechiel , e Jeremias (*c*) .

Pelo contrario , aquelle Orador , que se imagina dotado das luzes necessarias para prégar qualquer Sermaõ ; que se atreve a fallar de materias superiores á sua instrucção ; que se reputa com hum grande espirito para mover qualquer Auditorio ; elle he hum homem cheio d'amor proprio , d'hum grande fundo de soberba : elle não pede ao Pai das luzes o dom da Palavra (*d*) : elle he do numero d'aquelles , que , segundo o Apof-

to-

---

(*a*) Jerem. 1. 6.

(*b*) Exod. 3. 11.

(*c*) *Veja-se supr. pag. 5. not. b. c. d.*

(*d*) Ad Ephes. 6. 19.

## 8 PRE'GADOR INSTRUIDO

to ( *a* ), nem sabem o que dizem, nem de que falaõ.

Elle guiado pelo seu proprio espirito, desamparado do Ceo, falla de si tudo o que diz, sem dizer nada segundo o Espirito de Deos. Elle naõ attende ao conselho do Sabio ( *b* ): he louço, porque se reputa dotado d' huma grande sabedoria ( *c* ): he infeliz, porque se reputa Sabio ( *d* ).

### §. II.

#### *Segunda qualidade.*

**M**issaõ legitima. Destina Deos hum homem para Orador do seu Evangelho; chamallo para Ministro da sua Palavra;

---

( *a* ) 1. ad Timoth. 1. 7.

( *b* ) Ne sis sapiens apud temetipsum  
Prov. 3. 7.

( *c* ) Ad Rom. 1. 22.

( *d* ) Væ qui sapientes estis in oculis  
vultus. Isaias 5. 21.

vra ; enviallo para fallar em seu Nome a hum Povo muitas vezes depravado nos seus costumes ; são circumstancias taõ necessarias ao Prégador , que sem ellas nem he Ministro legitimo , nem falla da parte de Deos. Mas antes elle he hum temerario , he hum intruso , bem como aquelle , que se intromettesse no governo da Republica sem ordem do legitimo superior.

Por varios modos póde a Sabedoria Eterna mandar hum homem para annunciar a sua Divina palavra : já pela Missaõ externa , já por moçaõ interior.

Moylés ( *a* ) , e Aaraõ ( *b* ) são enviados por Deos para fallarem a favor do Povo na presença de Faraó. Jonas ( *c* ) he mandado a prégar a penitencia aos Ninivitas ; Isaias ( *d* ) ao Povo

VO

---

( *a* ) Exod. 3. ( *b* ) Exod. 4.

( *c* ) Jon. 1. ( *d* ) Isaias 6.

## 10 PRE'GADOR INSTRUIDO

vo Judaico. Jeremias (*a*) he eleito por Deos para Profeta das Gentes. Ezechiel (*b*) he mandado a reprehender a prevaricação dos filhos d'Israel, e as abominações de Jerusaleem (*c*). Nathan he enviado por Deos a corrigir David (*d*). Elias para falar com ameaços ao Rei Achab (*e*); e para reprehender os Consultores d'Ochozias (*f*). O Baptista he mandado a preparar o caminho ao Messias (*g*): elle préga a penitencia (*h*).

O mesmo Jesus Christo he enviado ao Mundo pelo Eterno Padre (*i*): Elle préga a penitencia (*k*): Elle annuncia o Evangelho (*l*).

Elle manda os Apostolos a pré-

- |  |  |
|--|--|
| <p>(<i>a</i>) Jerem. 1.<br/>                 (<i>c</i>) Ezech. 16.<br/>                 (<i>e</i>) 3. Reg. 21.<br/>                 (<i>g</i>) Malach. 3. 1.<br/>                 (<i>i</i>) Joan. 17. 3.<br/>                 (<i>l</i>) Marc. 1. 14.</p> | <p>(<i>b</i>) Ezech. 2.<br/>                 (<i>d</i>) 2. Reg. 12.<br/>                 (<i>f</i>) 4. Reg. 1.<br/>                 (<i>h</i>) Math. 3. 2.<br/>                 (<i>k</i>) Matth. 4. 17.</p> |
|--|--|

prégar aos Judeos ( *a* ), e a toda a creatura ( *b* ), Elege setenta e dous ( *c* ) Discipulos; envia-os dous a dous a annunciar o Reino de Deos ( *d* ).

Naõ só pela Missaõ exterior envia o Supremo Senhor das Nações os seus Ministros. Elle muitas vezes inspira já ao Superior, que eleja o subdito; já ao mesmo subdito, que obedeça á ordem do Superior, que vendo-o dotado das qualidades proporcionadas para o Ministerio da Prédica, destina-o, e mandalhe exercitar o Officio d'Orador Evangelico. A outros concede a mesma Sabedoria Increada hum zelo ardentissimo da Gloria do mesmo Creador, e da salva-  
ção

( *a* ) Math. 10. ( *b* ) Marc. 16.

( *c* ) Os Discipulos eleitos pelo Salvador forão setenta e dous, segundo o texto Latino; mas segundo o Grego forão setenta.

( *d* ) Luc. 10. 1. e 9.

ção do proximo : orna-os com as virtudes mais heroicas : infunde em seus corações hum espirito zeloso de communicar aos Póvos as mais importantes verdades da Religiaõ. Sobre o seu destino elles consideraõ dentro de si mesmos , que partido será mais conforme com a vontade do Altissimo : elles o perguntaõ ao mesmo Ceo com as suas supplicas : elles consultaõ os Varões famigerados em sabedoria , e em virtude. Estes os animaõ : Deos illustra seus entendimentos , confirma seu zelo , inflamma seus corações nos mais ardentés desejos de prégar aos Póvos a verdade do Evangelho. Que vocação mais distincta ! Que *Missão* mais legitima !

Em huma palavra : de qualquer modo que seja a vocação , e *Missão* , de que fallo ; ou seja interior , ou exterior ; ou provenha de Deos mediata , ou im-

me?



mediatamente; ella constituirá hum perfeito Prégador. Elle será ouvido, e attendido; elle será acreditado; elle, qual outro Jeremias, cortará o vicio na sua mesma raiz, plantará a Virtude, edificará os Povos com a sua instrucção (a).

Pelo contrario, o Orador, que sem *Missaõ* se intromette no Ministerio, que fructos poderá tirar do seu sermaõ? Com que espirito, e unção falará elle a seus Ouvintes? Como prégará sem ser mandado (b)? Deos, que não o envia, não fala, não: o homem he quem fala, he o que fala de si, he o que fala em seu nome, he o que fala da sua parte. Que temeridade! falar dos negocios de Deos sem ordem do mesmo Deos! querer cultivar a vinha do

---

(a) Jerem. 1. 10.

(b) Ad Rom. 10. 15.

## 14 PRÉ'GADOR INSTRUIDO

do Senhor de Sabaoth sem licença de seu Dono !

Hum tal Prégador não ferá ouvido ; não tocará os coraçõ-es ; não persuadirá o Auditorio ao cumprimento dos seus deveres. Porque o Senhor , que não o manda , não vai em seu seguimento ( *a* ). Elle he do numero d'aquelles , de quem fala Jeremias ( *b* ), que são Profetas falsos. Elle não attende ao que Deos disse a Ezequiel ( *c* ), que falaria ao Povo dipois d'ouvir o mesmo Senhor. Em huma palavra : elle he hum intruzo , como Coré ( *d* ), que pertendeo

( *a* ) Prædicatores suos Dominus sequitur. S. Greg.

( *b* ) Falsò Prophetæ vaticiniantur in Nomine meo : non nisi eos . . . seductionem cordis sui prophetant vobis . . . In gladio & fame consummentur. Jer. 14. 14. 15.

( *c* ) Audiens ex ore meo . . . annuntiabis eis. Ezech. 33. 7.

( *d* ) Num. 16.

deo metter-se nas funções do Sacerdocio , sem vocação legitima. Não attende ao conselho de S. Lourenço Justiniano ( *a* ), segundo o qual só deve exercitar o Ministerio ou pela vocação , ou pela necessidade de cumprir com os deveres do seu officio , ou obrigado pela obediencia. Elle finalmente não pôde dizer ao Eterno Padre o que o mesmo Jesus Christo lhe disse: *Falei aos homens pelas mesmas palavras, que Vós me distes* ( *b* ).

---

 §. III.
 

---

(*a*) Nemo nisi vocatus se ingerat: nullus, nisi impellente necessitate, vel obedientia urgente, se occupet. S. Laur. Just.

(*b*) Verba, quæ dedisti mihi, dedi eis. Joan. 17. 8.

## §. III.

*Terceira qualidade.*

**O** *Ração.* He esta aquella taõ fructifera arvore, que a Maõ do Todo Poderozo plantou no Paraizo da Igreja: arvore, que dá fructos os mais copiozos, e mais bem fazondos.

A esta arvore tem necessidade de sobir todo o Prégador Evangelico, e qualquer, que o pertende ser: a fim de colher os fructos, que lhe saõ necessarios.

Sim, aquelle, que intenta o Ministerio de falar aos Póvos sobre as verdades eternas, tem huma indispensavel necessidade de pedir ao Ceo, por meio da Oração, a Luz preciza para conhecer, se o seu intento he confórme aos disignios da Providencia; se o Senhor

o destina, se o chama, se o elege, se o envia em seu Nome; a fim de não incorrer na fatuidade dos Profetas de Samaria (a).

O que já he Orador Christão, tem necessidade da mesma luz superior, para saber se he Ministro legitimo, ou intruzo; e por conseguinte, para continuar, ou deixar o mesmo officio. Se tiver os caracteres d'huma vocação legitima, elle tem necessidade da mesma oração para executar dignamente os deveres do Ministerio. Elle deve pedir ao Senhor o conhecimento das verdades, que ha de prégar; a efficacia, com que as deve propôr; a unção, e zelo de as persuadir; o dom de tocar os corações, e de mover as vontades. Deve pedir-lhe as virtudes, que tem necessida-

B

de

---

(a) Jerem. 23. 13.

de de praticar , a fim d'ensinar os seus ouvintes com a sua palavra , e com o seu exemplo , á imitação do Salvador ( *a* ). Deve empenhar-se em alcançar do Ceo a docilidade do coração do mesmo Povo ; para que elle ouça as verdades Santas não só com os ouvidos do corpo , mas também com os da alma. Em huma palavra : deve pedir ao Altissimo as qualidades , as preeminencias , e prerogativas , que lhe são necessarias para bem exercer as funções de tão elevado emprêgo.

E que outro documento deo aos Prégadores o mesmo Jesus Christo ? Elle se retirou ao Dezerto ; jejuou quarenta dias ; e depois principiou a sua Missão , prégando publicamente ( *b* ). Tal foi a lição do Salvador.

O

---

(*a*) Cœpit Jesus facere , & docere.  
Act. 1. 1.

(*b*) Matth. 4. 2. e 17.

O quinto Concilio de Milão requer nos Prégadores o exercício da Oração mental ( *a* ). Do mesmo sentimento faõ, Gerson ( *b* ), Santo Agostinho ( *c* ), S. Jeronymo ( *d* ), e o Papa S. Gregorio ( *e* ).

A mesma Sabedoria Eterna

B 2 ma-

(*a*) Ad Concionatorum . . . approbationem . . . quærat, an sanctorum meditationum, orationisque mentalis usum habeant. Concil. Mediol. V.

(*b*) Exigitur ad officium prædicationis gustatio spiritus per contemplationem. Gers.

(*c*) Eloquens, cum & iusta, & sancta, & bona dicit, . . . pietate magis orationum . . . se posse, non dubitet; ut orando pro se, ac pro illis, quos est allocuturus, sit orator, antequam dictor. S. Aug. de Doctr. Christian.

(*d*) Illa doceat, quæ a Deo ipse didicerit . . . quæ Spiritus Sanctus docet. S. Hieron. relatus Can. 3. D. 36.

(*e*) Monetur Propheta, ne præsumat loqui, quod non audierit: sed prius aurem cordis aperiat voci Creatoris, & postmodum os sui corporis aperiat auribus plebis. S. Gregor. in Ezech.

manifestou a Ezequiel a necessidade da oração ( *a* ); necessidade, que o Apóstolo ( *b* ) reconhecia em si mesmo.

Ah ! E que outra cousa explica a palavra *Orador* ! que outra cousa significa , falando propriamente ? E que ha de dizer hum Prégador , sem primeiro pedir ao Senhor o que deve dizer ? Como falará , como persuadirá , de que argumentos se poderá valer ; sem primeiro pedir ao Ceo o que convêm para desempenhar os deveres do Ministerio ? Como será bom Prégador , se não for primeiro bom *Orador* ( *c* ) ?

#### § IV.

---

( *a* ) Audies de ore meo verbum , & annuntiabis eis ex me. Ezech. 3. 17.

( *b* ) Orantes . . . pro me , ut detur mihi sermo in apertione oris mei cum fiducia , notum facere mysterium Evangelii. Ad Eph. 6. 19.

( *c* ) Sit orator , antequam dictor. S. Aug. de *Doctr. Christian.*



*Quarta qualidade.*

**V**ida exemplar. A efficacia da Eloquencia Christã consiste em praticar o Prégador em si mesmo, o que pertende persuadir a seus ouvintes. A palavra sustentada com o exemplo persuade, move, toca, e converte.

O Prégador, que obra o mesmo que diz; o que pratica as mesmas virtudes, que persuade; o que abomina os mesmos vicios, que reprehende; o que não está comprehendido nas mesmas abominações do seculo; elle imita o Salvador (a): o seu Sermaõ he capaz de convencer: elle he verdadeiro Prégador (b).

El-

---

(a) Cæpit Jesus facere, & docere.  
Act. 1. 1.

(b) Magister verus quod verbo aperit, demonstrat exemplo. S. Chrysolog.  
Granditate dictionis maius vita dicentis. S. Aug. de Doctrin. Christ.

Elle he , com os seus bons costumes , o *Sal da Terra* ( *a* ) ; com a sua doutrina , elle he a *Luz do Mundo* ( *b* ). A sua conducta concorda com as suas palavras ( *c* ) : elle fala da mesma forte que vive.

O seu Sermaõ com facilidade move o coração do Auditorio ( *d* ) : a sua vida irreprehensivel he o Sermaõ mais efficaç ( *e* ).

El-

( *a* ) Matth. 5. 13. ( *b* ) Ibid. 14.

Prius vocavit eos sal ; postea autem , lux . . . quia prius est bene vivere ; secundum autem bene docere . . . qui non facit quod docet , non alium docet , sed seipsum condemnat : neminem corrigit . . . multos scandalizat. Author oper. imperf.

( *c* ) Non confundant opera tua sermonem tuum ; ne , cum in Ecclesia loqueris , tacitus quilibet respondeat : cur ergo hæc , quæ dicis , ipse non facis ? S Hieron.

( *d* ) Illa . . . vox libentius auditorum cor penetrat , quam dicentis vita commendat. S. Gregor. Pap. Reg. Past.

( *e* ) Irreprehensibilis vita prædicatio effi-

Elle finalmente será grande no Reino dos Ceos (a).

Pelo contrario: aquelle Prégador, cuja vida he hum continuo escandalo; aquelle, que está comprehendido nos melmos defeitos, contra os quaes clama; que conforma a sua conducta com a dezordem do seculo; com que valentia poderá elle arguir o vicio, reprehender o peccador, e clamar con-

efficacissima . . . est. S. Laur. Justin.

Docete, non ut verba vestra tantummodo audiant homines, sed ut opera vestra bona videant; ut, quos illuminaveritis per verbum quasi lux, condiatis per exempla operum quasi sales. Auth. Operis imperfect.

Sermo vivus & efficax, exemplum operis est. S. Bernard.

Com a mesma linguagem se explicaõ o Papa Innoc. III. Pedro Blesens. S. Izydor. S. Prosper. S. Jeron. S. Joã Chrysost., e outros.

(a) Qui fecerit & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Cœlorum, Matth. 5. 19.

contra as abominações? Com que efficacia falará elle, com que unção, com que espirito se explicará na presença d'hum Povo, que o conhece, e que está dizendo secretamente: *Cura-te a ti mesmo (a)*? Como o acreditarão seus ouvintes, sabendo elles, que o Prégador he de vida tão dezordenada como elles mesmos?

A este infeliz Orador convêm a reprehensão do Omnipotente por boca do Profeta Rei (b). O seu Sermaõ não move, não converte: elle não reprehende o vicio com efficacia (c). Se o Prégador he soberbo, se

---

(a) *Medice, cura te ipsum. Luc. 4.23.*

(b) *Quare tu enarras justitias meas, & assumis testamentum meum per os tuum? Psalm. 49. 16.*

(c) *Verbi Dei inanis est forinsecus prædicator, qui non est intus auditor. S. Aug.*

*Perdit authoritatem docendi, cujus sermo opere destruitur. S. Hieron.*

se he avarento , se he deshonesto , se he impaciente , se he des-  
temperado no comer , e beber ;  
se ama o Mundo , e as suas ma-  
ximas ; se he roubador , e mur-  
murador ; se he vingativo ; fi-  
nalmente se tem costumes chei-  
os d'iniquidade , com que ze-  
lo clamará elle contra os vici-  
os , em que está comprehendido ? A sua mesma consciencia ,  
que o argue , prender-lhe-ha a  
lingua , para que não fale : e  
se alguma coiza disser , será sem  
espírito. Seus ouvintes dirão  
dentro de si mesmos : *Se és Me-  
dico , cura-te primeiro a ti.*

Ah ! que horror ! que con-  
fusão para o Prégador ! que  
escandalo para os Póvos ! que  
vilipendio para o Ministerio !  
que vergonha para a Religião !

Se a iniquidade do Prégador  
não for conhecida dos Póvos ,  
e por isso não produzir os es-  
pantozos inconvenientes , que

aca-

acabo de ponderar ; com tudo o seu mesmo interior cheio de covardia , de frouxidaõ , e de peijo , naõ o deixará falar com valentia contra a dezordem. E que maior dezordem do que falar bem , e viver mal ( *a* ) !

O infeliz Orador será julgado pela sua mesma sentença ( *b* ). Elle incorre na desgraça , que temia o Apostolo ( *c* ).

---

§. V.

( *a* ) Qui bene docet , & male vivit , videtur bonum malo conjungere , lucem tenebris miscere. S. Isidor.

Male doces , si male agens bene loqueris. Petrus Blesens.

( *b* ) De ore tuo te judico , serve nequam. Luc. 19. 22.

Bene docere & male vivere , quid aliud est , quam se sua voce damnare ? S. Prosper.

Litteras mortis suæ portant viri litterati , qui sciunt & docent , & non faciunt. S. Thom.

( *c* ) Cum aliis prædicaverim , ipse reprobus efficiar. 1. ad Cor. 9. 27.

## §. V.

*Quinta qualidade.*

**V**irtude solida. Sendo huma das obrigações do Orador Evangelico, depois d'arrancar o espirito da iniquidade, o plantar a Virtude no coração dos Fieis; elle tem huma indispensavel necessidade de possuir esta vantajoza qualidade em hum gráo perfeito. Elle deve semear por toda a parte os fructos da mesma *Virtude*, e lançar o bom cheiro dos seus admiraveis effeitos.

Porque, se o Orador tiver este defeito, elle, ainda que persuada a mesma *Virtude*, não o faz com efficacia necessaria para mover os seus Ouvintes a praticalla: pois vendo elles, que o Prégador não tem o exercicio das virtudes, que recommenda, o fructo, que ordinaria-

ria-

riamente tiraõ do sermaõ, he dizerem: *Porque razãõ não fazes tu o que dizes, que nós fazamos (a)*? Tal he o effeito, que produz a falta do bom exemplo.

Para que o Orador persuade efficaçmente a *Virtude*, deve primeiro praticalla, deve resplandecer na mesma *Virtude*, deve ornar-se com ella (b). Deve

ve

---

(a) Cur ergo hæc, quæ dicis, ipse non facis? S. Hieron.

(b) Qui de Deo Sermonem excitaturus est, virtutibus elucere oportet. S. Isidor.

Verbi semen facile germinat, quando hoc in audientis pectore pietas prædicantis rigat. S. Greg. Pap. Reg. Past.

Potior Sacerdotis prædicatio, exemplum pietatis est. S. Ambr.

Doctõr omnibus virtutibus debet esse ornatus. S. Chrysoft.

Non per eloquentiam humanæ scientiæ, sed per virtutum exempla. . . Apostoli fundavere Ecclesiam. S. Laur. Justin.



ve subir ao monte elevado ( *a* )  
da perfeição.

§. VI.

*Sexta qualidade.*

**S** *Implicidade no discurso.* Hum Sermaõ feito , e prégado d' hum modo pompozo , e cheio d' affectação , não he o que converte : elle mais entretém o entendimento dos Ouvintes , do que lhes incita os corações. Pelo contrario , hum Sermaõ prégado com *Simplicidade* , e sem pompa ( *b* ) , convence o Audi-  
to-

---

(*a*) Super montem excelsum ascende tu , qui evangelizas Sion. Isaias 40. 9.

Nisi Doct̃or virtutum prius culmen ascendit , inaniter clamat. Petrus Damian.

Ascendat . . . quatenus in excelso positus . . . in sublimi perfectionis maneat. S. Laur. Justinian.

(*b*) Veni , non in sublimitate Sermōnis aut sapientiæ . . . & sermo meus ,  
&

torio; hum Sermaõ fem elevados discursos d'huma sabedoria humana, move, e converte. O Apostolo dá huma boa idea d' esta *simplicidade* assim no lugar citado, como na composiçaõ de todas as suas Epistolas.

Com que *simplicidade* naõ falou o Principe dos Apostolos no dia da descida do Espírito Sancto (a)? Com que *simplicidade* naõ prégou o mesmo Jesus Christo o celebrado Sermaõ do Monte (b)? A mesma Escripura Sancta nos lugares citados o mostra bem claramente: toda ella respira *simplicidade* sancta. Ah! se os Oradores

---

& prædicatio mea non in persuasibilibus humane sapientiæ verbis, sed in ostensione spiritus & virtutis. 1. Cor. 2. v. 1. 4.

Prædicatio Christiana non indiget opo & cultu sermonis. S. Ambros. Non ergo apparatu illi opus est, ac pompa dicendi. S. Joan. Chrysof.

(a) Act. 2. 14. (b) Matth. Capp. 5. 6. 7.

res dos nossos tempos se familiarizassem com esta *simplicidade* ! Elles, quaes outros Apostolos, converteriaõ as Nações.

Mas por infelicidade não he assim ; os Prégadores modernos ordinariamente mais pertendem agradar , do que converter ; não prégaõ para os outros , prégaõ para si ; procurando a sua gloria , e applauzo , todos se occupãõ em huma funesta jaçtancia ( *a* ). Huns muitas vezes até se atrevem a contar nos seus Sermones historias , que não só não tem a qualidade de verdadeiras , mas nem ainda de verosimeis : vindo por este motivo a Cadei-  
ra

---

(*a*) Neque . . . cum sermonem laudaverim , qui fastu tumidus externæ peritiæ jaçtantiam sequitur. S. Joan. Chrysoft.

Datur intelligi , quod non se debeat Ecclesiæ Doçtor de accurati sermonis ostentatione jaçtare. S. Prosper.

Cum prædicatur , vix non subrepat cuivis hominum quantulacumque jaçtancia. S. August.

ra da Verdade a tornar-se em lugar da mentira ( *a* ). Que vituperio para o Pulpito ! outros , para satisfação da mesma jactancia , mais procuraõ agradar pelo modo com que falaõ , do que pela verdade , que prægaõ , fazendo-se escravos das suas mesmas expressões ( *b* ).

Huns pertendem de seus Ouvintes mais applauzos , do que gemidos e lagrimas ( *c* ). Outros

( *a* ) Verborum venustas invenusta est , & inelegans quælibet elegancia , ubi veritatis decor abest. S. Isidor.

Bonorum ingeniorum insignis est indoles , in verbis verum amare. S. Augst.

Veracibus sententiis ornant verba simplicia. S. Prosper.

( *b* ) In ipso etiam sermone malit rebus placere , quam verbis . . . nec Doctor verbis serviat , sed verba Doctori. S. Augst.

( *c* ) Docente te in Ecclesia , non clamor populi , sed gemitus suscitetur. Lachrimæ auditorum laudes tuæ sint. S. Hieron.

Nec

ros para se inculcarem muito instruidos, uzaõ de discursos taõ delicados, que os Ouvintes naõ entendem o que ouvem; e só admiraõ o que naõ percebem (a).

Em huma palavra: a falta da *simplicidade* Christaã he cauza d'innumeraveis defeitos, que se observaõ pelos Pulpitos.

## §. VII.

*Setima qualidade.*

**Z**elo verdadeiro. Prégar com hum dezejo efficaz da Gloria do Creador; annunciar as

C Ver-

Nec plausum a populo studeat expectare, sed gemitum. S. Prosper.

(a) Facile... indoctam concionem... decipere, quæ, quidquid non intelligit, plus miretur. S. Hieron.

Mallet cum barbarismo dici: non est absconditum a te os meum, quam, ut ideo esset minus apertum, quia magis latinum est. S. August.

Verdades eternas com o santo fim de converter, e instruir os Póvos; são dois objectos, que devem occupar toda a attençaõ do Orador Evangelico, e ser o seu unico disvélo.

Fazer, que a creatura conheça o muito, que deve ao Creador; que pondére o beneficio da mesma creação, e da regeneração; que considere o grande favor da redempção, e de todos os auxilios, que o Omnipotente concede ao homem; para que este lhe dê as devidas graças: que zelo mais santo, e mais digno do Orador Christão (a)? Cla-

---

(a) *Ponam zelum meum in te. Ezech. 23. 25.*

*Phinees . . . zelando zelum Dei, accepit testamentum Sacerdotii æterni. 1. Machab. 2. 54.*

Nos, si mercenarii Christi sumus, primum debemus aspicere quæ ad gloriam Dei pertinent, proximique profectum. S. Chrysof.

Glo



oh lastima digna de chorar-se com lagrimas de sangue!) quantos Pregadores sobem ao Pulpito sem o zelo, que só devia occupar o seu coração! quantos alli vão, unicamente movidos d'interesses mundanos inteiramente alheios do santo Ministerio! quantos sem aquella boa intenção, que só fórma o caracter dos perfeitos Oradores, e distingue os Profetas verdadeiros dos falsos!

Sim: huns vão movidos mais da vaidade, do que da caridade: elles não pertendem ganhar corações para Deos; só cuidão em agradar com a sua falsa eloquencia, e inculcar-se huns grandes

---

Optarim ipse milliès execrabilis esse, si queam per hoc vestras animas convertere. S. Joan. Chrysof.

Qui charitatem erga alterum non habet, prædicationis officium suscipere nulloatenùs debet. S. Greg. Pap.



des homens ( *a* ). Outros vendo subir ao Pulpito os seus contemporaneos ; suppondo-se com instrucção superior ( *b* ) ; com o intuito de não ficarem menos avaliados que elles , resolvem-se a tomar o officio da Prédica.

Huns não tem outro fim , senão o lucro , e interesse temporal ( *c* ). Elles , unicamente com

am-

( *a* ) Si docendi officium , vanitate placendi magis quam consulendi charitate , suscipiant , non ut aliquos doceant , sed ut se doctos ostendant . . . numquid non tales merito . . . tinnienti cymbalo comparantur ? S. Prosper.

( *b* ) Qui se existimat aliquid esse . . . ipse se seducit. Ad Galat. 6. 3.

Quid habes , quod non accepisti ? Si autem accepisti , quid gloriaris , quasi non acceperis ? Ad Cor. 1. c. 4. 7.

( *c* ) Doctor Ecclesiæ , qui . . . propter humanam gloriam , vel lucra sæculi . . . loquitur in populis . . . Nomen Dei despicit . . . & in ipsum Deum jactat contumelias. S. Hieron.

Væ , væ , væ , . . . quanti hodie infelices . . . Divina Mysteria accipiunt , non

ambição do estipendio , mettem empenhos para prégar Sermões , que estayaõ destinados para outros Oradores mais pios , mais instruidos , e mais proprios para o Ministerio; dando por isso causa a mil escandalos , e convertendo a Cadeira da Verdade em negocio lucrativo. Em huma pa- layra: elles fazem servir o Evan- gelho á sua ambição ( a ). Ou- tros finalmente pertendem com

a

---

celestem panem , sed terrenum quæren- tes ; . . non Dei honorem , sed suam am- bitionem ; non salutem animarum , sed quæstum pecuniarum . . . non vocati a Deo , sed impulsæ a diabolo , tanquam Dathan , & Abiron ! S. Bonav.

Quisquis ideò prædicat , ut hîc lau- dis , vel muneris mercedem recipiat , æterna procul dubio mercede se privat. Greg. Pap.

( a ) Quæcumque res propter aliud quæritur , sine dubio inferior est quàm id , propter quod quæritur. Si propterea evangelizamus ut manducemus , vilius habemus Evangelium quàm cibum. S. August.

a sua prédica palliar a sua iniquidade.

Ora todos estes defeitos, estas intenções taõ alheias da santidade do Ministerio bem mostraõ, que huns taes Oradores não estaõ revestidos d'hum zelo verdadeiramente Apostolico: elles não são do numero d'aquelles, por cuja boca falla o Espírito Santo (a). Não, Deos não falla n'elles; não se serve d'lles como d'instrumento para annunciar a sua Palavra. Elles são os que falaõ; sim, falaõ por si, e não por Deos: não fiando d'Elle a paga do seu trabalho, querem recompensar-se com a sua ambição, com a sua vaidade; mas a sua terrivel recompensa ser-lhe-ha ultimamente adjudicada-

---

(a) Non enim vos estis qui loquimini, sed Spiritus Patris vestri, qui loquitur in vobis. Matth, 10. 20.

cada como preço do seu salario ( *a* ).

§. VIII.

*Oitava qualidade.*

**S** *Ciencia competente.* Para ensinar os outros, he necessario primeiro instruir-se a si mesmo ( *b* ). Sendo a instrucção dos Povos huma das obrigações do Orador, como poderá elle fazer o officio de perfeito Prégador, se elle não souber o que deve ensinar? Elle he usurpador do Ministerio ( *c* ): elle tem a presumpção temeraria d'ensinar o que ainda não aprendeo ( *d* ).

Pa-

---

( *a* ) Receperunt mercedem suam. Matth. 6. 2. 5.

( *b* ) Magistrum prius oportet docere seipsum. S. Joan. Chrysof.

( *c* ) Qui nihil didicit, aliorum Doctor efficitur . . . usurpat prædicantis officium. Petr. Blesens.

( *d* ) Nemo præsumit docere artem, quam prius non habuerit addiscendo. S. Bonay.

Para o Ministro da Palavras encher completamente os deveres do seu officio, depois d'aperfeiçoado na Grammatica Latina (sem a qual não pôde perceber o verdadeiro sentido dos Livros Latinos), elle tem necessidade de ser instruido.

1.º Em *Rhetorica*, sem a qual elle não poderá formar hum discurso perfeito, claro, tocante, e persuasivo. Da qual falarei na Segunda Parte.

2.º Na *Logica*, que verdadeiramente he (para assim o dizer) a *Porta das Sciencias*. Ella tem por objecto polir o entendimento, dar-lhe huma boa noção das idéas, e ensinallo a discernir o verdadeiro do falso. Sem ella não pôde o Prégador discorrer com hum juizo sã.

3.º Na *Metaphizica*, que se divide em tres partes: 1.ª *Ontologia*, que dá a conhecer o Ente em geral, e todos os seus predi-  
ca-

cados , propriedades , e relações ; aperfeiçoa a obra da Logica , applicando os preceitos d'ella a certos argumentos ; e he , propriamente falando , a *Pratica da Logica* : 2.<sup>a</sup> *Cosmologia* , que he a Sciencia do Mundo , dos principios , e origem dos corpos , e da ordem do Universo ; e que dá huma boa prova da Existencia de Deos : 3.<sup>a</sup> *Pneumatologia* , que tracta dos Espiritos ; e comprehende a *Psycologia* , que tem por objecto explicar a natureza da Alma Racional , as suas potencias , liberdade , e immortalidade. Conhecimentos muito proveitosos ao Orador Christão.

4.<sup>o</sup> Na *Ethica Christam* , que he huma Sciencia , que ensina os meios , e prescreve as regras proporcionadas para alcançar a Felicidade Eterna. Declara os vicios contrarios á Lei Santa ; e o meio de os evitar. Mostra as

Vir-

Virtudes, e a sua pratica. Como poderá o Orador sem esta Sciencia prégar Sermões Moraes?

5.º Na *Theologia Dogmatica*, que he a Sciencia das Santas Escrituras, exposta segundo os sentimentos da Igreja, e dos Santos Padres, e reduzida a certa ordem, e methodo. Ella ensina os Dogmas da Fé. Sem ella não póde o Orador prégar Sermões de Mysterio.

O estudo d'esta Sciencia pede indispensavelmente a lição da Escritura Santa, da Tradição, dos Concilios, dos Santos Padres, e da Historia da Igreja. De tudo isto deve o Orador ter huma boa noção; e com especialidade, das Santas Escrituras, em que necessita de ser bem instruido, principalmente nos Profetas, e no Testamento Novo.

Taes são as luzes, de que deve ser dotado aquelle, que quizer ser hum perfeito Orador.

Sem

Sem esta instrucção he moralmente impossivel (segundo as forças humanas) compôr hum discurso perfeito, que ensine, que agrade, que convença, que persuada, e que finalmente mova. O que acabo de dizer, deve entender-se do Orador, que compõe os Sermões que préga.

Naõ he necessaria a sobredita instrucção aos Oradores, que naõ compõem; e só prégaõ os Sermões, que outros compuzeraõ. Elles naõ necessitaõ de tantas luzes: basta-lhes o que a Rhetorica ensina a respeito das ultimas duas partes d'ella, que-ro dizer, *Memoria*, e *Pronúncia* (a).

Advirto ultimamente, que estes Prégadores saõ pouco bem conceituados: muitos Criticos fazem-lhes suas fatyras, pelo  
mo-

---

(a) Veja-se a Segunda Parte Cap. XIX.



motivo de pré-garem o que outros compõem. Porém Santo Agostinho não he d'este parecer: elle diz, que se não deve reputar por máo Prégador aquelle, que usa dos Sermões d'outro, se tendo o ár de os recitar bem, não tem o talento de os fazer (a). A sua prédica não deixará de ser util, se elle tiver as mais circumstancias necessarias.

## §. IX.

*Nona qualidade.*

**D**outrina *solida*. Não deve o Ministro do Evangelho prégar aos Póvos doutrina diffe-

---

(a) Sunt quidam, qui bene pronuntiare possunt; quid autem pronuntient excogitare non possunt. Si ab aliis sumant eloquenter sapienterque conscriptum, memoriæque commendent, atque ad populum proferant . . . non improbè faciunt. S. August. l. 4. *de Doctrin. Christian.*

ferente da do Christianismo ,  
 que professa (a) : aindaque use  
 de expressões novas , não seja  
 para annunciar novos Dogmas  
 (b) .

Nas Santas Escrituras tem o  
 Orador Evangelico tudo o que  
 se póde desejar : alli achará o  
 que he util para ensinar o Dog-  
 ma , para arguir , e tirar o erro ,  
 para reprehender a desordem , e  
 para instruir na justiça , e santi-  
 dade (c) . Segundo o Concilio  
 de Colonia , elle deve esmerar-  
 se mais em explicar o Evange-  
 lho ,

---

( a ) Annuntiare aliquid Christianis  
 Catholicis præter id , quod acceperunt ,  
 nunquam licuit , nunquam licet , nun-  
 quam licebit. Vincent. Lyrin.

( b ) Eadem , quæ didicisti , ita do-  
 ce , ut cum dicas novè , non dicas nova.  
 Idem.

( c ) Scriptura Divinitus inspirata ,  
 utilis est ad docendum , ad arguendum ,  
 ad corripiendum , ad erudiendum in jus-  
 titia. 2. ad Timoth. 3. 16.

Iho, e as Epistolas (a); fugindo sempre de dar a sua propria interpretação (b) ás Divinas Escrituras, mas expondo-as segundo os sentimentos da Igreja, e dos Santos Padres.

Na fonte pura das Escrituras Santas he aonde tem necessidade de beber o Ministro do Evangelho (c): da sua lição deve colher

a

---

(a) Potior pars. . . Evangelio detur & Epistolis explicandis. Concil. Coloniense.

(b) Hoc primum intelligentes, quod omnis prophetia Scripturæ propria interpretatione non fit. 2. Petr. 1. 20.

(c) Qui ad veræ prædicationis verba se præparat, necesse est, ut causarum origines a Sacris Pagineis sumat; ut omne, quod loquitur, ad Divinæ auctoritatis fundamentum revocet, atque in eo ædificium suæ locutionis firmet. S. Bonav.

Sermo Scripturarum lectione conditus fit. S. Hieron.

Juxta Sacri Eloquii doctrinam universa discas & doceas. . . non supra, non extra, non contra. Petrus Blesens.

Di-

a doutrina sam, a doutrina pura; a fim d'annunciolla aos Povos na sua mesma pureza, e não cheia de corrupçãõ, como os falsos Profetas (a).

Conforme o mesmo Concilio de Colonia (b) elle não deve contar historias fabulozas; tocando só as verdadeiras no que for util para a imitaçãõ; e não referindo Milagres, que possaõ ser suppostos: e que não estejaõ provados com testemunhos authenticos.

O Concilio de Trento (c)  
man-

Dicat quod ex Divina lectione dedicerit. S. Prosper.

(a) Puros . . . Scripturæ Sacræ sensus evanidis suis dogmatibus admiscentes, doctrinam adulterant. S. Isidor.

(b) Si fabulosa videbitur historia, ne attingat quidem: si verisimilis, leviter decerpatur quæ imitanda videantur. Miracula ne impudentius jactentur, nisi quæ scripturis prodita . . . summâ cum historiæ fide tradita fuerint, Concil. Colon.

(c) Concil. Trid. Sess. 25. Decret. de Purgatorio.

manda, que se não préguem ao Povo rude questões difficeis, as quaes ostentando subtileza nem edificaõ o Auditorio, nem promovem a piedade: que não se annunciem materias duvidosas, e que sejaõ suspeitas de falsidade: elle finalmente prohibe, como cousa escandalosa, prégar tudo o que cheira a curiosidade, á superstição, a hum lucro torpe, e ambicioso.

O Apostolo recommenda a Timotheo (a), que fuja de propôr questões loucas, e sem doutrina; recommenda a Tito (b), que evite questões vans, e inuteis, como opposiçoens da Lei.

Taes são as regras, que parece conveniente propôr ao Ministro da Palavra: taes são as

D

---

(a) Stultas autem & sine disciplina quæstiones evita. 2. ad Timoth. 2. 23.

(b) Stultas autem quæstiones . . . & pugnas legis evita: sunt enim inutiles & vanæ. Ad Tit. 3. 9.

que elle deve ponderar : taes saõ as que elle deve seguir , e pôr em execuçaõ ; a fim de naõ vituperar o Ministerio com discursos alheios d'elle , mas sim d'ensinar o que pertence ao Dogma , e aos costumes ; desterrar inteiramente dos coraçõens o erro , e o engano ; corrigir o vicio , e a iniquidade ; instruir os homens na santidade , e na justiça.

O discurso , que naõ contenha doutrina para estes quatro fins , naõ merece o nome de Sermão ; he indigno de publicar-le no lugar santo á face dos Sagrados Altares. He huma especie de sacrilegio profanar o santuario com discursos , que naõ respiraõ santidade , que naõ promovem a virtude , e que naõ mostraõ respeito ao lugar , em que se fala.

Ah ? Quantos Sermoens se ouvem , que naõ saõ menos que hum discredito do pulpito , hum

vilipendio do Ministerio, huma profanação do mesmo Santuario! Ver a Cadeira do Evangelho transtornada em aula de questoes vans, inuteis, e muitas vezes prejudiciaes a quem as ouve, he mais que horror.

## §. X.

*Décima qualidade.*

**L**iberdade em reprehender. A Eloquencia não póde produzir todo o seu effeito, se ella não for acompanhada d'huma perfeita *liberdade*. Sim, esta qualidade he tão necessaria ao Prégador Evangelico, que sem ella he mui raro, que elle prégue hum Sermaõ, que não seja defeituozo. Porque o discurso, para ser eloquente, deve ser natural; para ser natural, deve ser livre em todas as suas partes. Ora faltando esta prerogativa,

fem duvida a Eloquencia vai opprimida, cativa, e, para assim o dizer, defnaturalizada. He pois necessaria ao Orador huma completa, e inteira *liberdade*, tanto para formar o seu discurso, e fazer conceitos a proposito, como para falar com a voz proporcionada á materia de que trata, e acompanhar as suas palavras com acçoens naturaes, vivas, e cheias de decóro.

A Sobre tudo, a *liberdade* em reprehender o vicio fórma hum perfeito caracter do Prégador do Evangelho. Elle deve arguir tudo o que he contrario á Lei Santa. Aindaque os libertinos não gostão de vêr censurada a sua vida licenciosa, nem perturbada a sua consciencia, nem por isso o Ministro Sagrado deve deixar de clamar contra a iniquidade. Clame, e torne a clamar: inste, e torne a instar: proponha a verdade com zelo, com



efficacia , valendo-se de tudo o que he conducente para inspirar a seus Ouvintes sentimentos de Religiaõ.

Sim , deve clamar , e lançar em rosto ao peccador a sua malicia (a) : deve prégar a verdade , instar (b) , arguir , e reprehender. Naõ tema desagradar aos homens ; ponha unicamente os olhos em Deos. Para se confirmar em hum valor taõ santo , naõ he necessario lembrar-se do conceito do Apostolo (c) ; basta reflectir no documento d'hum antigo Filosofo Pagaõ (d) : elle diz ,, que o homem sabio naõ ,, deve trabalhar por agradar aos ,, homens ; mas sim por agradar ,, aos

---

(a) Isaias 58. 1.

(b) 2. ad Timoth. 4. 2.

Sine timore Verbum Dei loqui. Ad Philip. 1. 14.

(c) Si adhuc hominibus placerem , Christi servus non essem. Ad Galat. 1. 10.

(d) Plat. in Phedr.

„ aos Deoses „. Felizes os Oradores Christãos, se se aproveitarem d'esta doutrina, não obstante ser d'hum Gentio.

Deve porém o Orador n'esta materia ter presentes algumas advertencias:

1.<sup>a</sup> Huma grande circumspecção, e exacta prudencia em reprehender os vicios, que sabe só pelo meio da Confissão Sacramental: a fim de não haver alguma infracção do sigillo; e por conseguinte, de não incorrer nas penas impostas (a) contra os infractores do mesmo sigillo. E aindaque a culpa não seja tal, que mereça as ditas penas, com tudo havendo alguma revelação, sempre n'este Bispado de Coimbra

fi

---

(a) Depozição, e reclusão perpetua em hum Mosteiro. Cap: Omnis utriusque sexus, de Pœnit. & Remissionib.

fica sujeito á pena (a), que impõem as Constituições.

2.<sup>a</sup> Reprehender do Pulpito os vícios em geral, e nunca os sujeitos, que os commettem: clamar contra a iniquidade, e não contra as Pessoas; ainda que tenham alguma nota pública. Porque esta liberdade, além de não produzir hum effeito laudavel no sujeito, he mui propria para o enfurecer, e irritar, para talvez o confirmar por timbre na sua desordem, e para lhe publicar mais os seus defeitos: consequencias todas oppostas á caridade.

Quando porém o sujeito delinquisse na mesma presença do Auditorio, poderia ter lugar ahi mesmo a correcção da sua

---

(a) Suspensão do officio de pregar por tempo d'hum anno, &c. Const. de Coimbra tit. 4. Const. 8. n. 4.

ousadia, para exemplo dos outros (a).

3.<sup>a</sup> Usar d'huma santa astucia, quando tiver de clamar contra as delordens das Pessoas distinctas ou pela nobreza do sangue, ou pela sua dignidade. Não deve o Prégador falar de modo, que os Grandes do seculo venhão a entender, que elle sabe a sua malicia; para que não imaginem, que o Orador vai armado contra elles; e para que não fiquem mais irritados do que movidos. Depois d'esta cautela, não deve logo atacar o vicio; mas usar d'alguns meios como disposições para o fim. Não posso explicar-me cabalmente, sem me valer d'hum exemplo.

Supponhamos, que pertende o Orador do Evangelho clamar  
con-

---

(a) Peccantes coram omnibus argue; ut & ceteri timorem habeant. 1. ad Timoth. 5. 20.

contra a injustiça, com que os homens poderosos vexaõ, e opprimem os pobres. Deve

1.º Tirar os prejuizos, com que os Grandes do Mundo vivem ordinariamente allucinados, e persuadidos de que a elevação, e a riqueza os dispensa da obrigação de se compadecerem dos miseraveis.

2.º Imprimir em seus corações huns sentimentos pios, pelos quaes elles considerem, que os pobres saõ igualmente filhos de Jesus Christo; que tambem foraõ remidos pelo Sangue do Salvador; e que juntamente com elles saõ membros do mesmo Corpo Mystico da Igreja.

3.º Inflammallos no amor do proximo, movendo-os á compaixão para com os desvalidos; representando-lhes as misérias, as necessidades, as angustias, que padecem pela sua pobreza; e fazendo-lhes ver

com

com a energia mais terna o quanto as suas tribulaçoens se augmentaõ , quando se vem maltratados, opprimidos, e vexados pelas Pelloas poderozas.

4.º Depois de se valer d'estas dispoziçoens , póde o Orador entrar a reprehender os vexames injustos , com que os grandes opprimem os pobres ; tendo sempre a cautella de naõ dar a conhecer que sabe a mesma injustiça. E para isto será conveniente , que naõ fale nos vexames , que saõ publicos ; mas sim em outros , ainda que sejaõ menos graves , que tenhaõ alguma semelhança com elles. Com esta prudencia póde o Prégador arguir , clamar , e indignar-se contra huns taes vexames taõ vergonhozos ao Christianismo , taõ oppostos ás leis da caridade , e taõ abominaveis á sociedade humana ; valendo-se da authoridade das Santas Escripturas , da

dou-

doutrina dos Santos Padres, e da mesma Razaõ natural.

E se o Orador, attendendo á indole dos fugeitos, julgar conveniente para a sua perfeita emenda o persuadir-lhes, que a compaixã dos desvalidos os faz naõ só merecedores na presença de Deos, mas tambem amaveis, estimados, e dignos de todo o respeito para com os homens; elle sem duvida poderá valer-se tambem d'este meio, a fim de os fazer entrar em si, e deziistirem dos seus vexames injustos.

Da mesma prudencia deve uzar o Prégador na reprehensã dos vicios notorios das Pelloas d'Officio publico, ou sejaõ Ecclesiasticas ou seculares: valendo-se d'argumentos proporcionados, e respectivos ao estado, e occupaçaõ d'aquelles, cujos defeitos saõ objecto do seu discurso: Considerando sempre, que o vicio nunca merece

o ser respeitado nem ainda nos maiores Principes.

Se o Prégador fizer hum Sermão com esta prudencia , e astucia , sem duvida os seus Ouvintes entrarão em si ; mudarão de vida ; emendarão os seus costumes ; deixarão a injustiça ; converter-se-hão ao Senhor. Elles não se irritarão contra o Prégador , que mostra não ser sabedor das suas culpas ; e por isso capacitar-se-hão , que elle os não quer offender ; porque não fala nos seus defeitos , mas em outros semelhantes : e se estes forem mais leves , mais conhecerão a enormidade das suas culpas mais graves. Elles em fim se persuadirão , que o Orador pertende dezempanhar o seu Ministerio.

Quando porém o vicio d'algum dos Grandes do Mundo disser respeito á Fé , quando inficionar a pureza d'algum Dogma , se a prudencia , que fica in-



insinuada , não for sufficiente para rebater o erro , e para livrar os Póvos d'huma infecção tão pernicioza; não duvide o Ministro do Evangelho clamar contra a dezordem , para que não faça maiores progressos : opponha-se como hum forte muro : zele a cauza da Religião : sollicite a mesma honra de Jesus Christo ; aindaque seja á custa do seu proprio sangue (a) . Lembre-se do valor, com que o Chefe do Collegio Apostolico falou na presença dos Principes da Synagoga (b) ; imite a constancia do primeiro Martyr Santo Estevaõ, não tema o ser apedrejado (c) . Não recee o ser prezo , como o Apostolo (d) , nem ainda ser de-

---

(a) Ecce ego mitto ad vos Prophetas, & sapientes . . . & ex illis occidetur . . . & ex eis flagellabitur. Matth. 23. 34.

(b) Act. 4. 8.

(c) Act. 7. 57.

(d) Act. 21. 30. Ad Philip. 1. 13.

golado, como elle mesmo, e o Baptista: não tenha medo de ser crucificado, como Pedro, e Andre; esfolado vivo, como Bartholomeo; assado, como Lourenço. Faça-se constante, e superior aos tormentos dos mais Apostolos, e de tantos Martyres. Tema unicamente os castigos eternos (a), que o Supremo Senhor das Nações fulmina contra os impios.

Ultimamente deve o Orador do Evangelho advertir, que huns vicios são mais communs a certos Paizes. E como hum Sermaõ deve ser proporcionado em tudo, seria conveniente, que o Prégador, antes de compôr o seu discurso Moral, se informasse do vicio dominante d'aquelle Paiz, para o impugnar; e para não cahir no defeito de prégar hu-

---

(a) Potius time te eum, qui potest & animam & corpus perdere in gehennam. Matth. 10. 28.

huma doutrina, que não convém ao Auditorio.

Aonde reina a ignorancia da verdadeira justiça ; a superstição ; o erro , ou abuzo dos Sacramentos , ou a negligencia em frequentallos ; prégue-se contra estes vicios. Aonde reina a profanação dos dias festivos ; e as dezordens do Carnaval ; prégue-se contra estes vicios. Aonde reina a usura , o furto , e o espirito de demandas , prégue-se contra estes vicios. Aonde reina o juramento falso , a blasfemia , a murmuração , e a mentira , prégue-se contra estes vicios. Aonde reina a impureza , e a embriaguez , prégue-se contra estes vicios. Aonde reina a ociosidade , e o luxo , prégue-se contra estes vicios. Taes são as regras , que parece conveniente propôr n'esta materia.

Tema o Prégador covarde faltar ao seu dever ; tema não

dezenpenhar o seu Ministerio ; com razão deve temer , fenaõ reprehender a iniquidade (a) .

Naõ se confunda , naõ tema o falar na presença dos mesmos Reis (b) sobre os negocios da eternidade , sobre os interesses do Christianismo (c) . Tema o ficar comprehendido na mesma reprovaçaõ , em que incorrem os  
que

(a) Ille . . . cui dispensatio verbi commissa est , etiamsi sancte vivat , & tamen perditè viventes arguere aut erubescat au metuat , cum omnibus , qui eo tacente perierunt , perit. Et quid ei proderit non puniri suo , qui puniendus est alieno peccato ? S. Prosper.

Si ab increpatione . . . reticueritis , quia contra vos o lia insurgere reformidatis , jam non Dei lucra , sed vestra quæritis. Concil. IV. Mediolan.

Nihil in Sacerdote tam periculõsum apud Deum . . . quàm quod sentiat non liberè denuntiare. S. Ambr.

(b) Loquebar in testimoniis tuis in conspectu Regum , & non confundebat. Psalm. 118. 46.

(c) Quis verum audebit dicere , si sacerdos non audeat ? S. Ambr.

que não emendaõ os seus costumes pelo silencio do Orador (a).

Elle para impugnar o vicio com efficaçia, deve valer-se dos meios proporcionados, que faõ propôr o medo dos castigos eternos, e persuadir a esperança do premio, e a confiança na Mizericordia de Deos. Mas deve explicar-se com tal prudencia, que

E nem

(a) Si . . . non fueris locutus, ut se custodiat impius a via sua, ipse impius in iniquitate sua morietur, sanguinem autem ejus de manu tua requiram. Ezech. 33. 8.

Si Sacerdos non dixerit erranti, is, qui erraverit, in sua culpa morietur; & Sacerdos reus erit pœnæ, qui non admonuit errantem. S. Ambr.

Qui alium ab errore non revocat, se ipsum errare demonstrat. S. Leo Pap.

Error, cui non resistitur, approbatur. Felix Pap. III.

Non ascendistis ex adverso, nec opposuistis murum pro Domo Israel. Ezech. 13. 5.

Canes muti non valentes latrare. Isaías 56. 10.

nem esta confiança lifongee o peccador para persistir na sua iniquidade; nem aquelle temor o aterre, e confunda de forte, que elle venha a perder a esperanza da salvaçaõ. E para se capacitar d'esta importante verdade, faça reflexaõ sobre a doutrina de S. Joaõ Chrystostomo:

„ O Prégador, diz elle, deve  
 „ acautelar-se de produzir taes  
 „ sentimentos em seus Ouvin-  
 „ tes, que pelo demaziado te-  
 „ mor elles venhaõ a perder hu-  
 „ ma justa confiança da Miseri-  
 „ cordia de Deos „. Em huma  
 palavra: deve o Orador procu-  
 rar a convertaõ do peccador, e  
 não a sua dezesperaçaõ.

## §. XI.

*Undecima qualidade.***N**aturalidade no discurso.

Naõ ha cousa, que mais se opponha á verdadeira Eloquencia, do que a escravidaõ, com que alguns Prégadores se esmeraõ em formar o seu discurso compassado em todos os periodos, e ainda nas palavras, querendo exprimir os seus conceitos pela cadencia das vozes. Huns procuraõ numerar todas as syllabas do seu discurso: outros uzaõ de palavras exquisitas, e de frases escolhidas. Huns observaõ sempre a mesma cadencia, a mesma harmonia: outros falaõ em tudo com o mesmo som. Huns medem as suas acções como por compasso: outros fazem as mesmas acções taõ affectadas, e taõ descompostas, como alheas do lugar. Defeitos, in-

teiramente, oppostos á Eloquencia, como contrarios á *naturalidade*, com que as couzas devem exprimir-se, e os conceitos formar-se.

A observancia da natureza deve ser o principal objecto do Orador. Elle para ser eloquente, deve pôr todo o cuidado em que o seu Sermaõ seja natural em todas as partes. A composiçaõ deve ser conforme á natureza do que se tracta: as frases, os conceitos, as sentenças, as figuras, as palavras, as expressões, o gesto, e as acções tudo deve ser natural.

Mas d'aqui não se infere, que o Prégador deva desprezar o artificio no seu discurso. Elle deve servir-se dos preceitos da Arte, para occultar os defeitos da natureza, que não podem evitar-se sem huma grande precauçaõ. Porque a natureza, depois do peccado original,



nal, ficou rude, cheia de mil defeitos, e grosserías, que a corrupçaõ lhe introduzio. Ora só pelo estudo da Arte he que ella póde polir-se, e purificar-se. Donde se segue, que o Orador deve

1.º Fazer toda a diligencia, para que a natureza obre, e se manifeste no seu discurso:

2.º Procurar, que a mesma natureza se reprezente, e appareça livre de tantos defeitos, com que a depravaçaõ a offuscou:

3.º Advertir, por consequencia, que a Arte não deve servir para desterrar a natureza; mas sim para aperfeiçoalla.

He necessario com tudo, que o Prégador tenha cautela d'encobrir o artificio; para que o seu discurso pareça mais natural, do que artificiozo.

lim ab aisi §. XII. *cap. 12.*

s. sup. *cap. 12.*

12. *Duodécima qualidade.*

to pelo estudo da Arte de que

**F**ormalidade no Sermaõ. He esta hum prerrogativa indispensavelmente necessaria no discurso; para que as partes d'elle fórmem hum todo perfeito, e completo. As prõvas, os argumentos, as confirmações, os conceitos, as sentenças, as expressões, em huma palavra, tudo quanto o Orador disser no seu Sermaõ, tudo deve dirigir-se a provar o assumpto, que tirou.

Este deve ser hum dos principaes pontos, a que o Ministro do Evangelho tem necessidade d'attender; a fim de que as partes do discurso se ajudem (para assim dizer) mutuamente humas ás outras, e todas prõvem, e confirmem a proposição.

XIX 2

Mas

Mas devem evitar-se alguns defeitos, em que muitos Oradores cahem pelo demaziado empenho, que tem de serem formaes nos seus Sermões. Por isso he necessario, que o Prêgador

1.º Não tenha empenho d'estar a cada instante a provar aquillo, de que ninguem duvida, e que he evidente. Porque estas próvas muitas vezes não são tão manifestas, como aquillo mesmo, que se pertende provar; e em lugar d'aclarar mais o ponto, o fazem mais duvidoso.

2.º Não tome por emprêza o estar horas e horas a dizer sempre sobre a mesma couza, fazendo timbre de não sahir do mesmo ponto. Porque isto, além d'enfastiar os ouvintes, dá a entender, que o Orador ou não tem mais que dizer, ou está preoccupado da presumpção, e del-

desvanecimento de parecer formal.

3.º Não duvide sair do ponto, e fazer alguma digressão, que seja a proposito: mas de modo que depois torne ao seu principal deznio.

4.º Evite o enfadonho cuidado, que alguns Oradores tem, d'estarem a cada passo referindo tudo o que dizem para o assumpto, que tiráráo.

5.º Se julgar conveniente, para melhor fazer conhecer a verdade, e para persuadilla com mais efficacia, o fazer alguma repetição, não duvide fazella.

Em huma palavra: o Orador não deve ligar-se a humas taes *formalidades*, que as vezes lhe custão muito; que sempre importaõ pouco; e que nunca valem nada para a Eloquencia do Pulpito. Porque a verdadeira *formalidade* não consiste em não sair do ponto, nem  
em

em estar a dizer sempre sobre a mesma couza, nem em fazer repetições odiosas; mas sim em conseguir o fim, que o Orador pertende.

### §. XIII.

#### *Decima terceira qualidade.*

**N**ovidade no discurso. Os homens, por hum appetite natural quazi inevitavel, amaõ a novidade em todas as couzas. E para que elles se naõ enfastiem d'ouvir ao Prégador o mesmo, que já ouviraõ a outros, he necessario, que elle dê alguma *novidade* ao seu Sermão.

Ella naõ póde admittir-se em materia de Religiaõ: e todo aquelle, que neste ponto quizesse introduzir alguma couza nova, sería indigno do Ministerio. Porque a materia d'hum dis-

discurso Evangelico tanto não deve ser nova, que nem ainda o deve parecer (a): ella não seria attendida, se não tivesse o caracter respeitavel da antiguidade.

As verdades eternas são, sempre foraõ, e haõ de ser as mesmas: por isso ellas não podem admittir *novidade* em si mesmas substancialmente. O modo de as propôr he que pôde ser novo: no modo de as dizer he que pôde dar-se a *novidade*: no desenho, e na idéa he que está toda a *novidade* do discurso. Qualidade que não só he util, mas tambem muitas vezes necessaria; para que o Sermaõ faça impressãõ em alguns Ouvintes,

---

(a) Annuntiare aliquid Christianis Catholicis præter id, quod acceperunt, nunquam licuit, nunquam licet, nunquam licebit . . . . Eadem, quæ didicisti, ita doce, ut cum dicas nove, non dicas nova. Vincent. Lyria.

tes, que sempre querem ouvir alguma couza de novo.

O mesmo Jesus Christo explicando as verdades muito antigas em si mesmas, Elle as expõe por Parábolas, que tem hum grande sabôr de *novidade*. E d'essa sorte Elle approva o modo de tratar a sua Palavra com dilicadeza e *novidade* util. Elle mesmo diz a seus Discipulos (depois d'affirmarem que tinham entendido as Parabolas, por que Elle lhes havia fallado): „ Por isso todo o que „ he bem versado naquillo, que „ respeita ao Reino dos Ceos, „ he semelhante ao Pai de familias, que tira do seu thezouro couzas novas e velhas „ (a) „

Do que fica dito se infere  
1.º que a *novidade* não he estranha á Eloquencia do Pulpito ;

---

(a) Matth. 13. 52.

to ; antes muitas vezes he necessaria : 2.º que nas verdades eternas não póde dar-se *novidade* substancial. Resta agora dizer , em que consiste hum discurso novo.

Póde o Orador Evangelico dar alguma *novidade* ao seu Sermão.

1.º No modo d'expór a verdade santa , eterna , e invariavel uzando d'huma tal idéa , que a Verdade antiga como he , pareça tambem nova. Santo Agostinho ( *a* ) approva esta *novidade* , a fim d'evitar-se o fastio d'ouvir sempre a mesma couza pelo mesmo modo : o que costuma disgoftar não só os Ouvintes bem instruidos ; mas ainda os mesmos rusticos.

2.º Nas razões proprias para  
mo-

---

(*a*) Una eademque res ideo multis modis dicitur , ut modus ipse dicendi propter fastidium varietur. S. August.



mover e persuadir : advertindo , que ellas não sejaõ exquisitas , nem apartadas do sentido commum ; mas solidas , judiciozas , e claras : e que sejaõ taõ naturaes , que entrem mesmo no entendimento e coração dos Ouvintes. E d'esta sorte , ellas tem huma força natural para persuadir.

3.º Nos Conceitos , que nunca devem ser alheios do sentimento commum : sejaõ novos , mas não sejaõ extravagantes : sejaõ novos , mas não sejaõ affectados. Tenhaõ os pensamentos a sua *novidade* , mas *novidade* , que seja natural , fábia , racionavel , e sólida. Sejaõ novos ; mas não sejaõ quimericos : tenhaõ *novidade* ; mas tenhaõ tambem a qualidade de serem bem trazidos , e bem applicados. Alem disto : os pensamentos devem ter algumas condições , para serem judiciozos.

1.<sup>a</sup> Devem os pensamentos ser verdadeiros: porque, sendo falsos, não só são inaptos para persuadir, mas também indignos do lugar da Verdade.

2.<sup>a</sup> Devem ser edificantes, e proprios a fazer capacitar os Fieis do conhecimento dos seus deveres, e a persuadir lhes o cumprimento das suas obrigações.

3.<sup>a</sup> Devem ser claros de forte, que o Auditorio não só os perceba, mas que seja impossivel não os entender.

4.<sup>a</sup> Devem ser formados, e postos naquella parte do discurso, em que não perturbem a boa ordem d'elle, e fação a impressãõ, que o Orador pretende.

5.<sup>a</sup> Devem exprimir-se, não com palavras barbaras ou defuzadas, mas sim conforme a locuçãõ commua e natural; para que não se limitem a entreter

ter os entendimentos, mas passem a ferir os corações.

6.<sup>a</sup> Devem ser ornados com moderação, e sem affectação; quero dizer devem ser revestidos d'hum ornato simples e natural. Taes são as condições, que deve ter o pensamento, e o conceito d'hum Oração Evangelica.

4.<sup>o</sup> Póde tambem o Orador uzar d'alguma *novidade* nas suas expressões; não excogitando palavras novas; mas valendo-se das uzuaes, e dando-lhe hum tal combinação, que ellas signifiquem o que antes não significavaõ. Com tanto que sempre tenhaõ hum sentido natural. (a)

5.<sup>o</sup> Nos sentimentos pode dar-se *novidade*. Assim como os conceitos, e os pensamentos, que são productos do entendimen-

---

(a) Veja-se pag. 85.

mento, admittem novidade assim tambem a admittem os sentimentos, que são producto do coração. Os pensamentos são novos pela nova fineza, com que se fórmaõ: da mesma sorte os sentimentos são novos pela nova delicadeza, com que se exprimem. A estes novos sentimentos, que com a sua delicadeza penetraõ o mesmo interior da alma, he que muitos peccadores devem a sua conversação. Por isso, diz Cicero (a), que „ todo o estudo, toda a Arte, e toda a Eloquencia será „ inutil, se ella se não applicar „ continuamente a bem dirigir „ os affectos e os sentimentos do „ Auditorio „.

6.º Nas authoridades, e citações póde haver alguma novidade. Não deve o Prégador buscar authoridades differentes das da

---

(a) 3. de Orat.

da Escriitura Santa, e Padres da Igreja: mas d'estas melmas he que deve aproveitar-se, procurando aquellas, de que os outros Oradores naõ costumaõ servir-se.

Sim, a liçaõ bem attenta da Escriitura, e dos Padres, com facilidade mostrará a cada passo novos argumentos, novas prõvas, novas expressões, novos sentimentos, que possaõ dar a *novidade* aos discursos Evangelicos

§. XIV.

*Decima quarta qualidade.*

**U**Nçaõ. He esta aquella doçura, e suavidade, que deve ser natural no Orador Christaõ; a fim de que os seus discursos sejaõ capazes de mover e tocar os corações.

Quando hum Prégador fórma os seus conceitos, expõe

F os

os seus sentimentos, uza das suas expressões com tal modo, que dá a conhecer a seus Ouvintes, que o seu coração está cheio de ternura, de caridade, e de zelo para com elles mesmos; sem duvida elle tem a unção sufficiente para excitar no Auditorio sentimentos pios, e Christãos. Então o seu discurso tem abundancia de movimentos suaves, e affectuosos, os quaes, segundo o grande Mestre da Eloquencia,, são igualmente proprios para todas as partes do discurso, sem alguma excepção,, (a). Elle tem a unção, que Santo Agostinho denomina estylo salutar, e favoravel (b).

He necessario advertir, que esta doçura, e unção não he incompativel com aquella vehemen-

---

(a) Cicer. 3. de Orat.

(b) Aug. l. 4. de Doctr. Christian.

mencia d'algum modo arrebatada, em que o Orador muitas vezes he obrigado a romper conforme a materia do Sermaõ. Antes pelo contrario, a unção faz, que a Oração seja mais vehemente.

Esta unção consiste em hum seguimento natural, e continuado de diversas expressões affectuozas, que muitas vezes se fazem em poucas palavras. As interrogações curtas; os apóstrofes a Deos, aos Santos, e aos mesmos homens; as admirações breves; os dezejos ardentés; as frases ditas com alguma novidade; as expressões d'hum modo vivo e compendiozo; tudo isto, dito d'humã maneira suave, mostra humã grande unção no Orador; e não pôde deixar de a produzir nos mesmos Ouvintes.

E para que se consiga este fim deve o Prégador pôr toda

a diligencia, em que os seus movimentos não tenhaõ nem ainda o mais leve ar d' affectação; mas que sejaõ de tal modo ordenados, que, segundo o sentir de Quintiliano, pareçaõ nascidos do natural de Orador, e das couzas, que elle diz (a). Em huma palavra: devem ser naturaes os movimentos do Orador.

## §. XV.

*Decima quinta qualidade.*

**E** *Legancia da expressão.* Ella não consiste em outra couza mais, que em exprimir muitos pensamentos em poucas palavras. Com ella se dá huma grande formozura ao discurso: com ella se movem os Ouvintes, e lhes persuade o Orador com facilidade o que pertende. Mas  
pa-

---

(a) Quint. l. 6. C. 2.



para que a expressão seja elegante, convém

1.º Que ella se diga com alguma novidade: esta não deve consistir em palavras novas, e ainda não recebidas pelo uzo commum; mas sim em huma composição de palavras antigas, e uzuaes, combinadas de tal modo, que tenhaõ huma applicação especial, e formem hum sentido novo. Como querendo nós arguir o peccador do descuido da salvação, podemos uzar d'esta expressão: *O demonio tem mais cuidado na vossa alma, do que vós mesmos: Que desgraça! e que vergonha!* Esta he huma expressão, que em poucas palavras dá a entender muito: he nova, constando de palavras muito antigas. Eu sei, quem com ella tem feito fortes impressões.

2.º Que haja variedade nas expressões; e que não se digaõ sempre com as mesmas palavras, ain-

ainda que haja de dizer-se a mesma couza.

3.º Que a expressaõ seja clara; para que o Auditorio perceba o sentido d'ella: por que tudo o que escurece a expressaõ, sem duvida lhe tira a maior elegancia.

4.º Que não seja affectada; quero dizer que, o Orador não seja apaixonado pela expressaõ; que não dê signaes de que a favorece; que faça por muito de não uzar d'ella segunda vez no mesmo Sermaõ, principalmente se ella for brilhante.

5.º Que seja natural, e não repugnante á razãõ de quem a ouve.

6.º Que não seja brilhante: só se esta for taõ natural, e accommodada á materia, que seja quasi inevitavel o uzar da mesma, sem a qual se não possa explicar cabalmente o conceito, ou o pensamento do Orador.

dor. Mas não sendo a expressão brilhante, e florida tão necessária, como acabo de dizer, não deve o Prêgador Evangelico uzar d'ella; 1.º porque ella ordinariamente se limita a lizongear o ouvido, sem passar a mover o coração: 2.º porque a mesma grandeza do Ministerio Sagrado está dictando huma perfeita renúncia de tudo o que he florido, brilhante, e pompozo, e não serve para o fim do mesmo santo Ministerio: 3.º porque he mais propria na Oração Evangelica huma expressão grosseira, que toca e move os corações, do que outra florida e brilhante, que não faz mais que entretêr e agradar. Pois „ de que serve huma chave d' „ oiro, se ella não presta para „ abrir a porta? E que impor- „ ta que seja de páo se ella a- „ bre? ( a ) „ D'a

---

(a) S. August. l. 4. de Doct. Christi.

D'aqui não se infere, que o Orador Christão deva abandonar o ornato nas suas expressões. Elle deve ornallas com elegancia, revesti-las d'hum ornato, que não tenha por fim o agradar; mas que seja meio de conciliar a attenção dos Ouvintes, a fim de lhes tocar os corações, e mover as vontades a fugir do mal, e abraçar o bem.

Assim mesmo deve entender-se o que já disse (a) a respeito da simplicidade no discurso. Eu a persuado, e nunca deixarei de a persuadir, a fim de se evitarem os defeitos, que apontei no lugar citado. Mas isto não he pretender eu desterrar do Pulpito aquelle ornato, que conduz á perfeita Eloquencia; não. Eu sou apaixonado por tudo o que he elegante: hum ornato natural, e proporcionado á materia; hum

---

(a) No §. VI. pag. 29.

hum ornato, que serve ao Orador para bem exprimir o seu sentimento, para capacitar o Auditorio das Verdades mais importantes; hum ornato conforme ás regras da Oratoria; elle não só he util, mas he necessario em hum Sermaõ. Elle não he opposto á simplicidade, de que já falei. Em huma palavra: o ornato pomposo, affectado, brilhante, florido, e cheio de jactancia; hum ornato, que fica no entendimento, e no ouvido, sem passar ao coração; he ornato, que não me agrada, e que eu julgo improprio d'huma Oraçãõ Evangelica.

Finalmente devo advertir, (ao mesmo respeito da elegancia da expressãõ, de que hia falando):

1.º Que só hum Entendimento vivo, claro, e penetrante, he que verdadeiramente pôde ser capaz d'expressões elegantes:

2.º Que

2.º Que a formosura das expressões faz a grandeza, a elegancia, a força, e vigor do sublime:

3.º Que o mesmo sublime he como a alma das mais elegantes, e delicadas expressões:

4.º Que o sublime pôde dar-se em huma só expressãõ, quando esta em poucas palavras dá a entender muito, e com delicadeza. Tal foi a expressãõ, verdadeiramente sublime, que Alexandre proferio, quando, (tendo-lhe Dario offerecido metade da Azia, e sua filha em Matrimonio, e dizendo-lhe Parmeniaõ: *Se eu fosse Alexandre, aceitarã a offerta:*) elle respondeo: ,, E eu tambem; se fosse ,, Parmeniaõ ,, .

5.º Que algumas expressões vulgares naõ deixaõ de ser sublimes, quando mostraõ logo a promptidaç d'alguma couza. Como quando hum lugeito nos pede

de hum favor, que nós podemos, e queremos fazer-lhe; e para lhe significarmos, que temos dezejo de o servir, e o havemos de fazer com promptidão, dizemos: „Está feito: „ V. m. será servido „. O favor ainda se não fez; mas nós fazemos conceber ao outro, que já „ está feito „.

Taes são as regras, que parecem convenientes a respeito das expressões.

### §. XVI.

#### *Decima sexta qualidade.*

**L**icença dos legitimos Superiores. A prégação he, segundo o Concilio de Trento (a), huma das principaes funções dos Senhores Bispos: ella he dos primeiros Direitos do Supremo Paf-

---

(a) Sess. 5. Cap. 2. de Reform.

Pastor d'huma Diocese. A pratica da Igreja he constante n'esta materia.

O mesmo Santo Concilio impõe aos Parocos a obrigação d'annunciar a seus Freguezes, ao menos em os Domingos, e Festas solemnes, os dictames mais importantes da Lei Santa; explicando-lhes os vicios, que devem fugir; e as virtudes, que haõ de praticar: a fim d'escaparem os castigos eternos, e conseguirem a Bemaventurança, para que foraõ creados.

Ninguem mais, álem dos sobreditos, tem por Direito authoridade para prégar. Por esta razãõ, nenhum Ecclesiastico Secular ou Regular póde intrrometer-se a exercer o Ministerio da prédica nas Igrejas seculares, sem licença do Ordinario do lugar.

E aquelle, que sem esta facultade se atreve prégar aos Póvos,

VOS,



vos, dá huma próva bem clara de que não tem Missaõ legitima; que está faltro d'aquella qualidade taõ necessaria, de que já falei (a). Elle incorre na pena d'excommunhaõ fulminada no Concilio Geral de Latraõ IV. (b).

N'este Bispaõ de Coimbra elle incorre em suspensaõ *ipso facto*, imposta nas Constituições (c). No Bispaõ da Guarda está posta contra elle pena de prizaõ, e suspensaõ (d). Em huma palavra: Varias penas se tem estabelecido em cada Bispaõ contra os que sem legitima faculdade tomaõ o partido de prégar. Cada hum deve consultar as Constituições do seu respectivo Bispaõ. A'lem

---

(a) §. 2. pag. 8.

(b) Veja-se o Cap. 13. de Heretic. §. 6.

(c) Const. de Coimbra tit. 12. Const. 15. n. 2.

(d) Const. da Guarda Livro 3.º tit. 4. Cap. 1. n. 4.

A'lem da faculdade do Ordinario, he tambem necessario o consentimento dos Parocos, em cujas Igrejas se ha de prégar. Porque elles estaõ encarregados, por Direito Divino, d'instruir os seus Freguezes: e querendo elles prégar por si mesmos, podem impedir que outro qualquer o faça; ainda que seja Religioso Menor, ou da Sagrada Ordem dos Prégadores, privilegiados em Direito (a); porque estes mesmos naõ podem prégar contra vontade, e sem consentimento dos Parocos, excepto se forem mandados pelos Superiores dos mesmos Parocos, como he exprello na mesma Extravagante. Mas ainda n'este cazo naõ lhes he livre o prégar quando quizerem, mas sim n'aquella hora, em que naõ perturbem a satisfacão das Funções Paroquiaes.

Ef-

---

(a) Extrav. Comm. 1. de Privileg.

Este consentimento do Paroco he taõ necessario n'este Bispado de Coimbra, que, segundo as Constituições (a), elle incorre na pena de suspenção, e de vinte cruzados, se deixar prégar algum Clerigo, ou Religioso de qualquer Ordem, sem este lhe mostrar primeiro a licença do Ordinario: só sendo Prégador notoriamente douto, e conhecido. E conforme as mesmas Constituições, a dita licença deve mostrar-se naõ só ao Paroco, mas tambem a outro qualquer Ecclesiastico, que tenha a seu cargo as Igrejas, ou Capellas, em que se quizer prégar.

Assim este, como qualquer Paroco do Bispado da Guarda, na fórma das suas Constituições (b), saõ obrigados em virtude d'obediencia, e sob pena d'ex-  
com-

---

(a) Já citadas pag. 93. not. c.

(b) Const. da Guarda já cit. n. 3.

communhaõ, e de se lhes dar em culpa, naõ consentir nas Igrejas, ou Ermidas Prégador algum, sem que tenha licença do Ordinario. Isto he pelo que pertence ás Igrejas Seculares.

Em quanto porém ás dos Regulares: os seus respectivos Prelados sabem muito bem o que determinaõ as suas Leis, assim a respeito dos Prégadores Seculares, como dos mesmos Religiosos. E quanto a estes he bem clara a doutrina do Concilio de Trento (a): segundo o qual, para elles prégarem nas Igrejas das suas Religiões, naõ necessitaõ da licença dos Senhores Bispos, mas sim dos seus Prelados; e com esta devem apresentar-se pessoalmente a pedir a bençaõ aos mesmos Senhores Bispos; mas naõ necessitaõ, que estes lha dem,

---

(a) Sess. 5. Cap. 2. de Reform.

dem , como adverte Gallemart ,  
e he expresso nas Declarações ao  
mesmo Concilio (a) .

---

(a) Non tenentur ab Episcopo licen-  
tiam obtinere , sed tantum a suis Supe-  
rioribus . . . & cum ea se personaliter  
coram Episcopo præsentare , ab eoque  
petere benedictionem , tametsi eam non  
obtinuerint. Declar. in Concil. Trident.  
cit. n. 5.

FIM DA PARTE PRIMEIRA.



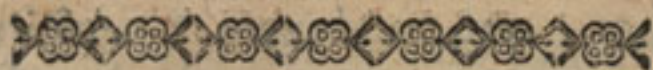
Part 1  
 The first part of the Declaration  
 is the opening of the Declaration  
 in the name of the people of the  
 United States of America.

The second part of the Declaration  
 is the statement of the rights of  
 man which are the foundation  
 of the Declaration of Independence.

The third part of the Declaration  
 is the statement of the grievances  
 of the colonies against the  
 King of Great Britain.

The fourth part of the Declaration  
 is the statement of the colonies  
 of their right to be free and  
 independent states.



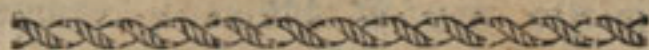


# PRÉGADOR INSTRUIDO.

---

## PARTE SEGUNDA.

*Da Rhetorica Ecclesiastica propo-  
rcionada á Eloquencia do  
Pulpito.*



### CAPITULO I.

*Da definiçãõ, origem, e utili-  
dade da Rhetorica.*

#### §. I.

**A** Rhetorica he huma Arte, Defini-  
ção da  
Rhetori-  
ca.  
que nos ensina a persuadir  
com a força d'argumentos,  
e com palavras proprias. Ella  
naõ só mostra os diversos cami-

nhos, que conduzem á perfeita Eloquencia; mas tambem ensina quaes são os mais proprios, os mais uteis, e os mais proporcionados á diversidade dos tempos, dos lugares, e das Pelloas. Em huma palavra: ella ensina a falar bem.

Eu não me demoro com a questãõ, se ella he Arte, se he Sciencia. Veja-se Quintiliano (a).

§. II.

*Origem  
da Rhet.*

O Primeiro Inventor da Rhetorica, assim como de todas as mais Artes, he o Supremo Author da Natureza, o qual dotando os homens d'hum espirito capaz de perceber as cousas, os dotou tambem da faculdade de as manifestarem huns aos outros, da mesma sorte que as percebem.

Se-

---

(a) Liv. 2. Cap. 16. e Cap. 18.





Segundo este mesmo instincto dado pelo Creador , todos os homens tem sua Rhetorica natural mais ou menos persuasiva , á proporção da clareza do juizo , e do discernimento de cada hum. Por isso ainda os homens mais rusticos são ensinados pela Natureza a dizer o que entendem , e a procurar meios de persuadir o que dizem.

Mas houve muitos naturalmente dotados d'hum espirito mais reflexivo, d'hum juizo mais claro, d'hum discernimento mais acertado, e d'hum methodo mais verdadeiro ; os quaes reflectindo no ornato dos que melhor falavaõ , e nos modos de falar , que mais persuadiaõ , inventáraõ esta Arte , que chamamos Rhetorica. Ella aperfeiçoa o que a Natureza principia. Assim como a Arte não faz nascer as agoas , mas só se limita a procurallas , e a conduzillas áquellas partes,

aon-

aonde podem ser uteis : da mesma sorte , a Rhetorica não dá juizo a hum mentecapto ; mas suppondo hum bom fundo d'entendimento , que descobre as razões , e inventa os ornatos , toda se applica a fazer com que as mesmas razões produzaõ o effeito d'huma impressaõ saudavel no espirito de quem as ouve.

Os primeiros , que se applicáraõ ao estudo da Rhetorica , foraõ os Gregos. Sobre os que a reduziraõ a preceitos escriptos , lea-se Quintiliano (a) .

Entre os Latinos , Cicero , e o mesmo Quintiliano saõ os Principes da Oratoria : elles na verdade , se attendemos ao methodo , e clareza , com que escreveraõ , bem merecem este epíteto, ainda comparados com os Gregos mais eloquentes.

---

§. III.

(a) Livr. 3. Cap. 1.

## §. III.

**S**ENDO a Rhetorica huma Ar-<sup>Utilida-</sup>  
 te , que ensina a falar bem , a <sup>de da</sup>  
 fim de persuadir o que he justo , <sup>Rhet.</sup>  
 e bom ; segue-se com toda a evi-  
 dencia , que o estudo d'ella he  
 d'huma grande utilidade aos O-  
 radores Evangelicos , os quaes  
 só devem ter o mesmo fim nas  
 suas Orações. O estudo d'esta  
 Arte não só lhes he util , mas  
 necessario. Elles devem ler com  
 frequencia as Santas Escrituras ,  
 e os Padres da Igreja : e estes de-  
 vem ser os seus exemplares.

A Escritura não he destituída  
 d'eloquencia. O célebre Longi-  
 no , ainda que Gentio , confessa ,  
 que Moyses logo no principio  
 do Genesis se explica por hum  
 estylo verdadeiramente sublime :  
 elle põe a S. Paulo no numero  
 dos que mais se distinguem na  
 sublimidade d'huma perfeita e-  
 loquencia. Os Profetas estão  
 chei-

cheios das mais elegantes figuras da Rhetorica. Em huma palavra: todos os livros do Antigo, e Novo Testamento não tem menos elegancia que simplicidade. Pois a verdadeira Eloquentia não consiste no jogo, na pompa, e na vã formosura das palavras; mas sim na sua propriedade, e decencia; na gravidade das expressões, das sentenças, e dos conceitos.

Isto mesmo se vê nas Obras dos Santos Padres, que se applicáraõ cuidadosamente ao estudo da Rhetorica. Por isso a sua eloquentia he, como vemos nos seus escritos.

Ora devendo este ser o estudo d'hum Prégador; quero dizer, devendo elle applicar-se com cuidado á lição da Escritura, e dos Padres; e sendo estes famosos escritos dotados da mais perfeita elegancia; he bem evidente, que hum Orador não pôde

de tirar da sua lição hum bom fructo , sem que a Rhetorica o ensine a discernir o que alli ha mais efficaz para tocar , para mover , e para persuadir. Em huma palavra : a Escritura , e Obras dos Padres da Igreja ensinão o que o Prégador ha de dizer nos seus Sermões : a Rhetorica ensinã a fazer seleção do que he mais proprio para hum , ou outro Sermaõ ; ensinã o que he mais proporcionado a este , ou áquelle Auditorio ; ensinã finalmente a fazer hum discurso , que persuada. Pois todos sabem , que não basta o conhecimento do que se deve dizer ; mas he tambem necessario saber , por que modo , aonde , quando , e diante de quem se deve dizer. Tal he a necessidade da Rhetorica , e a sua utilidade.

Eu não falo das injurias , que alguns fazem á Eloquencia ,

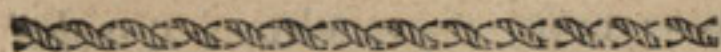
at-

attribuindo-lhe mil defeitos (a) : Se alguém se vale das forças da Rhetorica para satisfação d'al-guma intenção perversa, não he isto defeito da Rhetorica ; he sim abuzo , que o fugeito faz d'ella. Da mesma sorte , que nós não deixamos de consagrar o vi-nho no adoravel Sacrificio da Missa , não obstante o excessso , com que alguns se entregão ás demazias d'elle : assim tambem não devemos abandonar a Elo-quencia , por alguém abuzar d'ella. Os inimigos do Christia-nismo abuzão de muitos textos da mesma Escritura Santa , in-vertendo o seu sentido verdadei-ro : isto não obstante , nós não deixamos de a ler.

CA-

---

(a) Vej. Quintil. L. 2. Cap. 17.



## CAPITULO II.

*Da Materia da Rhetorica Ecclesiastica ; do fim do Orador ; das Partes da Rhetorica ; e dos meios de persuadir.*

## §. I.

**C**omo a Rhetorica he huma Arte , que ensina a falar bem , ella não póde limitar-se a materia alguma determinada : tudo o que houver de dizer-se , ou por escrito , ou de palavra , em publico , ou em particular , tudo he materia da Rhetorica , geralmente falando.

*Materia da Rhetorica em geral.*

Mas , como os Oradores Evangelicos devem occupar-se na prégação do Evangelho de Jesus Christo , aonde não se acha mais que Verdades , que devemos

mos crer; e preceitos, que devemos cumprir; segue-se, que só lhes são proprios aquelles generos de causas, e materias, que conduzem para o ensino da Verdade. Por isso

*Materia da Rhetorica Ecclesiastica.*

A materia da Rhetorica Ecclesiastica limita-se ou ao ensino das Verdades do Evangelho; o que pertence ao genero Didascalico ou Instructivo: ou á persuasão da pratica das Virtudes; e da fugida dos vicios; o que pertence ao genero Deliberativo; ou ao louvor dos famosos Exemplares da Virtude; o que pertence ao genero Demonstrativo.

Os Sermões de Mysterio pertencem ao genero Didascalico; os Moraes ou de Missão pertencem ao Deliberativo; os Panegyricos, e os Funebres pertencem ao Demonstrativo.



## §. II.

**S**endo o fim do Orador per- *Fim do*  
 suadir, e mover a obrar, he *Orador.*  
 necessario, que elle com as suas  
 palavras ensine, recree, e mova *Officior*  
 os animos dos Ouvintes. Por isso *do Ora-*  
 elle deve procurar não só con- *dor.*  
 vencer a Razaõ, e o Entendi-  
 mento do Auditorio com argu-  
 mentos fortes; mas tambem re-  
 crear-lhe os animos com a ele-  
 gancia, e variedade das expref-  
 sões; e movellos com efficacia.

## §. III.

**P**ara que o Prégador Evan-  
 gelico faça os officios d'hum  
 perfeito Orador, e consiga o seu  
 fim, he necessario, que elle te-  
 nha huma boa *Invençaõ, Dispo-* *Partes*  
*siçaõ, Elocuçãõ, Memoria, e da Rbe-*  
*Pronunciaçaõ;* que são as cinco *torica,*  
 par-

## ITO PRE'GADOR INSTRUIDO

partes, em que ordinariamente (a) se divide a Rhetorica.

*Invençãõ* he procurar argumentos, e razões proprias para convencer, e proporcionadas á materia.

*Disposiçãõ* he reduzir os mesmos argumentos, e razões a huma tal ordem, que não fiquem amontoadas humas sobre as outras; mas se disponhaõ com verdadeiro discernimento nas partes d'hum discurso regular.

*Elocaçãõ* he exprimir as mesmas razões, e argumentos com hum tal ornato proporcionado á materia, e com hum ar, que mova os affectos, que toque os corações.

*Memoria* he huma faculdade, por meio da qual se con-

---

(a) Os Autores, que affirmãõ serem só tres as partes da Rhetorica; e que a Memoria, e Pronunciaçãõ unicamente são partes da Natureza, e não da Arte, fundão se em razões bem attendiveis.

serva a lembrança de todo o discurso.

*Pronunciaçãõ* he prégãr com a voz, e com as acções agradaveis, e accommodadas á materia.

§. IV.

**O**S meios, por onde o Prê- *Meios de*  
gador póde conseguir estas *persua-*  
partes, e o fim do seu Ministe- *dir.*  
rio, são

1.º Hum entendimento naturalmente vivo: sem o qual serão frustrados todos os esforços da Arte, cujos preceitos de nada valem áquelle, que tem huma negaçãõ absoluta (a):

2.º Arte, em que deve instruir-se com cuidado; reflectindo em todos os preceitos d'ella, a fim de os observar com promptidaõ:

3.º Imi-

---

(a) Doctrina nulla esse sine natura poterit, Quintilian. Liv. 2. c. 20.

3.º Imitação dos homens verdadeiramente sabios ; lendo as Obras d'huns , e attendendo á boa pronunciação d'outros ; aproveitando-se de tudo o que he proprio para a imitação. Mas deve o Orador ter presentes algumas advertencias.

1.ª Fazer selecção d'aquelles , a quem pertende imitar , a fim de não se fazer semelhante ao sujeito de máo gosto.

2.ª Depois da certeza , que sem perigo póde imitar o homem sabio , deve averiguar , em que o ha d'imitar.

3.ª Fazer diligencia não só pela imitação , mas tambem por exceder aquelle , a quem pertende imitar.

4.ª Procurar huma tal imitação que seja proporcionada á materia , de que se trata , e ás proprias forças do Orador.

— 5.ª Não se ligar a hum só Author.

6.ª Não

6.<sup>a</sup> Não se contentar com o que elle disse ; mas dizer alguma cousa de mais , se houver defeito , ou de menos , se houver superfluidade no que elle disse (a) .

7.<sup>a</sup> Fazer distincão do que he imitação , e do que he furto. A imitação he huma semelhança accomodada á materia , e á qualidade do Prégador, que pretende ser semelhante , accrescentando ou diminuindo alguma cousa. O furto não he mais que huma usurpação d'aquillo , que o outro disse , sem augmento nem diminuição ; sem a proporção devida á materia , e ao Orador. Em huma palavra : a imitação trabalha em guardar hum perfeito decóro ; o furto só usurpa aquillo , que o outro fez : a imitação dá alguma cousa sua ; o furto só tira o alheio.

H

A

---

(a) Sobre a imitação. Veja-se Quintiliano Liv. 10. Cap. 2.

○ A imitação não só he util ; mas necessaria (a) . O furto não acredita o Orador. Virgilio se queixou d'aquelle , que se intitulou Author dos seus versos ; e disse ,, que dos versos , que elle ,, tinha feito , outro teve a honra ,, . He o fruto , que ordinariamente se tira d'hum tal procedimento.

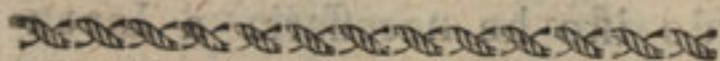
4.º Exercício , escrevendo , e representando com frequencia. Pois quanto mais o Orador se exercitar , tanto mais se aperfeiçoará ; com mais facilidade achará razões convenientes , e far-se-ha senhor de tudo o que he elegante , e proprio para persuadir (b) .

CA-

---

(a) Quintil. cit.

(b) Lea-se Quintil. Livr. 7. Cap. 1,



## CAPITULO III.

*Da Materia da Invenção ; da  
differença entre a Rhetorica ,  
e Dialectica ; e dos Gene-  
ros de Questões.*

## §. I.

**A** Materia da Invenção con- Materia  
siste principalmente na Ex- da In-  
posição, Argumentação, e Am- venção.  
plificação. O Prégador em qual-  
quer oração não faz mais que  
expôr, provar, e amplificar. El-  
le expõe, quando declara aos  
Ouvintes o seu intento: próva,  
quando propõe argumentos, que  
façam crer como verdadeiro o  
que expoz: amplifica, quando  
procura meios para mostrar a  
coisa grande, e mover com isso  
os animos dos Ouvintes. He  
bem evidente, que para tu-  
do

do isto he necessaria a Invenção.

## §. II.

**A** Rhetorica tem huma grande conveniencia com a Dialectica : porque sendo esta huma Sciencia , que tem por fim dirigir as operações do entendimento para conhecer a Verdade ; e devendo qualquer Orador propôr unicamente o que he verdadeiro ; segue-se , que não pôde haver bom Orador , que não seja bom Dialectico.

*Differença entre a Rhetorica , e Dialectica.* Mas , como o Prégador fala a diferentes Ouvintes , tracta diferentes questões , e tem outro fim mais sublime , que o simples Logico ; elle deve falar d'outro modo, quero dizer, não deve contentar-se com raciocinios , que convenção os entendimentos , como hum Logico ; mas deve amplificar os seus argumentos , e as suas razões de  
for-



forte, que movaõ os affectos, e as vontades de quem ouve. Por isso o Filosofo Zeno comparava a Dialectica á maõ fechada, e a Rhetorica á maõ aberta. E para dizer tudo em poucas palavras, devo concluir, que o Prégador, como hum simples Logico, só fala ao entendimento dos Ouvintes; e como hum perfeito Orador, fala lhes ao coração, arrebatando os espiritos, e move as vontades.

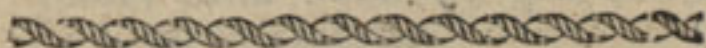
## §. III.

**A** Materia d'Argumentação *Generos* Rhetorica limita-se a dous *de Questões* *Generos de Questões*: hum *infinitez* *to*, a que os Gregos chamaõ *These*: outro *finito*, a que chamaõ *Hypothese*. *These*, ou *Questão infinita* he aquella, que não se limita a pelloa, tempo, ou lugar determinado; como quando se tracta da humildade, ou da soberba, ou d'outra qualquer virtude,

*Hypo-  
thefe.*

de , ou vicio. *Hypothese* , ou *Questão finita* he aquella , que se limita a pessoa , tempo , ou lugar determinado ; como quando se tracta da fé d'Abrahaõ ; da pureza de Jozé ; da passagem dos Israelitas pelo Mar Vermelho ; da constancia dos Apostolos ; e d'outras cousas semelhantes.

Cada huma d'estas Questões tem seus lugares communs , que são como fontes , d'onde se tirão as provas.



## CAPITULO IV.

*Dos lugares dos argumentos ,  
communs , e particulares.*

### §. I.

*Argu-  
mento.*

**A** Rgumento não he outra cousa senão *hum pensamento* , que dá a prova ; com o qual se deduz huma cousa da outra , e se

se confirma o que he duvidoso por aquillo que não tem duvida. D'aqui se infere, que para o argumento ser solido, elle deve fundar-se em hum principio certo, e que não padeça duvida, e por conseguinte não necessite de prova (a). E d'esta sorte o argumento será efficaç: os Ouvintes acharão verdadeiro aquillo, que duvidavaõ, ou negavaõ: o Prêgador conseguirá o seu fim.

Os *lugares* dos argumentos são *communis*, e *particulares*: os primeiros são communis a todas as cousas, e servem principalmente para a *Questão infinita*: os *particulares* são proprios de huma, ou outra cousa, e servem principalmente para a *Questão finita*. Huns, e outros são as *Fontes da Invenção*, d'onde se tiraõ para qualquer materia os argumentos, que lhe convêm.

Os

---

(a) Veja-se Quintil. Liv. 5. Cap. 10.

*Cõmunis.* Os *lugares communis* são huns *attributos*, que convêm a todas as cousas; e dos quaes se tiraõ argumentos, com que ellas se provaõ. Estes *attributos* são *intrinsecos*, e *extrinsecos*. Intrinsecamente convêm a qualquer coula o seu *genero*, a sua *especie*, *differença*, *definição*, *divisão*, *causa*, *effeitos*, *adjuntos inseparaveis*, e outros muitos accidentes: extrinsecamente convêm-lhe tudo o que lhe he *semelhante*, ou *dissemelhante*; *maior*, ou *menor*; *os exemplos*; *oraculos*; *authoridades*; e *sentenças*, que a respeito d'ella tem havido. Ora estes *attributos* são a *Fonte*, d'onde se tiraõ os argumentos Oratorios: em os conhecer, e examinar bem he que consiste toda a diligencia da arte da *Invenção*.

Para melhor se formar huma idéa mais completa do que acabo de dizer, eu vou a propôr

pôr alguns exemplos: elles mostrarão bem claramente não só a utilidade, mas também a necessidade de pôr em pratica, em qualquer Oração suazoria, os argumentos deduzidos dos *Lugares da Invenção*: elles farão ver a grande fecundidade dos mesmos *Lugares*, e *Fontes da Invenção*.

Querendo o Prégador Evangelico persuadir o santo exercicio da Oração, elle deve examinar com exacção tudo o que lhe convêm intrinseca, e extrinsecamente; vêr qual he o seu genero, a sua differença, o seu principio, o seu fim, a sua necessidade, os seus effeitos, os adjunctos inseparaveis, que a acompanhaõ; e tudo o mais, que lhe he proprio, assim como também o que lhe he contrario.

Elle verá logo, que a Oração se contém na Virtude da Religiaõ, a qual he como gene-

*Exemplo*  
1.º

nero para todas as mais virtudes ; que ella se distingue das outras , por ser huma elevação do entendimento a Deos , a quem he necessario pedir tudo o que he justo , e santo : elle verá , que a Oração tem por principio o Espirito Santo , o qual dá aos que oraõ as inspiraçoẽs mais santas , e as luzes mais claras : verá , que o seu fim , e objecto principal he infundir nos corações hum espirito de Caridade , e huma perfeita uniaõ da alma com Deos ; que ella tem por objecto particular e immediato pedir ao Senhor os auxilios necessarios para cumprir com os deveres do Christianismo. Elle verá , que a Oração produz os admiraveis effeitos de cooperar com a Graça , e obter merecimentos para novos augmentos d'ella : que satisfaz pelos peccados commettidos ; alcança o que religiozamente se  
pe-

pede; corrobora o animo; illumina, e locega o espirito; e cauza outros muitos effeitos faveis. Verá, que ella tem por adjunctos inseparaveis a Fé, a Esperança, a Caridade, e o fervor; que traz consigo a pureza de vida, o amor á solidão, os bons dezejos d'agradar, e servir a Deos, o desprezo das couzas terrenas, e a estimação dos bens eternos, a humildade, a abnegação propria, a perfeita conformidade, e outras muitas virtudes. Verá, que ella tem por semelhantes as orações vocaes, a lição espiritual, e todos os mais exercicios de piedade. Verá, que ella tem por contrarios a vida dissoluta, o amor do Mundo, e o esquecimento de Deos. Achará em fim muitos lugares da Escritura, dos Concilios, e Santos Padres, que authorizem, e confirmem tudo isto,

Ora

Ora bem se vê, que reflectindo o Prégador n'estes attributos da santa Oração, de todos elles, ou dos que melhor lhe parecer, póde tirar os argumentos mais concludentes para provar a sua utilidade, e necessidade; e para persuadir o seu exercicio.

Ainda que todos estes *lugares* podem dar huma boa prova; e a maior ou menor fecundidade de cada hum d'elles he respectiva á materia, de que se trata; com tudo os effectos, e adjunctos inseparaveis de qualquer predicado, são os *lugares* mais amplos, e as *Fontes* mais copiozas, d'onde se tiraõ os melhores argumentos, e as provas mais convincentes.

Esta verdade bem claramente se descobre em Seneca. Quer elle mostrar a Novato a deformidade da *ira*: e contra ella tira dos seus *effectos, e adjunctos*



Estos os argumentos mais concludentes.

„ Pedes-me ( diz elle ), que *Exemplo.*  
 „ te escreva , Novato , o mo-<sup>2.º</sup>  
 „ do de mitigar a ira. Com bem  
 „ razãõ me parece , que este af-  
 „ fecto deve temer-se muito ,  
 „ por ser de todos o mais feio.  
 „ Aos mais viciozos ainda fica  
 „ alguma couza de focêgo ; mas  
 „ o iracundo todo perturbado  
 „ esquece-se de si para fazer mal  
 „ ao outro ; e só cuida na vin-  
 „ gança , até se metter nas mes-  
 „ mas lanças , que o ferem. Al-  
 „ guns Sabios chamáraõ á ira  
 „ loucura : ella he importante ;  
 „ esquecida do decóro , e das  
 „ necessidades ; fechada á razãõ ,  
 „ e ao conselho ; agitada por  
 „ cauzas vans ; inhabil para o  
 „ verdadeiro , e justo. . . E se  
 „ melhor te queres capacitar ,  
 „ que saõ loucos os possuidos  
 „ da ira , naõ tens mais que o-  
 „ lhar para elles : pois , assim  
 co-

„ como o semblante audaz , e a-  
 „ meaçador , o rosto triste , a  
 „ face carrancuda , a côr muda-  
 „ da , as mãos inquietas , e a  
 „ respiração miuda , são indici-  
 „ os dos furiózos ; assim o são  
 „ também dos iracundos. Os o-  
 „ lhos se lhe inflammaõ : a ver-  
 „ melhidaõ se lhe espalha por  
 „ todo o rosto : o sangue lhe  
 „ ferve nas mais intimas entra-  
 „ nhas : os beiços tremem : os  
 „ dentes rangem : os cabelos se  
 „ eriçaõ : as mãos se movem des-  
 „ compostamente : os pés ba-  
 „ tem no chaõ : todo o corpo  
 „ desconcertado fórma hum ter-  
 „ rível objecto aos que o vem...  
 „ Os mais vicios podem occul-  
 „ tar-se ; mas a ira por si mes-  
 „ ma se manifesta ; e quanto mai-  
 „ or he , mais se patentea „.

Até aqui tirou Seneca ar-  
 gumentos contra a *ira* dos le-  
 us adjunctos. Elle os tira tam-  
 bem dos seus effeitos , dizendo:

„Naõ

„ Naõ ha peste mais damnoza  
 „ ao genero humano , que a ira.  
 „ Repara: e verás proceder d'el-  
 „ la as mortes , os venenos ,  
 „ as mutuas offensas dos Réos ,  
 „ as destruições das Cidades ,  
 „ e o fim de muitas Nações. Ve-  
 „ rás venaes as cabeças dos Prin-  
 „ cipes debaixo d'hum disfarce  
 „ civil. Verás os seus fogos naõ  
 „ encerrados dentro dos muros  
 „ das Cidades , mas abrazando  
 „ vastissimas Regiões. Verás os  
 „ vestigios , que a penas se per-  
 „ cebem , de grandes Cidades ;  
 „ pois a ira as destruhio. Ve-  
 „ rás legoas e legoas destituidas  
 „ d'habitadores ; pois a ira as  
 „ fez dezertas „

Em S. Cypriano temos ou-  
 tro exemplo , que com elegan-  
 cia , e clareza mostra a grande  
 amplidaõ d'estes *lugares*. Pré-  
 ga elle contra a *inveja* : e pa-  
 ra provar quanto ella he di-  
 gna d'abominaçaõ , dos seus ad-  
 jun-

junctos, e feitos, e comparação com outros vícios tira este argumento:

*Exemplo*  
3.º

„ Que bicho roedor do ani-  
 „ mo, ou que pestifera corru-  
 „ pção das imaginações não he  
 „ invejar em outro a sua virtu-  
 „ de, ou a sua felicidade? abor-  
 „ recer n'elle ou os merecimen-  
 „ tos propios, ou os Benefi-  
 „ cios Divinos? converter os  
 „ bens alheios em mal proprio?  
 „ e fazer da gloria dos outros  
 „ a sua pena? Para os invejo-  
 „ zos nenhum sustento póde ser  
 „ alegre, nem bebida agrada-  
 „ vel... Os outros vícios tem  
 „ seu termo: e cada hum se aca-  
 „ ba, consummado o delicto...  
 „ mas a inveja não tem termo;  
 „ he hum mal permanente; he  
 „ hum peccado sem fim... D'a-  
 „ qui procede trazer o semblan-  
 „ te ameaçador, o aspecto car-  
 „ rancudo, a face pálida, os  
 „ beiços tremulos... „

N'ef-

N'estes exemplos se vê claramente, que os effeitos, e adjunctos inseparaveis de qualquer couza são a Fonte mais copioza, d'onde podem tirar-se os melhores argumentos, e mais proporcionados para persuadir, ou dissuadir.

Mas advirta o Orador, que para deduzir os argumentos, dos *lugares communs*; lhe he necessaria huma perfeita noticia, e conhecimento de tudo o que houver de ser objecto do seu discurso. E como elle ordinariamente deve tractar das virtudes, e dos vicios oppostos; dos preceitos Divinos, e Ecclesiasticos; dos Sacramentos da Igreja, e dos Mysterios da Fé; das várias obrigações dos Fieis respectivas aos differentes estados de cada hum; elle deve ser perfeitamente instruido na Filozofia Moral, na Disciplina Ecclesiastica, na Theo-

logia, para cuja instrucção lhe he indispensavelmente necessario o estudo da Elcritura, dos Concilios, e Padres da Igreja (a); que são as *Fontes* puras, aonde o Orador Christão deve beber, e d'onde póde tirar a doutrina saã, e digna do seu Ministerio.

## §. II.

Lugares  
particu-  
lares.

**O**s *Lugares particulares*; d'onde se tiraõ os argumentos, e que, como já disse, servem principalmente para provar a *Questão finita*, são as circunstancias particulares das Pessoas, e das couzas, de que o Orador houver de tractar.

Circun-  
stancias  
das Pes-  
soas.

As circunstancias das Pessoas são: a *Nação*; a *Patria*; o *Nas-*

---

(a) Veja-se a 1.<sup>a</sup> Part. pag. 40. e seg. nonde exponho a instrucção necessaria ao Orador, assim para elle saber o que ha de dizer, como tambem o modo de dizer bem, e de persuadir o que disser.

*Nascimento*, e *Ascendencia*; o *Nome*, se elle he misteriozo; o *Sexo*; a *Idade*; a *Educaçaõ*; o *Estado*; o *Habito* do corpo; a *Fortuna*; a *Condiçaõ*; os *Costumes*; a *Natureza* do animo; os *Estudos*, e applicações; a *Dignidade*; os *Talentos*; o *Genio*; e outras mais couzas, que d'estas podem deduzir-se (a).

As circumstancias das couzas, e das acções laõ: a *intençaõ*, com que se fazem; o *modo*, o *tempo*, a *occaziã*, em que se fazem; os *instrumentos*, com que se fazem; o *fim*, para que se fazem; o *lugar*, em que se fazem; e outras mais circumstancias, que d'estas se deduzem, e particulares da materia, que he objecto do discurso.

De todas ellas póde o Orador tirar muito bons argumentos para provar a *Questão finita*; porque as circumstancias laõ

I 2

d'hum

---

(a) Veja-se *Quintil. l. 5. Cap. 10.*

d'hum grande uzo na Arte Oratoria. Ellas expõem o verdadeiro caracter das Pelloas : por ellas se explica o estado de qualquer couza ou acção : ellas fazem as acções dos homens louvaveis , ou dignas de vituperio ; virtuozas , ou cheias de malicia : como se mostra dos exemplos , que vou a propôr.

*Exemplo* 1.<sup>o</sup> Supponhamos , que pertende o Orador mostrar a grandeza da acção de David , quando matou o Gigante. Elle deve reflectir em todas as circumstancias d'hum , e outro ; examinallas com exacção , combinar humas com outras : e elle verá que todas ellas concorrem a fazer aquella acção heroica. David era de pouca idade , e de pequeno corpo : Goliath era adulto na idade , e Gigante no corpo. David tinha sido creado entre a mansidão dos rebanhos , e era destituido de todo



o exercicio militar: Goliath tinha sido educado entre o ruido das armas, e era bem disciplinado na milicia. David era destituido d'armas, e desanimado de seus mesmos irmãos: Goliath tinha humas armas sem iguaes, e era animado, para o combate, de todo o seu exercito. David finalmente era do partido desafiado, que com a vista do inimigo tinha perdido o animo: Goliath era o que desafiava. Porém isto não obstante, David matou o Gigante, e triunfou dos Filisteos.

Todas estas circustancias bem mostraõ a grandeza d'aquella acção: ella não podia deixar de proceder d'hum animo verdadeiramente heroico.

Se o Orador houver de fa- *Exemplo*  
 lar na prodigioza Virtude do Espi- *2.º*  
 rito Santo, que desceu sobre  
 os Apostolos; e nas grandes ma-  
 ravilhas, que elles obráraõ, pó-  
 de

de mostrar a grandeza de tudo isto com argumentos deduzidos das circumstancias particulares dos mesmos Apostolos ; dos factos , que acontecêraõ ; dos successos , com que se encontráraõ , e que lhes eraõ oppostos ; e dos admiraveis effeitos , que o Espirito Divino produzio n'elles com assombro de quem os ouvio , e com alegria de quem ainda hoje os pondera.

Elle verá logo com toda a clareza , que os Apostolos , antes de receberem o Espirito Santo , eraõ fracos , amadores de si mesmos , e imperfeitos : depois que a Virtude do Alto desceu sobre elles , logo ficáraõ cheios de luzes as mais vivas , do amor de Deos o mais perfeito , do zelo mais interessante , de força a mais vigorosa , e de virtude a mais sincera. Antes de serem illustrados pelo Espirito de Verdade , tinhaõ en-  
ge.

genho curtissimo, e eraõ de capacidade muito limitada: mas depois as Lingoas do Fogo Divino se assentáraõ repartidas sobre suas cabeças, de repente se lhes abríraõ os olhos d'alma, e elles entráraõ na intelligencia mais profunda de todas as verdades da Religiaõ. Antes, eraõ huns homens grosseiros, sem educaçaõ, e rusticos quazi todos: depois, ficáraõ illustrados com o admiravel dom de falar várias lingoas. Antes, fugiraõ na occasiaõ da morte de seu Mestre; espalhados, e cheios de temor estiveraõ occultos com o receio d'encontrarem a sua condemnaçaõ: mas depois, de repente sahirãõ do seu retiro; apparecêraõ publicamente com tal segurança, e zelo, que nada os perturbava; reprehendêraõ os Judeos d'haverem dado a morte ao Messias; prégarãõ em toda a parte a Jesus Cru-

cificado, attestando os seus Milagres, a sua Resurreiçaõ, e a sua Divindade, sem pejo dos Doutores mais verçados na Lei, sem medo dos mesmos Principes da Sinagoga, sem temor de todo o Poder Romano conspirado para atalhar os progressos da Religiãõ. Elles em fim, como huns novos homens, se espalháraõ por todas as partes do Mundo; fizeraõ milagres portentozos: a todos os Póvos leváraõ a nova da Salvaçaõ, mostráraõ a tocha da Verdade: e dissipando as trévas, lançáraõ por terra os Idolos; fizeraõ calar os Oraculos; e fundáraõ Templos ao Deus da Verdade.

A' prégação dos Fundadores da Religiãõ logo attendem os Póvos, admirados com a novidade, tocados da unçaõ, movidos pelos milagres. O erro he abandonado; a Verdade recebida; os Chefes da Sinagoga confundidos. D'es-

D'esta forte póde o Orador hir discorrendo, e reflectindo nas muitas circumstancias d'aquelle acontecimento ; pois todas ellas conduzem a engrandecer a maravi'hoza Effuzaõ do Espirito Santo sobre os Apostolos.

Nos Santos Padres , na mesma Escriitura principalmente nos Profetas , e Livros Sapienciaes , achaõ-se muitos argumentos deduzidos das circumstancias das couzas , das acções , e das Pessoas. He necessario porém , que o Orador advirta :

1.º Que sempre se devem tirar d'estas circumstancias os argumentos para provar a *Questão finita* : assim como se devem tirar dos Lugares communs para provar a *Questão infinita* :

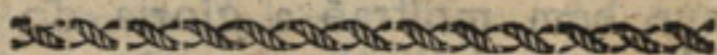
2.º Que muitas vezes se deve fazer huma artificioza passagem da *Questão finita* para a *infinita* ; e d'esta para aquella. Como quando o Orador tem de  
dis-

discorrer sobre o Martyrio de Santa Iñez; elle deve primeiro tractar do Martyrio em geral, tirando os argumentos dos Lugares communs, e depois passar ao Martyrio particular da Sancta, deduzindo os argumentos dos Lugares particulares, quero dizer, das circumstancias do sexo; dos poucos annos que tinha, pois dava provas da fé mais viva, e da fortaleza mais heroica; do corpo tão tenro, que não sendo bastante para soffrer a tyrannia do ferro, teve forças para o vencer; do grande valor, com que estava sem fulto entre as mãos dos algomes, immovel aos arrastamentos de cadeas, apparelhada para metter o pescoço, e ambas as mãos nos ferreos noz sem nenhum poder apertar seus membros tão tenros, e delicados: e outras mais circumstancias, que

que bem mostraõ a gloria do Martyrio da Santa.

Da mesma sorte, querendo o Orador tractar do Vicio da impureza, depois de mostrar a sua enormidade em geral, deve mostralla tambem em particular nos velhos, nos moços, nos cazados, nos Ecclesiasticos com argumentos das circumstancias d'estas Pelloas:

3.<sup>o</sup> Que ordinariamente he mais natural provar primeiro a Questão infinita com argumentos deduzidos dos Lugares communs da Invenção; e passar ultimamente á questão finita, servindo-se dos argumentos das circumstancias particulares. Algumas vezes porém será melhor principiar pela Questão finita, e passar á infinita. As particularidades do discurso farão ver, qual he mais a propozito.



## CAPITULO V.

*Da Fôrma dos argumentos  
Rhetoricos.*

## §. I.

**O**S argumentos da Rhetorica (assim como os da Dialectica) tem sua *fôrma* determinada, a que se reduzem; mas fôrma muito mais ampla, que a da Logica.

*Fôrma  
do argu-  
mento.*

*Fôrma do argumento* não he mais que huma bem ordenada, e conveniente dispozição das propozições, a fim de concluir-se o que se próva. Os Logicos tem inventado certos modos d'estas dispozições, os quaes observados fazem os discursos concludentes. E como os Oradores dos seus argumentos tambem pertendem concluir, el-



elles devem da mesma fôrma dispôr as suas propozições; mas sempre com aquella amplidaõ, que distingue a Rhetorica da Dialectica.

Toda a Argumentaçãõ Oratoria, diz Cicero, se ha de tractar ou por *Inducçaõ*, ou *Raciocinaçaõ* a que os Logicos chamaõ *Sillogismo*.

*Inducçaõ* he, quando se propõe muitas couzas claramente certas, pelas quaes se vai subindo, até que se faça conceder aquella, de que se duvidava, pela connexãõ que tem com ellas (a).

Na Escritura (b) temos hum bom exemplo da *Inducçaõ* Rhetorica. Estando o grande Mathathithi-

---

(a) Eu não me limito a huma simples Logica, segundo a qual, a inducçãõ he huma argumentaçãõ, que pelas partes faz concluir o todo, e pelas especies o genero. Eu falo da Inducçaõ Rethorica.

(b) 1. Machab. Cap. 2. vers. 50. e segg.

thias proximo á morte , e querendo persuadir a seus filhos o zelo da Lei , e a esperança em Deos , elle uza d'este argumento :

„ Agora filhos sêde zelados  
 „ res da Lei , e dai a vida pelo  
 „ Testamento de vossos Pais.  
 „ Lembrai-vos das obras , que  
 „ elles fizeraõ . . . e recebereis  
 „ grande gloria , e hum nome  
 „ eterno. Por ventura Abrahaõ  
 „ não foi achado fiel na tentaçaõ ,  
 „ e não lhe foi reputado a justiça ?  
 „ Jozé no tempo da sua angustia  
 „ observou os preceitos Divinos :  
 „ e foi constituido Senhor do Egyp-  
 „ to. Phineés nosso Pai , zelando  
 „ o zêlo de Deos , recebeu o  
 „ Testamento do Sacerdocio Eterno.  
 „ Jozué cumprindo a palavra ,  
 „ foi constituido Capitãõ em  
 „ Israel. Caleb dando testemunho  
 „ na Igreja , recebeu a herança.  
 „ David na  
 „ sua

5, sua misericordia conseguiu o  
 ,, Throno do Reino para to-  
 ,, dos os seculos. Elias zelan-  
 ,, do a Lei, foi arrebatado ao  
 ,, Ceo. Ananias, Azarias, e Mi-  
 ,, zael crendo, foraõ livres da  
 ,, chamma ardente. Daniel na  
 ,, sua simplicidade foi livre da  
 ,, boca dos Leões. E assim con-  
 ,, siderai por geraçaõ, e gera-  
 ,, çãõ: e achareis que todos os  
 ,, que esperaõ no Senhor, naõ  
 ,, serãõ já mais confundidos,,

Ora bem se vê, quam for-  
 te, e concludente he este modo  
 d'argumentaçãõ. Os filhos de  
 Mathathias sabendo, que o seu  
 Deos era o mesmo, que o de  
 seus Maiores, por esta induc-  
 çãõ viaõ-se persuadidos, e obri-  
 gados a esperar n'Elle, e ob-  
 servar a sua Lei.

*Raciocinaçaõ* he a passagem, *Racioci-*  
 que se faz d'huma propozicaõ *naçaõ.*  
 para outra, que se siga da pri-  
 meira. N'este modo d'argumen-  
 ta-

tação, deve o Orador Evangelico fazer diligencia :

1.º Por não embaraçar-se com as miudezas da Dialectica; e muito menos limitar-se aos termos d'ella :

2.º Procurar, que a *consequencia* se siga das *premissas*; e que a disposição d'estas seja capaz de concluir:

3.º Amplificar as proposições; dando muitas vezes as suas provas; ornando-as com Tropos, e Figuras; e divagando, quando a materia o pedir, por algumas breves Digressões: fugindo sempre d'quelles termos, que ou por equivocos, ou por insignificantes, fazem o discurso languido, e pouco, ou nada concludente.

Estas circustancias bem praticadas fazem, que a *Raciocinação* seja não só fundada em huma boa Logica, e por isso conclua; mas tambem seja huma argumen-

tação Oratoria, que móva, e toque os corações. Como se vê n'este exemplo:

O que morre na impenitencia, he sem dúvida condemnado aos castigos eternos, como he artigo de Fé, do qual ninguém duvida: Para evitar a condemnação eterna, he necessario acabar a vida presente na Graça, e amizade do Creador: Todo aquelle, que passa do tempo á eternidade, ligado com a culpa mortal, morre no seu mesmo peccado; acaba inimigo de Deos, objecto do seu odio, da sua colera, e da sua justiça; como hum Antiocho, hum Rico avarento, hum Judas, e outros muitos, que são testemunhas d' esta terrivel verdade: He pois inevitavel a condemnação eterna d'aquelle, que morre impenitente.

Este exemplo dá a idéa d'hum *Raciocinaçãõ*, que conclue;

K

que

que amplifica as propozições ; e que por isso não he só *Raciocinação* simplesmente Logica , mas tambem *Raciocinação* Oratoria.

## §. II.

**A**dmittem-se mais alguns modos d' Argumentação Logica , os quaes pela sua variedade dão muita força , e ornato ao discurso : principalmente o *Dilemma* , o *Sorite* , a *Enumeração* , a *Subjeição*.

*Dilemma.*

*Dilemma* he huma fórma d' argumento , que propõe aos Ouvintes duas partes da propozição de tal sorte , que se lhes siga igual inconveniente d' abraçarem huma , ou outra. Com este argumento póde o Prégador arguir os peccadores da sua iniquidade ; dizendo :

Vós , que viveis no vosso peccado , ou tendes verdadeira Fé , ou não : se não tendes Fé , in-

infelizes Vós; a sentença de condemnação está já pronunciada (a) contra Vós: e se tendes Fé, porque razão amais o vosso peccado? porque não deixaes a iniquidade? porque não vos converteis ao Senhor? porque não conformais a vossa vida com a vossa crença, e os vossos costumes com a vossa Fé?

He bem clara a força d'este argumento: elle convence, e he capaz de mover. No Sermão dos Innocentes póde o Orador arguir a Herodes da sua inaudita crueldade, com este argumento: Pérfido tyranno, ou dás crédito ao Vaticinio do Profeta (b), e á Estrella, (c), que annunciaõ o Nascimento do Messias em Belem; ou não: se o não acreditas, porque razão te perturbas (d)? Se o acre-

---

(a) Marc. 16. 16. (b) Mich. 5. 2.  
 (c) Matth. 2. 2. (d) Matth. 2. 3.

ditas, que loucura não he per-  
tenderes tu frustrar os dezigni-  
os de Deos, e queres fazer-  
te superior á Divindade?

*Sorite.*

*Sorite* he hum argumento,  
em que se ajuntão muitas pro-  
pozições humas sobre outras,  
cada huma das quaes não sem-  
do sufficiente para concluir, to-  
das juntas concluem com gran-  
de força. Em S. Jeronymo es-  
crevendo a Heleodóro temos  
hum bom exemplo: quer elle  
mostrar, que o Monge perfei-  
to deve estar fóra da sua Pa-  
tria: e para isto uza d'este ar-  
gumento:

„ Nenhum Profeta tem hon-  
„ ra na sua Patria. Aonde não  
„ ha honra, ahi ha desprezo:  
„ aonde ha desprezo, he fre-  
„ quente a injuria: aonde ha in-  
„ juria, ha indignação: aonde  
„ ha indignação, não ha soce-  
„ go... E todas as vezes que  
„ pela inquietação se tira alguma  
„ cou-



„ coula . . . já fica sendo menos  
 „ áquelle, de quem se tira : e  
 „ aonde qualquer he menos,  
 „ não póde dizer-se perfeito. „

*Enumeração*, a que huns cha- *Enume-  
 maõ Expedição*, e outros *Racio-  
 cinação indirecta*, he hum argu- *ração.*  
 mento, em que se expõe varias  
 coulas de tal sorte, que huma se  
 figa da exclusão das mais. Com  
 este argumento póde o Orador  
 falar a seus Ouvintes desta sor-  
 te :

Para vós teres direito á sal-  
 vação, deveis cumprir com as  
 obrigações do vosso estado; amar  
 a Deos, e ao proximo; não ter  
 perdido a Graça, ou recuperalla  
 pela penitencia: Mas vós não  
 cumpriz com o vosso dever; não  
 amais a Deos, nem ao proximo;  
 tendes perdido a Graça, sem até  
 agora a teres recuperado por hu-  
 ma penitencia laudavel: Não  
 tendes pois direito á Felicidade  
 Eterna.

Este modo d'argumentar , sendo bastantemente efficaç , he muito mais forte , e mais elegante, se se ajuntar á *subjeiçaõ* ; pois assim naõ só convence , mas dá huma grande formosura ao discurso.

*Subjei-  
gaõ.*

*Subjeiçaõ* he huma argumentaçãõ , com que nós perguntamos o que naturalmente pôde perguntar-se a respeito do que vamos dizendo ; e damos logo a resposta conveniente. O Bispo Ozorio (a) dá hum bom exemplo d'este argumento : quer elle do prolongado cativeiro dos Judeos mostrar , que o Senhor os tem desamparado pela sua perfidia ; e diz :

„ Que fazem estes infelizes  
 „ homens ? que maldades com-  
 „ mettem , para serem inteira-  
 „ mente desamparados d'aquelle  
 „ Deos , que em outro tempo  
 „ ti-

---

(a) Lib. 1. de *Sapient.*

,, tiveraõ taõ propicio ? Sacrifi-  
 ,, caõ aos Idolos ? Antes tem  
 ,, horror do seu contacto. Invo-  
 ,, caõ os Deoses vãos ? Mas el-  
 ,, les intitulaõ-se os que veneraõ  
 ,, o Deos verdadeiro. Enfure-  
 ,, cem-se em crueis costumes ?  
 ,, Mas elles arrogaõ a si a summa  
 ,, do louvor da piedade , e da  
 ,, equidade. Que pois ? Saõ ne-  
 ,, gligentes em orar ao Senhor ?  
 ,, Elles saõ continuos em humil-  
 ,, des preces ; e naõ saõ ouvidos.  
 ,, Pois se elles nem sacrificaçõ aos  
 ,, Idolos ; nem invocaõ os Deo-  
 ,, ses vãos ; nem derramaõ o  
 ,, sangue humano ; nem se man-  
 ,, chaõ com a impureza do ini-  
 ,, quo engano ; porque razaõ os  
 ,, desampara Deos ? ,,

Estas saõ as principaes *fór-  
 mas* d'Argumentaçãõ , que daõ  
 ás Orações suasorias huma gran-  
 de força naõ só para convencer,  
 mas tambem para persuadir. A  
 estas reduzem-se outras , que al-  
 guns

guns Authores apontaõ. He porém necessario, que o Orador advirta:

1.º Que estes argumentos ( assim como outros quizesquer ) devem propôr-se nas Orações Evangelicas, não só a fim de convencer os entendimentos, mas tambem de ganhar os coraçõs:

2.º Que devem propôr-se em termos claros proprios, e concludentes, segundo os principios d'huma boa Logica; para que convençãõ:

3.º Que não devem limitar-se á seccura da Dialectica; mas sim pôr-se em termos polidos, ornados, energicos, cheios de Figuras, e Sentenças; para que não só instruaõ, mas tambem movaõ, que he o alyo principal, a que se dirigem. Por isso tem o Orador necessidade d'estar bem instruido nas regras d'*Amplificaçaõ*.

## CAPITULO VI.

*Da Amplificação, e suas Fontes.*

**A**mplificação não he outra *Amplificação.*  
 cousa mais que huma ex-  
 tenção, que se dá ás Orações, a  
 fim de mostrar a cousa, de que  
 se tracta, grande no seu genero;  
 e de mover com esta amplidão  
 os animos dos Ouvintes áquelle  
 affecto, que o Orador pretende  
 excitar.

As *Fontes da Amplificação,* *Fontes da Amplif.*  
 d'onde podemos tirar o augmen-  
 to para representar as cousas  
 grandes, são as *partes*, que con-  
 tituem o todo da cousa que quer  
 amplificar-se; as *circunstancias*  
*antecedentes*, *concomitantes*, e  
*consequentes*; as *causas*; os *effei-*  
*tos*: em huma palavra, os mes-  
 mos *lugares*, d'onde se tiraõ os  
 argumentos, servem para ampli-  
 fi-

ficar, e mostrar grande qualquer cousa. Por isso n'esta materia devem observar-se as mesmas regras, que já disse a respeito d'*Argumentação*; e com applicação respectiva á materia, de que se tracta.

*Partes.*

Póde o Orador amplificar qualquer cousa, enumerando distinctamente todas as partes, que constituem o todo; ou ao menos aquellas, que fórmaõ a sua principal grandeza. Jeremias (a) dá hum bello exemplo d'este modo d'amplificar, tractando da destruição de Babylonia.

„ Está cativa ( diz elle ) toda  
 „ essa grande Cidade; o seu Deos  
 „ Bel confuso; Merodach ven-  
 „ cido; as suas estatuas arruina-  
 „ das; e destruidos todos os seus  
 „ Idolos. Pois das partes do Nor-  
 „ te subio contra ella gente ar-  
 „ mada, e a deixou dezerta, e  
 „ lo-

---

(a) Jerem. 50. 2. 3.

„ solitaria. „ D'esta sorte se vê o Profeta mostrando grande a destruição de Babilonia , pela confusão , e destroço d'aquellas partes , que mais a engrandeciaõ , e formavaõ o seu maior lustre.

Na mesma Escritura (a) vemos bastantemente amplificada a desolação de Jerusalem , pela *Circun-*  
vinda de Nabuchodonosor com *stancias.*  
o seu exercito contra ella ; pelo cêrco , em que a pozeraõ ; pela grande fome , que os seus habitantes padeceraõ ; pela fugida occulta dos guerreiros , e do mesmo Rei ; pela prizaõ d'este , e morte de seus filhos na sua mesma presença ; pelo transporte do mesmo Sedecias prezo para Babilonia ; pelo cativoiro do Povo ; pela destruição do Templo ; pelo incendio , que o reduzio a cinzas , assim como o Palacio do  
Rei ,

---

(a) 4. Reg. Cap. 25.

Rei, e toda a Cidade. Ora, estas circumstancias, e outras mais, de que fala a mesma Escritura, bem expendidas amplificaõ a-  
quelle acontecimento.

70. Hum Padre (a), mostrando grande a invencivel constancia da Mãe dos sete Machabeos, dá-nos hum famoso exemplo d'  
*amplificaçaõ*, dizendo:

„ Nenhuma cousa he capaz  
„ de dobrar . . . a invencivel  
„ constancia de seu animo : não  
„ os tormentos . . . mais exqui-  
„ zitos : não as terriveis rodas,  
„ que se lhe mostraõ . . . não o  
„ grande numero d'agudos gan-  
„ chos de ferro : não as feras  
„ cheias de furor, e fome : não  
„ as espadas, que se afiaõ : não  
„ as panellas ferventes : não o  
„ fogo voraz, e accezo. Não a  
„ perturba a confuza multidaõ  
„ do Povo, nem os Soldados  
„ ar-

---

(a) S. Greg. Theol. C. Reg. A



„ armados. Não desfalece ao ver  
 „ despedaçados os membros de  
 „ seus filhos. . . O sangue cor-  
 „ rendo pela terra, e consumida  
 „ de repente a flor de sua ida-  
 „ de. „

Todas estas circumstancias fa-  
 zem ver a grande constancia d'a-  
 quella Heroína, que á vista do  
 tormento de seus filhos tão for-  
 midavel, e rigoroso, não desfa-  
 lecia.

S. Cypriano, para amplifi-  
 car, e mostrar a gravidade da in-  
 veja, serve-se das circumstancias,  
 que acompanhaõ, e se seguem a  
 este vicio: elle diz:

„ A muito se estende o ef-  
 „ trago, que faz nas Almas a  
 „ inveja, vicio fecundo em pro-  
 „ duzir iniquidades. Ella he a  
 „ raiz de todos os males; fonte  
 „ dos homicidios; seminario  
 „ dos delictos; materia das cul-  
 „ pas. D'ella procedem os odios:  
 „ d'ella nascem os estorços te-  
 „ me-

„ merarios. A inveja inflamma o  
 „ vicio d'avareza , naõ deixando  
 „ contentar-se com o que tem. . .  
 „ Ella incita o vicio d'ambiçaõ ,  
 „ naõ podendo soffrer outros em  
 „ mais elevado emprego. Pela  
 „ inveja rompe-se o vinculo da  
 „ paz do Senhor ; viola-se a ca-  
 „ ridade fraterna ; adultera-se a  
 „ verdade ; e dispõem-se os ani-  
 „ mos para os scismas , e para as  
 „ herezias. „

Este modo d'amplificar he  
 utilissimo , quando o Prégador  
 pertende dissuadir o vicio , e per-  
 suadir a virtude.

*Cauza.* O Grande Basilio , querendo  
 mostrar a excessiva dôr , que os  
 Santos Quarenta Martyres pa-  
 decêraõ em seu Martyrio , faz  
 reflexaõ no rigoroso frio , que  
 lhes causou o mais vivo senti-  
 mento. Elle diz :

„ Vendo o Tyranno a conf-  
 „ tancia dos Martyres , e a liber-  
 „ dade com que lhe respondiaõ ,  
 „ ac-

,, accendeo-se n'huma furiosa  
 ,, ira. Principiou logo a pensar ,  
 ,, de que maquina usaria, para  
 ,, que elles padecessem hum ge-  
 ,, nero de morte igualmente ri-  
 ,, gorosa que prolongada. . . .  
 ,, Vio, que a Regiaõ, em que  
 ,, habitava, era frigidissima; a  
 ,, estaçaõ do tempo a mais inver-  
 ,, noza. Observou a noite mais  
 ,, fria, e em que os ventos Nor-  
 ,, tes mais subtilmente agitavaõ  
 ,, os ares. E mandando despir os  
 ,, Santos, os fez estar assim no  
 ,, meio da Cidade, para morre-  
 ,, rem congelados. . . O corpo  
 ,, nú, exposto a taõ rigoroso  
 ,, frio, elle fica primeiro . . . de-  
 ,, negrido pela congelaçaõ do  
 ,, sangue: agita-se logo com hu-  
 ,, ma especie d'effervescencia.  
 ,, Os dentes batem huns nos ou-  
 ,, tros: as fibras se encolhem: e  
 ,, toda a maquina constrangida-  
 ,, mente se contrahe. Segue-se  
 ,, huma dor aguda, e huma af-  
 ,, flic-

„ flicção inexplicavel, que pe-  
 „ netrando até as mesmas me-  
 „ dulas, causa huma intoleravel  
 „ lenção. As extremidades vão  
 „ destruindo-se... O calor reco-  
 „ lhendo-se para as entranhas,  
 „ deixa mortas as partes exte-  
 „ riores; e affligindo com huma  
 „ dor agudissima aquella para  
 „ onde se recolhe, vai lenta-  
 „ mente introduzindo a morte  
 „ no todo. „

Assim continúa o Santo, am-  
 plificando maravilhosamente as  
 intensas dores dos Santos Mar-  
 tyres, pela sua causa que he o ri-  
 goroso frio, o qual taõ aguda-  
 mente os penetrou.

*Effeitos.*

Pelos effeitos de qualquer  
 cousa tambem esta se representa  
 grande, amplificando-a pelas  
 suas boas, ou más producções.  
 D'este modo amplifica S. Bernar-  
 do a Consideração, pelos seus  
 effeitos, dizendo:

„ A Consideração purifica o

„ en-

,, entendimento . . . rege os af-  
 ,, fectos ; dirige os actos ; cor-  
 ,, rige os excessos ; compõe os  
 ,, costumes ; honesta , e ordena a  
 ,, vida. Ella he a que dá a scien-  
 ,, cia das coulas Divinas , e hu-  
 ,, manas : he a que separa as cou-  
 ,, las confusas ; ajunta as disper-  
 ,, sas ; esquadrinha as secretas ;  
 ,, investiga as verdadeiras ; exa-  
 ,, mina as verosimeis ; explora as  
 ,, fallas , e fingidas. ,,

Advirta-se , que a mais plena  
*amplificação* he a que se tira  
 juntamente dos *Lugares com-  
 muns* , e das *circunstancias par-  
 ticulares* das Pelloas , e das cou-  
 las : como se yê n'este exemplo.

Quer o Orador amplificar , e  
 mostrâr grande a Conversaõ do  
 Mundo feita pelos Apostolos :  
 elle deve ponderar , que os A-  
 postolos eraõ poucos ; plebeos  
 de nascimento , e d'officio ; que  
 eraõ destituídos naõ só de rique-  
 zas , d'armas , e de poder , mas

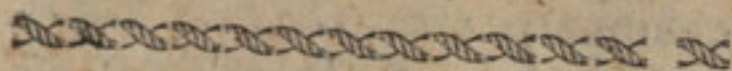
L tam-

tambem de toda a instrucção, e fabedoria do Mundo: que tudo o que prégavaõ, era para o seculo difficultoso de se crer, aspero, e custoso de se praticar: que a sua doutrina era sem esperanza de premio sensível n'esta vida; objecto d'irrização para os mundanos; e sujeita aos carceres, aos tormentos, e á morte: que as Pelloas, a quem prégavaõ, eraõ em grande parte Principes, e Poderosos do Mundo. Ora estas circumstancias, e outras mais já expendidas (a), fazem ver a grande maravilha da Conversão do Mundo: bem mostraõ, que ella não foi obra dos homens. Os Santos Padres usaõ muito d'este modo d'amplificar.

C A-

---

(a) *Supra pag. 134. e segg.*



## CAPITULO VII.

*Das Fórmas , ou Modos da Amplificação.*

SÃO muitos os modos d'amplificar qualquer cousa , e de mostralla em toda a sua grandeza. Mas entre elles ha huns , que com mais força , e viveza representaõ a grandeza das cousas , e muitas vezes ainda fazem mais. Estes modos d'amplificar , a que huns chamaõ *Figuras* , outros *Fórmas da Amplificação* (a) ; e que com mais especialidade conduzem para este fim , são os seguintes.

L. 2

§. I.

---

(a) He questaõ de nome , com a qual me uão demoro.

## §. I.

*Descri-  
pção.*

*De dois  
modos.*

A *Descripção* he huma enu-  
meração das circumstancias  
particulares d'alguma cousa,  
feita de tal modo, que ella se  
representa com viveza na imagi-  
nação dos Ouvintes. A *Descri-  
pção* he de dois modos, *peffoal*,  
e *real*: da *peffoal*, que não he  
mais que hum *Retrato*, falarei  
no §. seguinte. Agora só falo da  
*Descripção real*, que tem por  
objecto representar ao vivo  
qualquer cousa na imaginação  
dos Ouvintes.

A *Descripção* he das cousas  
mais bellas, e mais elegantes da  
Oratoria; mas por isso mesmo  
ella he tambem das mais diffi-  
cultosas. Aquelle Orador, que  
souber descrever bem qualquer  
cousa, elle sem dúvida tem os  
foccorros mais poderosos para  
encher o seu Ministerio; e as  
ar-



armas proprias para conquistar os corações (a).

Na *Descripção* devem explicar-se as circumstancias da coufa, principalmente as que são objecto da vista: devem as *Descripções* ornar-se com tudo o que ha mais elegante na Oratoria; mas sempre com huma justa medida proporcionada á naturalidade da mesma coufa. Para isto he d'huma grande necessidade ter examinado com miudeza todas as circumstancias. Nos Santos Padres achão-se *Descripções* as mais elegantes: entre outras he admiravel a que S. Gregorio Nisseno faz da mortandade dos Santos Innocentes.

„ Porque razão ( diz elle ) se  
 „ fulmina aquelle horrendo edi-  
 „ cto contra os pobres meninos?  
 „ Que crime commetterão el-  
 „ les? ... Não se lhes imputa  
 „ ou-

---

(a) Veja-se a nota pag. 188.

„ outro mais , que o de ferem  
 „ nascidos. E por esta causa ha  
 „ d'encher-se a Cidade d'algo-  
 „ zes ? Mas quem descreverá  
 „ tantas calamidades juntas ?  
 „ Quem ha que possa pôr diante  
 „ dos olhos com a narraçãõ tan-  
 „ tas mortes , tantos estragos ?  
 „ Aquella promiscua lamenta-  
 „ çãõ ? A chorosa , e desconcer-  
 „ tada armonia dos meninos ,  
 „ dos parentes , dos pais , e das  
 „ mãis exclamando contra as  
 „ ameaças dos verdugos ? Quem  
 „ descreverá o modo , com que  
 „ os pais vendo o algoz levan-  
 „ tando contra os meninos a  
 „ espada nua com os olhos tur-  
 „ vos , e scintilando morte , ti-  
 „ ravaõ para si os filhinhos com  
 „ a mão esquerda ; e submettiaõ  
 „ os proprios pescoços ao fio da  
 „ espada , para os não verem  
 „ despedaçar em suas mãos ?  
 „ Quem , quem exporá aqui os  
 „ affectos dos miseraveis pais ?  
 „ as

„ as implorações , exclamações ,  
 „ os gemidos, e ultimos abraços  
 „ aos filhos? Quem terá explo-  
 „ rado as diversas faces da ini-  
 „ quidade , para representar os  
 „ miseraveis meninos alimen-  
 „ tando-se ao peito das mãis , e  
 „ recebendo pelas entranhas o  
 „ golpe mortal? . . Mas ainda  
 „ accresce outra circumstancia ,  
 „ que faz o espectáculo ainda  
 „ mais lastimoso. Como Hero-  
 „ des tinha mandado tirar a vida  
 „ não só aos recém-nascidos ,  
 „ mas ainda áquelles que prin-  
 „ cipiassem já o segundo anno ;  
 „ já muitas mãis teriaõ n'aquelle  
 „ tempo dois filhos ambos su-  
 „ jeitos ao cruel edicto. Que las-  
 „ timoso espectáculo pois , ver  
 „ dois algozes occupados com  
 „ huma só mãe ! hum tirando-lhe  
 „ o filho , que trazia pela mão ;  
 „ o outro arrebatando-lhe o que  
 „ trazia ao peito ! Que duplica-  
 „ da , e intensa dor a não pene-  
 „ tra-

,, traria aqui , partindo-se-lhe a  
 ,, natureza para sentir a morte  
 ,, de dois filhinhos , que via ao  
 ,, mesmo tempo arrebatados por  
 ,, dois algozes , hum para huma  
 ,, parte , outro para outra ! Se  
 ,, ella vai para acúdir ao recém-  
 ,, nascido , que com hum choro  
 ,, ajuda confuso a chama ; ella  
 ,, ouve o outro , que falando já ,  
 ,, aindaque balbuciente , a im-  
 ,, plora com ternas lagrimas.  
 ,, Que fará pois a triste mãe ?  
 ,, para onde se voltará ? ,,

Aqui se vê aquelle aconteci-  
 mento , representado na imagi-  
 nação com toda a naturalidade ,  
 com hum grande artificio : e por  
 conseguinte aqui vemos huma  
*Descripção* bem viva , natural , e  
 elegante.

## §. II.

*Retrato.* **R**etrato , ou *Descripção* pes-  
 soal , he huma enumeração  
 de todas as circunstancias , que  
 mos-

mostraõ retratados ao natural o corpo , o genio , o caracter , e os costumes d'algum Povo , ou Pessoa particular. Differe da *Descripção real* , em que esta diz respeito , e tem por objecto descrever as cousas ; o *Retrato* porém faz huma *descripção* das Pelloas.

Huma , e outra conduzem muito para mover os animos dos Ouvintes , que he o fim da Amplificaçãõ. Ellas fazem vêr como presentes aquelles objectos , que se descrevem : ellas os põe diante dos olhos , com viveza , e naturalidade. E como os Ouvintes naturalmente se movem mais com o que vem , do que com o que ouvem , he sem dúvida , que as Descripções contribuem com grande força para excitar os affectos.

O *Retrato* , ou *Descripção pessoal* , deve fazer-se com imagens as mais vivas , as mais express-

pressivas, as mais naturaes, e as mais proporcionadas ao objecto, que se descreve; mas com tal viveza, naturalidade, e proporção, que o *Retrato* seja em tudo conforme com o objecto. Para isto he necessario:

1.º Que o Orador tenha hum perfeito conhecimento do homem em geral, para o que necessita d'aquella parte da *Filosofia*, de que já falei (a):

2.º Que tenha huma inteira noção das circumstancias particulares, e dos predicados do fugeito, que descreve:

3.º Que fuja de tudo o que he fingimento encarecido; e só tracte o que he verdadeiro, ou ao menos, verosimel.

He digno d'imitar-se o famoso *Retrato*, que Mr. Dupin faz do Grande S. Francisco de Sales; *Retrato* igualmente vivo que natural.

„ A

---

(a) Part. 1. pag. 41.

„ A Igreja ( diz elle ) possu-  
 „ hia entãõ hum Homem , que  
 „ reunia em si todos os talentos ,  
 „ todas as virtudes : Espirito su-  
 „ blime , e delicado : Coraçãõ  
 „ sensivel , e compassivo : vasto  
 „ em seus projectos : forte em  
 „ seus trabalhos : modesto em  
 „ seus successos : uniforme n'ap-  
 „ parencia : e realmente severo  
 „ em sua conducta : habil para  
 „ conciliar com huma piedade  
 „ natural , e facil todo o mereci-  
 „ mento da perfeiçãõ Evangeli-  
 „ ca. Panegyrista , e Modelo do  
 „ amor Divino : Guia segura , e  
 „ vivo Exemplar da verdadeira  
 „ devoçãõ. Novo Moysés por  
 „ sua doçura : novo Esdras por  
 „ seu zelo : taõ famoso , como  
 „ Josué , por seus combates : taõ  
 „ formidavel , como Judas Ma-  
 „ chabeo , por suas victorias.  
 „ Pontifice exacto , vigilante :  
 „ Prégador eloquente , solido :  
 „ Escritor pio : profundo con-

,, trovertista : Director illumina-  
 ,, do : Sabio Legislador : Flage-  
 ,, lo da herezia : Vencedor do  
 ,, vicio. Oraculo da Corte: ama-  
 ,, do dos Reis: applaudido pelos  
 ,, Soberanos Pontifices : util ao  
 ,, Mundo : essencial á Igreja: An-  
 ,, jo tutelar de Saboia : admira-  
 ,, do , e desejado em França :  
 ,, conhecido , respeitado , ama-  
 ,, do em todo o Mundo : Fran-  
 ,, cisco de Sales. ,,

## §. III.

Defini-  
ção.

**D**efinição he a enumeração  
 das propriedades de qual-  
 quer cousa , ou pessoa ; a qual  
 enumeração , fazendo conceber  
 a mesma cousa como ella he em  
 si , dá d'ella huma idéa clara , e  
 distincta , e mostra a sua nature-  
 za. A *Definição* consiste em nu-  
 merar só aquellas propriedades ,  
 que são essenciaes ao objecto ,  
 que se define ; ella não deve ser  
 mui-



muito extensa : por isso ella he muito differente da *Descripção*. Com tudo ella deve ser natural , viva , nobre , elegante.

Mr. Flechier define hum exercito na Oração funebre de Mr. de Turenna , d'hum modo , que dá a idéa mais exacta do que he hum exercito ; e mostra bem a sua natureza pela exposição das suas propriedades essenciaes.

„ Que he hum exercito ( diz  
 „ elle ) ? He hum Corpo anima-  
 „ do d'huma infinidade de pai-  
 „ xões differentes , que hum ha-  
 „ bil faz mover para defeza da  
 „ Patria : huma Tropa d'homens  
 „ armados , que obedecem cé-  
 „ gamente ás ordens d'hum Che-  
 „ fe , de quem elles não sabem  
 „ as intenções : he huma multi-  
 „ daõ de pessoas , pela maior  
 „ parte vís , e mercenarias , que  
 „ sem cuidar em sua propria re-  
 „ putação , trabalham pela dos  
 „ Reis , e Conquistadores : he  
 „ hu-

„ huma assembléa confusa de li-  
 „ bertinos , que he necessario  
 „ sujeitar á obediencia ; de co-  
 „ vardes , que he necessario con-  
 „ duzir ao combate ; de temera-  
 „ rios , que he necessario repri-  
 „ mir ; d'impacientes , que he  
 „ necessario costumar á constan-  
 „ cia. „

## §. IV.

*Paral-  
 lélo.*

**P***Arallélo* he o respeito de conveniencia , ou desconveniencia entre dois objectos , que juntamente se comparaõ , como pezando-se em huma balança , e examinando-se com exacção tudo aquillo , em que elles saõ conformes , ou contrarios.

Mr. Dupin , falando do Duque d'Orleans , faz hum singular *Parallélo* entre hum Conquistador , e hum homem que triunfa de si mesmo : *Parallélo* o mais elegante , o mais ornado , e o mais natural.

„ Mun-

„ Mundo injusto ( diz elle ) ;  
 „ imputarás tu a culpa ao Du-  
 „ que d'Orleans o não ter elle  
 „ mais que humas virtudes paci-  
 „ ficas , que tu ousas chamar vir-  
 „ tudes obscuras ? Mas qual he  
 „ o Heróe mais digno dos nossos  
 „ elogios ? o que triunfa dos ini-  
 „ migos do Imperio ; ou o que  
 „ triunfa de si mesmo ? Recom-  
 „ pensas temporaes ; huma re-  
 „ putação , que se limita á terra ?  
 „ humas acções , que não fazem  
 „ grandes mais que aos olhos  
 „ dos homens ; hum vão desejo  
 „ de gloria : eis-aqui o que or-  
 „ dinariamente inflamma o ani-  
 „ mo d'hum. Recompensas eter-  
 „ nas ; huma reputação , que vâa  
 „ até o Ceo ; humas acções , de  
 „ que só Deos he principio ; o  
 „ testemunho dos dezejos , que  
 „ o fervor accende, e a fé coroa :  
 „ eis-aqui o que anima o outro  
 „ a fazer hum eterno divorcio  
 „ com todos os objectos , que o  
 „ ata-

„ atacaõ á terra. Hum por seus  
 „ sentimentos se mostra algumas  
 „ vezes sobre a gloria , que ad-  
 „ quire : o outro por sua virtu-  
 „ de se mostra maior que as  
 „ grandezas , que despreza. E  
 „ que se percebe nas consequen-  
 „ cias do primeiro ? Póvos infe-  
 „ lizes ; victimas sacrificadas á  
 „ ambiçaõ ; cadaveres sanguino-  
 „ lentos ; Cidades saqueadas ;  
 „ Thronos arruinados ; Sceptros  
 „ despedaçados ; Reis vencidos ;  
 „ o Universo feito hum horrivel  
 „ theatro de mortandades , e de  
 „ carniçarias. A conducta do se-  
 „ gundo offerece incessante sa-  
 „ crificios multiplicados , fra-  
 „ quezas evitadas , defeitos cor-  
 „ regidos , paixões domadas , o  
 „ espirito sujeito , a carne mor-  
 „ tificada , os sentidos pacificos,  
 „ o coraçãõ captivo , o homem  
 „ todo inteiro atado á cruz , vi-  
 „ ctima d'abnegaçaõ , martyr  
 „ da penitencia. „

„ De-

„ Decidi agora , Senhores ;  
 „ qual dos dois alcança victo-  
 „ rias mais difficeis, e mais glori-  
 „ ozas. Mas ao menos vós con-  
 „ fessareis , que . . . as preces  
 „ d'hum Principe virtuozo são  
 „ mais uteis ao Imperio , do que  
 „ a sabedoria , e o valor dos He-  
 „ roes , que o defendem : o que  
 „ manda a seus sentidos he su-  
 „ perior ao que força os repa-  
 „ ros , e toma as Cidades (a). „

§. V.

**S**ermocinação he huma práti- *Sermoci-*  
 ca, que se introduz entre du- *nação.*  
 as ou mais pessoas , com expre-  
 sões accommodadas ao cara-  
 cter de cada huma , e á materia ,  
 de que se tracta. Tal he a prática,  
 que o Sabio (b) introduz nos im-

M pios

(a) Melior est , . . qui dominatur a-  
 nimo suo , expugnatore urbium. Prov.  
 16. 32.

(b) Sapient. 2.

pios dizendo , que a sua vida he limitada , e cheia de dissabores ; que por fim naõ teraõ refrigerio ; que a sua alma acaba com o corpo : e por isso ( dizem os impios huns aos outros ) ,, Vinde ,  
 ,, e gozemos dos bens caducos  
 ,, do seculo : . . . Saciemos-nos  
 ,, das bebidas , e manjares do  
 ,, Mundo : naõ deixemos passar  
 ,, a flor de nossos dias : Coroe-  
 ,, mos-nos de rozas , antes que  
 ,, murchem. ,,

O mesmo Sabio (a) introduz os impios a falar sobre a desgraça da sua reprobacão eterna , e sobre a felicidade dos justos. Elle os figura dizendo entre si :

,, Estes saõ aquelles (os justos),  
 ,, de quem nós faziamos zom-  
 ,, baria ; cuja vida nós reputava-  
 ,, mos loucura , e sem recompen-  
 ,, sa. Porém elles estaõ colloca-  
 ,, dos entre os filhos de Deos . . .  
 ,, Nós

---

(a) Sap. 5.

„ Nós he que errámos o cami-  
 „ nho... andámos pela estrada  
 „ da iniquidade... Que nos a-  
 „ proveitou a nossa soberba? Que  
 „ utilidade nos deraõ as rique-  
 „ zas? Tudo passou como som-  
 „ bra... „

Nos Proverbios, e nos San-  
 tos Padres achão-se muitos ex-  
 emplos d'estas *Sermocinações* (a).

---

M 2 §. VI.

---

(a) Estas práticas introduzidas pelo O-  
 rador entre pessoas, ou cousas, ás quaes  
 eu chamo com alguns AA. Sermocinaçãõ,  
 e Conformaçãõ, são denominadas ordina-  
 riamente Protopopeias. Mas, como isto  
 he questãõ de nome, eu não me demoro em  
 discuti-la, na certeza que a direizaõ entre  
 a prática d'aquillo que fala, e da cousa  
 que não fala, conduz mais para a perfei-  
 ta intelligencia do que o Orador deve sa-  
 ber. O certo he, que elle deve accommodar  
 huma, e outra prática ao caracter da pessoa,  
 e á qualidade da cousa, que elle introduz  
 a falar. Assim obrava Cicero, quando  
 compunha algumas Orações para outros  
 as recitarem na presença do Senado, ou  
 do Povo. Lyzias fazia o mesmo. Veja-se  
 Quintil. L. 3. Cap. 8. e L. 9. C. 2.

## §. VI.

*Confor-  
mação.*

**C**onformação he huma práti-  
ca introduzida entre cou-  
zas, que não falaõ, nem tem  
voz, como saõ as Cidades, as  
Nações, os Campos, e os mes-  
mos mortos. O Prégador, que  
introduzir alguma d'estas cousas  
a falar, deve sempre ter cuidado,  
que esta *Conformação* seja pro-  
pria da couza, que elle finge a  
falar, e accommodada á mate-  
ria, que se tracta.

O Bispo Ozorio dá-nos hum  
bello exemplo d'esta *Conforma-  
ção*, quando introduz huma Ci-  
dade exclamando contra os Pais,  
que não corrigem as liberda-  
des, e costumes perversos de  
seus filhos.

„ Que responderás tu ( diz  
„ elle ), se a tua Patria te arguir  
„ com estas palavras : Homem ,  
„ porque razaõ procuras , quan-  
„ to está da tua parte , destruir-  
„ me ?



„ me? porque razão cuidas em  
 „ degolar huma Mãi, que de-  
 „ vias abraçar com toda a pie-  
 „ dade? Com as minhas Leis, e  
 „ estatutos foste nutrido: por  
 „ mim foste tirado das silvas, e  
 „ d'entre as bestas ferozes: com  
 „ o meu prezidio tens passado  
 „ huma vida tranquilla, e segu-  
 „ ra. Por mim he que achas au-  
 „ xilio nos perigos, remedio  
 „ nas enfermidades, consolação  
 „ nas afrontas, disciplina em a  
 „ perturbação, alivio nos cui-  
 „ dados. E se julgas, que isto af-  
 „ sim não he, aparta-te de mim;  
 „ foge á minha luz; vai-te á so-  
 „ lidaõ: e vejamos, como podes  
 „ sustentar a vida sem o meu pre-  
 „ zidio. Logo mais devo eu ser  
 „ estimada por tua mãi, do que  
 „ a mesma, que te pario: e se  
 „ tu me deres a morte, não só  
 „ debes ser tido por homem im-  
 „ probó, mas por impio, por  
 „ abominavel parricida. Porém  
 „ di-

„ dirás tu , que nunca me ma-  
 „ quinaſte a morte. E por ven-  
 „ tura não entendes , que a mi-  
 „ nha vida , a minha ſaude ſe  
 „ contém nos coltumes , e na  
 „ honeſtidade dos Cidadãos ?  
 „ Hes tão deſtituido d'entendi-  
 „ mento , que não vejas , que  
 „ em elles chegando á madura  
 „ idade, ſe forem flagicioſos, te-  
 „ nho eu pela ſua maldade de  
 „ padecer hum miſeravel , e fu-  
 „ neſto fado? Nem imaginas ,  
 „ que mais deves crear os filhos  
 „ para mim , que para ti? Por-  
 „ que razaõ pois conſentes , que  
 „ elles ſejaõ perversos? porque  
 „ hes indulgente para com os  
 „ ſeus peccados? porque fomen-  
 „ tas o ſeu inconfiderado appe-  
 „ tite? porque ſoffres , que ſe  
 „ lhes extingua todo o pudor?  
 „ porque finalmente permittes ,  
 „ que elles deſprezem o estudo  
 „ da honeſtidade, e ſe entreguem  
 „ ao vicio? „

## §. VII.

A' Lem dos sobreditos , ain- *Outros*  
 da ha outros modos d'am- *modos*  
 plificar as coufas , e com que *d' amplif.*  
 ellas se mostraõ grandes no seu  
 genero.

1.º Quando aos nomes , que  
 exprimem simplesmente as cou-  
 fas , ajuntamos outros , que as  
 caracterizaõ ainda melhor. Co-  
 mo fez Cicero , dizendo contra  
 Verres :

„ Eu trago ao Tribunal naõ  
 „ hum ladraõ ; mas hum arreba-  
 „ tador : naõ trago hum adulte-  
 „ ro ; mas hum inimigo jurado  
 „ da honra das mulheres : naõ  
 „ trago hum sacrilego ; mas hum  
 „ impio , que tem profanado  
 „ tudo o que he sagrado , e pro-  
 „ fano : naõ trago hum mata-  
 „ dor ; mas hum cruelissimo al-  
 „ goz de todos os Cidadãos , e  
 „ dos nossos alliados. . . „

D'ef.

D'este modo exagera Cicero a malicia de Verres.

2.º Quando elevamos o pensamento como subindo por hum, ou mais grãos. Assim fez Cicero, falando da Lei Porcia, e Sempronia; dizendo:

„ He huma grande maldade  
 „ prender hum Cidadão Roma-  
 „ no: he hum crime horrivel o  
 „ açoutallo; quasi hum parrici-  
 „ dio o matallo: e que direi eu  
 „ de o matar crucificado? „

N'este exemplo se vê, como Cicero amplificou o crime de Verres, que não só merecia o ser prezo, açoutado, e morto; mas tambem suspenso em huma Cruz.

3.º Quando a exageração se eleva a hum tal excesso, que affirma d'elle não póde accrescentar-se mais nada. Como quando dizemos:

Jesus Christo amou os homens até dar a vida em huma  
 Cruz

Cruz pela salvação de todos. E que mais podia fazer? Morreo na Cruz pela redempção do genero humano.

4.º Quando mostramos a grandeza d'huma coula, não com distincão ou com pausa; mas encadeando as expressões humas com outras de forte, que vão crescendo. Este modo he, como diz Quintiliano (a), mais occulto; mas por isso mesmo he mais efficaz. D'este modo podemos amplificar a iniquidade do peccador, que se atreve a offender a Real Presença de Jesus Christo Sacramentado: dizendo:

O peccador esquecido de si, e do mesmo Creador, atropella a sua Lei; piza debaixo de seus pés sacrilegos o Sangue do Cordeiro Immaculado, no mesmo Templo do Deos Vivo, á face do Altar Santo, e mesmo na  
Real

---

(a) Liv. 8. Cap. 4.

Real Presença do Senhor Sacramento, e exposto á veneração dos Fieis!

5.º Quando comparamos huma cousa com outra, exaggerando aquillo, que he maior, com o argumento do que he menor. D'este modo falou Cicero contra Catilina; dizendo:

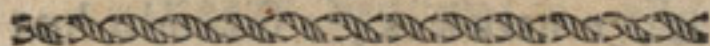
„ Na verdade, se os meus  
 „ servos me temessem da mesma  
 „ forte, que te temem os teus  
 „ Cidadãos, eu fugiria de minha  
 „ casa. „

Ha finalmente outros mais modos d'amplificar qualquer cousa. Os sobreditos são os mais principaes, e os mais proprios para mover os affectos. Quem quizer instruir-se melhor n'esta materia d'*Amplificação*, veja Quintiliano (a).

CA-

---

(a) Liv. 8. Cap. 4.



## CAPITULO VIII.

*Dos affectos, e modo com que se  
haõ de mover.*

**T**UDO o que tenho dito a res- *Affectos.*  
peito da *Amplificaçaõ*, naõ  
se dirige a outro fim senaõ a mo-  
ver os *affectos*, e ganhar os co-  
rações dos Ouvintes, que he o  
unico objecto da Oraçaõ Evan-  
gelica; assim como deve ser tam-  
bem o unico delvelo do Orador  
Christaõ. E como os Ouvintes  
ordinariamente naõ se movem  
com facilidade senaõ com a pre-  
sença das cousas, e com a gran-  
deza d'ellas, por isso deve o Ora-  
dor pôr em execuçaõ as regras  
seguintes.

1.<sup>a</sup> Representar na imagina- *Regra*  
çaõ dos Ouvintes aquillo, que *1.<sup>a</sup>*  
for objecto do seu discurso; pin-  
tando-o com as cores mais vi-  
vas,

vas, e naturaes; e fazendo huma verdadeira *Descripção* (a).

2.<sup>a</sup> Mof-

---

(a) Nas Descripções deve o Prégador advertir o que fica dito desde a pag. 164. até 170., e além d'isto, tomar por empreza o evitar tudo o que he affectação, termos brilbantes, expressões exquisitas, anritbez, e jógos de palavras: 2.<sup>o</sup> descrever o que he, e não o que poderia ser: 3.<sup>o</sup> accommodar a Descripção á intelligencia do Auditorio de sorte, que não só a percebaõ, mas que não possaõ deixar de a entender: 4.<sup>o</sup> fazer a pintura, como diz Longino, taõ viva, e natural, que não só represente o que quer, mas que pareça que o põe mesmo diante dos olbos de seus Ouvintes: 5.<sup>o</sup> nunca fazer descripção d'aquellas, que devem inteiramente desterrar-se do Pulpito, e que a Eloquencia Christam condemna como inuteis, e prejudiciaes; taes são as pinturas do que se passa no mundo, ou nos corações; as quaes não servem senaõ de lisongear as paixões, o amor proprio, a ambição d'imitar a destreza, e habilidade d'aquelles, cujas acções se vem pintadas com viveza; e sobre tudo, a pintura, e descripção em materia de sensualidade, a qual he propria para inspirar o amor profano: 6.<sup>o</sup> fazer as descripções de sorte, que ellas produzaõ no Auditorio sentimentos Christãos.



2.<sup>a</sup> Mostrar a mesma cousa, *Regra*  
 grande no seu género ; amplifi- 2.<sup>a</sup>  
 cando-a com tudo aquillo, que  
 lhe for respectivo, conforme a  
 doutrina estabelecida a respeito  
 da *Amplificação*.

3.<sup>a</sup> Mover-se o Prégador pri- *Regra*  
 meiro a si mesmo (a); que he, 3.<sup>a</sup> e  
 segundo Quintiliano, o preceito *princi-*  
 mais importante, e principal, *pal.*  
 ácerca de mover os *affectos* (b).

4.<sup>a</sup> Pedir a Deos, por meio *Regra*  
 da Oração, a compunção, a 4.<sup>a</sup>  
 ternura, e unção, de que neces-  
 sita para se mover a si, e o mes-  
 mo Auditorio, segundo o con-  
 ceito de Santo Agostinho (c).

Os *affectos*, que os Oradores  
 Evan-

(a) Lacrymas, quas vult a suis audi-  
 toribus fundi, ipse primitus fundat : &  
 sic eos compunctione sui cordis accendat.  
 Inter Oper. S. Prosper.

(b) Quintil. L. 6. Cap. 2.

(c) Da amantem . . . & scit quid di-  
 cam. Si autem frigido loquor, nescit  
 quid loquor.

Evangelicos devem excitar em seus Ouvintes, saõ o amor de Deos, e do proximo; da observancia da Lei Santa; a estimaçaõ da Virtude; o aborrecimento do vicio; o temor dos Juizos do Altissimo; a esperança na Misericordia de Deos; a admiraçaõ das cousas sobrenaturaes; o desejo do Ceo; o medo do inferno; o desprezo do Mundo; a humildade, a paciencia, e todas as mais Virtudes. Para isto deve o Prégador valer-se dos motivos proporcionados a excitar os *afectos* laudaveis nos animos de seus Ouvintes.

Para os mover ao amor de Deos, deve mostrar a sua infinita Bondade, a sua excessiva Caridade, a sua Mansidaõ, a sua Liberalidade; o Amor Paternal, com que Elle nos ama; os beneficios incompreensiveis, que nos faz assim no temporal

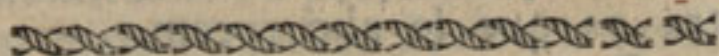
como no espirital; o grande Myſterio da Redempção.

Para mover ao amor do proximo, deve propôr o fim, para que fomos creados; a ſemelhança entre huns, e outros, com que Deos nos creou; as utilidades da uniaõ; as funeſtas conſequecias da diſcordia; as promeſſas, que o Senhor faz aos que mutuamente ſe amaõ; as ameaças, que fulmina contra os que ſe aborrecem.

Para excitar o odio ao peccado, deve moſtrar, quanto elle ſe oppõe a Deos, e quam deteſtavel he na ſua Prezença; propondo com as côres mais vivas a ſua enormidade: deve lembrar a neceſſidade da morte; a incerteza da hora; a ſeveridade formidavel dos Juizos de Deos; as penas do inferno, de que o peccador ſe faz reo; a felicidade eterna, a que perde o direito pelo peccado.

Da

Da mesma sorte proporá os motivos respectivos aos *affectos*, a que quizer mover seus Ouvintes: valendo-se da meditação, da lição da Escritura, e dos Santos Padres, e ainda de muitos livros espirituaes; aonde se achará tudo, o que ha de mais forte, e mais efficaz para se excitarem os *affectos* mais saudaveis, e christãos.



## CAPITULO IX.

### *Da Dispozição.*

**N**Aõ he bastante ao Orador Evangelico ter idiado a Materia proporcionada ao Auditorio, e achado razões solidas, e convenientes, por meio d'huma boa *Invenção*: he necessario álem d'isto, que elle forme o seu discurso com huma  
*dis-*



cipio dê luz ao que se segue ; que as primeiras razões concorrem com as ultimas ; que as ultimas fortifiquem as primeiras ; que os principios sustentem a concluzaõ ; que a concluzaõ verifique os principios. Em huma palavra : a *Disposiçaõ* faz , com que o discurso vá sempre subindo , e fortificando-se cada vez mais , já com a valentia dos argumentos , já com o solido , e fundamento das razões , já com o especiozo das authoridades , já finalmente com o sublime do estilo.

Regra  
1.<sup>a</sup>

Deve o Orador advertir: 1.<sup>o</sup> que a *disposiçaõ* dos argumentos ha de fazer-se por *Collecçaõ* ; a qual consta de cinco partes: 1.<sup>a</sup> *Propozicãõ* , em que se expõe breve, e claramente o que se quer provar: 2.<sup>a</sup> *Razaõ* , com que se mostra verdadeiro o que se propóz: 3.<sup>a</sup> *Confirmaçaõ* , que corrobora com argumentos a

Ra-

*Razaõ* : 4.<sup>a</sup> *Exornaçaõ*, que orna, e amplifica a prova : 5.<sup>a</sup> *Concluzãõ*, em que se faz hum breve compendio dos argumentos.

2.<sup>o</sup> Que a collocaçaõ dos argumentos seja tal, que a Oraçaõ vá crescendo cada vez mais, e nunca se diminua. Por esta cauza os argumentos fortes tem o seu lugar no principio, os mais fortes no meio, os fortissimos no fim : e d'esta forte vai o discurso elevando-se, e subindo naturalmente ( *a* ); e os Ouvin-

*Regra*  
2.<sup>a</sup>

N 2

vin-

---

(*a*) Esta ordem parece a mais natural. Não ignoro os diversos sentimentos, que ha n'esta materia ; mas também não posso deixar de dizer, que pondo-se os argumentos mais fortes no principio, e depois os menos fortes, como dizem alguns AA., já o discurso vai decabindo, em lugar de subir: o que nada tem d'eloquente. O motivo, em que se fundão os mesmos AA., não he tão attendivel, como parece ; porque, se os argumentos menos fortes não são capazes de conciliar a attençaõ dos Ouvintes, he me-  
lhor

vintes convencendo-se de cada vez mais.

Reg. 3.<sup>a</sup> 3.<sup>o</sup> Deve o Orador tractar primeiro aquellas couzas, que são necessarias para a intelligencia das que se seguem: proceder dos lugares communs para os particulares; dos mais claros para os mais occultos; dos mais faceis para os mais difficeis; dos sensiveis para os insensiveis; dos ordinarios para os extraordinarios.

Reg. 4.<sup>a</sup> 4.<sup>o</sup> N'isto, como em tudo o mais, he necessaria huma grande prudencia para applicar as regras estabelecidas; ou para as variar segundo as diversas circumstancias, que occorrem. He necessario álem d'isto, que o Orador tenha hum entendimento e genio naturalmente

---

*Ibor não uzar d'elles, do que inverter a ordem d'huma perfeita eloquencia. Com tudo lea-se Quintil. l. 5. c. 12.*



te vivo, e os outros meios, de que já acima (a) falei.

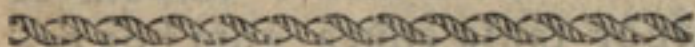
5.º Ultimamente fuja o Ora-<sup>Reg. 5.ª</sup> dor d'amontoar a hum discurso muitas razões, muitos argumentos, muitos exemplos, authoridades, e pensamentos: 1.º porque he moralmente impossivel dispôr tanta couza com boa ordem, e clareza; 2.º porque a grande abundancia não dá lugar a se amplificarem aquellas couzas, que são mais proprias para persuadir.

Tudo o que tenho dito, deve entender-se da *Disposição artificial*. Ha outra *Disposição*, a que Quintiliano (b) chama *economica*, e he propria da materia, que se trata: ella pede huma grande exacção, e attenção á propriedade da materia, ás PESSOAS, ao tempo ao lugar,

(a) Sup. pag. III. §. IV.

(b) L. 7. c. 1.

gar, e a outras muitas circumstancias particulares: e só á vista de todas ellas he que pôde fazer-se huma justa, e verdadeira *Dispozição economica* (a), a respeito da qual não podem dar-se regras certas.



## CAPITULO X.

*Das Partes do discurso.*

*Partes  
da Ora-  
ção.*

A mesma ordem natural está pedindo, que as *Partes*, de que consta hum discurso Oratorio, se disponhaõ de sorte, que formem todas huma Oração perfeita. São pois as *Partes* do discurso:

1.<sup>a</sup> *Exordio* he o principio da Oração, ou huma introdução

---

(a) Res ipsa, & exercitatio melius, quam ars, docent quæ debeat esse dispositio. *Fonsec. Inst. Rhet. l. 2. cap. 1.*

ção ao discurso Oratorio, a qual tem por objecto conciliar a benevolencia, attençaõ, e docilidade dos Ouvintes.

2.<sup>a</sup> *Narração* he huma expozição d'aquelles factos, que são respectivos á materia da Oração.

3.<sup>a</sup> *Propozição* he huma summa da materia, que ha de tractar-se.

4.<sup>a</sup> *Confirmação* he a expozição dos argumentos, que provaõ a *Propozição*.

5.<sup>a</sup> *Refutação* he a dissolução dos argumentos contrarios.

6.<sup>a</sup> *Peroração* he huma recapitulação ou compendio de toda a Oração.

Esta he a ordem, que a mesma razão natural está mostrando, a respeito das *Partes* da Oração. Cada huma d'ellas tem suas regras particulares.

## §. I.

Do Exor-  
dio.

**P**Ara que o Orador Evan-  
gelico forme hum *exordio*  
perfeito, e com o qual possa  
conciliar a benevolencia, atten-  
çaõ, e docilidade de seus Ou-  
vintes, deve observar as regras  
seguintes.

*Reg. 1.<sup>a</sup>* 1.<sup>a</sup> Evitar com muito cuida-  
do, naõ só ser, mas ainda pa-  
recer arrogante, desprezador,  
maligno, soberbo, ou maldi-  
zente.

*Reg. 2.<sup>a</sup>* 2.<sup>a</sup> Mostrar huma decente mo-  
destia em seus pensamentos, nas  
suas palavras, na sua voz, e  
nas suas acções (*a*).

*Reg. 3.<sup>a</sup>* 3.<sup>a</sup> Evitar a ostentaçaõ; pa-  
ra que o Auditorio naõ desconfie  
do seu artificio; e nunca u-  
zando de metaphoras atrevidas;  
fu-

---

(a) Tenbo visto *Prégadores*, que lo-  
go no principio do Exordio deaõ pró-  
vas de que tem mais geito para esgrimi-  
dares, que para *Ministros do Evangelho*.

fugindo de toda a affectação.

4.<sup>a</sup> Fazer o *Exordio*, que te-  
 nha huma intima connexão com  
 o corpo do discurso; e que mos-  
 tre não ser composto de pro-  
 pozito ( *a* ), mas produzido co-  
 mo de repente, e tirado da mes-  
 ma materia. Para isto seria mui-  
 to util, que o Prégador não  
 compozesse o *Exordio* senão de-  
 pois de compôr o discurso; por-  
 que entãõ, tendo o entendimen-  
 to senhor da sua materia, to-  
 dos os pensamentos dirãõ res-  
 peito a ella ( *b* ).

5.<sup>o</sup> Fa-

(a) *Quintil. l. 4. cap. 1.*

(b) *Ha Sermões taõ extravagantes, que o Exordio não tem nem ainda huma palavra respectiva á materia d'elles. Eu já ouvi alguns d'esta qualidade: hum principalmente foraõ trez sermões; o 1.<sup>o</sup> foi o Exordio, o 2.<sup>o</sup> a Confirmação, o 3.<sup>o</sup> a Conclusão; o bom do Prégador em cada huma d'estas trez partes fez seu Sermão, todos muito differentes pelas diversas materias, em que falou, que nenhuma connexão tinhaõ humas com outras.*

Reg. 5.<sup>a</sup> 5.<sup>a</sup> Falar d'hum modo claro ;  
com gravidade sem affectação;  
de maneira sublime , não exqui-  
zita nem pompoza.

Reg. 6.<sup>a</sup> 6.<sup>a</sup> Não se perturbar , como  
quem se esquece do que ha de  
dizer ( a ).

Observado tudo o que aca-  
bo de dizer , he facil conhe-  
cer os vicios , que fazem o *Ex-  
ordio* imperfeito. Ser elle mais ,  
ou menos extenso , depende da  
materia , á qual deve propor-  
cionar-se ( b ), bem como a ca-  
beça no corpo do homem.

No *Exordio* póde admittir-  
se o uzo das *Apostrophes* , e das  
*Prozopopéas* : Cicero fez huma ,  
e outra couza. Mas não se se-  
gue d'aqui , que devamos uzar  
d'el-

---

O Exordio , que era muito alheio do Ser-  
maõ da Festa , era elegante na ver-  
dade ; e por muitos motivos bem dava  
a entender , que o Prégador não o tinha  
composto.

(a) Quintil. l. 4. C. 1.

(b) Quintil. cit.

d'ellas sempre: quando forem a propozito, são utilísimas; quando a materia as não admitir, são oppostas á verdadeira Eloquencia.

A passagem do *Exordio* á *Narração*, ou á *Confirmação*, deve ter o seu fim tão ajustado com o principio das outras *Partes*, que tudo pareça huma ordem natural, e sem divizaõ sensível (*a*), que cauze alguma obscuridade.

Na expozição, e applicação do texto, em que se funda o *Exordio*, he que deve resplandecer hum modo sublime, e magestoso, occultando-se o artificio, evitando tudo o que he brilhantismo. Nas Orações Fúnebres, nas de Mysterios, e nos Panegyricos deve o *Exordio* principiar d'hum modo nobre e magnifico; nas Moraes deve ser hum

pou-

---

(a) Quintil. cit.

pouco mais moderado : mas sempre claro ; e antes mais curto e breve , do que extenso.

Principiar o *Exordio* por hum texto da Escritura he couza , que o costume introduzido tem feito necessaria. Se o Sermaõ for no meio da Missa , do Evangelho d'ella deve tirar-se , e escolher-se bem aquelle texto , que tiver melhor analogia com a materia do Sermaõ : de forte , que o *Assumpto* se decentranhe do mesmo texto entendido , e tomado no sentido literal ou mystico ; fugindo de toda a interpretaçãõ violenta , e arbitraria : naõ seguindo hum , ou outro expozitor , mas fim o commum sentimento d'os Santos Padres , e dos expozitores de melhor nota ; evitando finalmente humas interpretações inteiramente nascidas d'hum espirito livre , cheias d'hum capricho particular , e por isso alhei-



as do Ministerio da Palavra.

Se o Orador no mesmo Evangelho não achar texto, do qual, tomando no sentido literal ou mystico, se não possa deduzir com naturalidade o seu *Assumpto*; elle deve n'este caso expôr o texto no seu genuino sentido, e depois passar ao seu principal objecto não *ex abrupto*, mas por huma transição artificioza, e como com hum novo *Exordio*, procurando, quanto poder ser, alguma semelhança ou vinculo com que venha a unir huma couza com outra. Pois em taes cazos he isto louvavel ao Prégador, por elle escolher antes este meio, do que tirar os textos do seu proprio sentido, e explicallos contra os sentimentos da Igreja: o que nunca foi, nem será permittido em tempo algum.

Naõ sendo o Sermaõ ao tempo da Missa, póde o Ministro  
do

do Evangelho escolher o texto ; de que mais naturalmente possa deduzir-se o seu *Assumpto*. Prégando Triduo , Novena , ou Tardes da Quaresma , póde livremente cada dia tomar hum texto : ou servir-se d'hum só em todos os dias , com tanto que , sem se lhe violentar o sentido , se possa tirar naturalmente o *Assumpto*.

Traduzido o texto no nosso idioma ; rezar a *Ave Maria* no principio ou no fim do *Exordio*, em latim ou vulgar , em voz alta , ou submissa , são circumstancias tão accidentaes , que ninguem deve embaraçar-se com ellas : porque ou se fação d'hum sorte , ou d'outra , ellas não augmentão , nem diminuem a força , nem a elegancia da Oração. Com tudo he mais prudente , que o Orador siga o que a prática tem já introduzido , a fim d'evitar a *novidade* , que a  
 elle

este respeito nada tem de pro-  
yeitoza.

Ainda que a *Propozição* se  
inclue no fim do *Exordio* das  
Orações Evangelicas, eu com  
tudo falarei primeiro da *Nar-  
ração*, que alguma vez póde  
ter lugar no mesmo *Exordio*,  
assim como tambem na *Confir-  
mação*; e por seguir a ordem  
dos melhores AA.

§. II.

**A**S *Narrações* proprias d' *Da Nar-  
hum Sermaõ*, que n'elle *ração*.  
algumas vezes saõ, ou devem  
ser expostas com frequencia,  
reduzem-se ás vidas dos San-  
tos, aos factos constantes na  
Historia Ecclesiastica, e aos ex-  
pressos na Sagrada Escritura. Tu-  
do o mais, que naõ diz respei-  
to a estas *Narrações*, pouco ou  
nenhum lugar tem nas Oraçõ-  
es Evangelicas.

Suas vir-  
tudes.

Toda a *Narração* deve ser *breve, clara, verdadeira; e verosimil*, quero dizer, que o facto não só seja verdadeiro, mas também narrado de sorte, que o pareça; que todos o acreditem, e reputem como verdadeiro; pois, como bem nota Quintiliano (a), ha muitas couzas verdadeiras, que não o parecem, e por isso não são creiveis, nem verosimeis. A'lem d'isto, a *Narração* deve ser *conforme á materia* do Sermaõ; *exposta com palavras proprias*, e significantes, não exquezitas, nem apartadas do uzo commum; *ornada*, para não ser insipida (b), nem cauzar fastio.

Ella tambem algumas vezes

---

(a) Liv. 4. C. 2.

(b) Quint. cit. Estas virtudes da clareza, brevidade, verdade, verosimilhança, proporção, e ornato propriedade, não só pertencem á *Narração*, mas tambem ás outras Partes do discurso.

zes admitte a digressão, para fazer a Oração mais plauzível (a): deve ser dividida, quando a materia o pedir. A *energia*, ou evidencia em a *Narração* he huma taõ grande virtude, que o Orador com ella não só diz a verdade, mas tambem a mostra como ella he.

A *Narração* admitte as *Apophthegmas*, que lhe daõ huma grande viveza; assim como tambem as *Prozopopéas*. N'ella devem tocar-se os affectos (b): o estilo deve ser ornado, mas com dissimulação (c), e sempre cheio d'elegancia. As expressões devem ser jocundas nas couzas alegres; e tristes nas funebres: graves nas sérias; e ornadas nas sublimes. Póde ter algumas passagens artificiozas, mas encubriendo-se o mesmo arti-

---

(a) Quint. cit. (b) Quint. cit.

(c) Quint. cit.

tificio. Admitte alguma descripção, mas breve. A *Narração* em fim deve ser cheia de força, e de magestade; variada com diferentes expressões, e com diferentes estilos conforme as diferentes materias, a que differ respeito.

## §. III.

*Da Propozição.*

A *Propozição*, que he hum breve compendio de tudo o que se ha de tractar na *Oração*, e a que vulgarmente chamaõ *Assumpto*, he sem duvida Parte essencial d'hum *Sermaõ*: no qual he indispensavelmente necessario que o *Orador* em poucas palavras declare a seus *Ouvintes* a materia, que vai a tractar; e a ordem, com que ha d'expolla; para que elles percebaõ o fim, a que se dirigem as suas provas; e para que estejaõ mais attentos.

*Suas virtudes.*

Deve pois a *Propozição* ser  
bre-



mas que sejaõ partes , que verdadeiramente se contenhaõ no seu todo : procurando-se cuidadosamente brevidade , e clareza ; e fugindo d' amontoar antitezes , que naõ servem se naõ d' huma vaã ostentaçaõ , e ás vezes d' obscuridade.

*Subdivi-  
zaõ.*

Quanto á *Subdivizaõ* , dizem huns , que ella enfraquece o discurso ; outros , que ella se deserre como inutil , e estranha a toda a Eloquencia. Tenho lido huma , e outra couza ; mas naõ posso deixar de dizer , que nenhuma das duas propozições he verdadeira absolutamente. Ellas em parte saõ verdadeiras , em parte falsas.

Saõ verdadeiras , quando a parte dividida he de sua natureza indivizivel , e por isso póde explicar-se claramente sem *Subdivizaõ*. Mas saõ falsas quando a parte dividida naõ póde expôr-se com clareza sem se sub-

di-



dividir. No primeiro cazo, a mesma natureza da couza, e a perfeita Eloquencia pedem, que se desterre a *Subdivizaõ*: no segundo, estaõ pedindo a mesma *Subdivizaõ*. Naõ a fazer no primeiro cazo, e fazella no segundo, he verdadeira elegancia: fazella no primeiro, e naõ a fazer no segundo, he contra toda a Eloquencia; he enfraquecer o discurso; he querer explicar a materia contra a sua mesma natureza.

Com tudo he necessario hum grande discernimento, huma grande prudencia para fazer com acerto a *Subdivizaõ*. (a)

---

§. IV.

(a) Sobre a unidade, e formalidade vej. pag. 223. e Part. 1.<sup>a</sup> pag. 70.

## §. IV.

Da Con-  
firmação.

**N**Aõ sendo a *Confirmação* outra couza mais, que huma expozição dos argumentos, com que se prova a *Propozição*; fica certo, que o Orador deve observar tudo o que já disse a respeito d'*Argumentação*, assim em quanto á materia, como em quanto á fórma.

Da Re-  
futação.

A *Refutação* anda sempre unida á *Confirmação* por hum vinculo necessario: pois para se provar huma *Propozição* devem dissolver-se as objecções, que se lhe oppõem; refutando-se com força tudo o que offende a *Propozição*; mas com subtileza, e sinceridade, naõ negando o que se deve conceder.

Para a *Refutação* devem empregar-se argumentos proporcionados á materia d'ella.

§. V.

**A** *Peroraçãõ*, que he huma *Perora-*  
*especie d' Analize*, ou *Con-*  
*cluzãõ* do discurso, he a ver-  
 dadeira Pedra de toque do Ora-  
 dor: he o Epílogo de toda a  
 Oraçãõ.

Ha duas especies de *Pero-*  
*raçãõ*: na primeira tem o Ora-  
 dor por objecto principal ajun-  
 tar, como em hum ponto de  
 vista exacto, e breve, tudo o  
 que tem tractado no seu dis-  
 curso; para que fique mais im-  
 presso na memoria dos Ouvin-  
 tes: na segunda elle deve unir  
 os affectos já tocados nas mais  
 Partes da Oraçãõ, excitallos de  
 novo, e mover a seus Ouvin-  
 tes a abraçar as verdades, que  
 lhes tem proposto. Para se fa-  
 zer huma *Peroraçãõ* elegante,  
 he necessario:

1.º Evitar toda a repetiçãõ  
 uni-

uniforme (a), que não póde deixar de ser summamente odiosa :

2.º Dizer o mesmo, que já disse; mas com estilo mais sublime, com valentia mais forte, com expressões mais tocantes; empregando tudo o que a Arte póde ter de mais elegante, e mais persuazivo :

3.º Fazer esta Recapitulação breve de sorte, que não seja huma segunda Oração :

4.º Empregar no movimento dos affectos tudo o que a Eloquencia tem de mais pathetico, a fim d'attrahir as vontades, e arrastallas por huma violencia doce e suave :

5.º Uzar d'hum grande artificio; mas occultando-o, para que os Ouvintes o não percebaõ; e para que a Arte se não descubra. Diligencia taõ necessaria.

---

(a) Quintil. l. 6. c. 1.

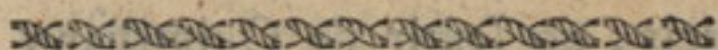
faria, no sentir de Quintiliano (a), que, segundo elle, a Arte n'esta materia, todas as vezes que apparece, deixa de ser Arte.

D'esta sorte, o Orador fará huma *Peroração* elegante, e perfeita; elle triunfará de seus Ouvintes, abalando suas vontades, tocando seus corações, movendo seus espiritos; e á maneira d'hum rio, que com a rapidêz de sua enchente arrasta e arruina tudo o que lhe reziste, elle arrebatará todo o interior de seus Ouvintes, e os conduzirá para onde quizer: pois na *Peroração* he que a Eloquencia triunfa, e alarga o seu imperio.

---

C A-

(a) Liv. 4. c. 2. no fim.



## CAPITULO XI.

*Dos diversos generos d'Oraçaõ.*

**O**S principaes generos do discurso Oratorio, que saõ proprios do Orador Evangelico, saõ: *Deliberativo, Demonstrativo, Didascalico, Humiliatico, Mixto.*

*Generos  
d'Ora-  
çaõ.*

## §. I.

*Delibera-  
tivo.*

**G**enero *Deliberativo* he aquelle, em que o Orador tem por objecto persuadir a virtude, e desuadir o vicio. Elle he taõ proprio do Ministro do Evangelho, que em todas as suas Orações tem algum lugar; ou sejaõ de Mysterio, ou Panegyricos, ou quaesquer outras Orações Evangelicas, sempre elle deve recommendar a

*virtu.*

virtude, e despersuadir o vicio. Com differença porém, que nas mais Orações he a Propozição respectiva á materia d'ellas; mas n'este genero a mesma Propozição diz respeito a mostrar a virtude estimavel, e o vicio digno d'abominação: nas mais ordinariamente só se fala da practica da virtude, e da fugida do vicio, na Peroração; mas n'este genero persuade-se huma couza, e dissuade-se outra em todas as Partes do discurso.

A este genero convêm huma Eloquencia vigorosa, nobre, e mais ou menos sublime, conforme o pedir a materia. He necessario hum grande discernimento d'aquillo, que he proprio das Pelloas, dos lugares, e dos tempos, a fim de se proporem as verdades pelo modo mais proporcionado aos diversos generos d'Ouvintes.

Não deve o Orador conten-

tentar-se unicamente com persuadir o bem, e dissuadir o mal: elle deve, além d'isto, ensinar o modo mais facil, e prescrever os meios mais proporcionados, e seguros de praticar hum, e fugir outro.

## §. II.

*Demonstrativo.*

**G**enero *Demonstrativo* he aquelle, em que o Ministro Evangelico tem por objecto elogiar algum fugeito, e enumerando as suas acções heroicas. Quanto ao vituperio, em que os Rhetoricos ordinariamente falaõ n'este genero, eu nada direi, por ser esta materia totalmente alheia do Ministerio.

As Orações, que mais se representam no Pulpito respectivas a este genero, saõ os Panegyricos, em que se elogiaõ os Santos; e as Orações Funebres



bres nas Exequias dos Grandes do Seculo. Humas, e outras tem circumstancias particulares, que devem attender-se. Quanto aos Panegyricos dos Santos deve o Orador advirtir: *Panegyrico.*

1.º Que o fim d'estes Sermões não he, como diz S. Bazilio, mostrar, que os Santos, de quem fala, forão Santos; mas sim referir as suas virtudes, como argumento para mover os Ouvintes a imitar os mesmos Santos; a reconhecer a virtude do Espirito Santo, que os fez superiores ao Mundo; a implorar os soccorros da Graça, a fim de serem exactos observantes da Lei, e alcançarem a feliz Recompensa, de que elles gozão no Ceo.

2.º Que o Panegyrico d'hum Santo não he fazer huma simples narraçãõ da sua Vida; mas sim huma recopilaçãõ das acções principaes, e das virtudes mais ef-

especiosas , reduzindo-as a hum certo principio , ao qual se refira tudo o que se diz mais consideravel da sua Vida : sem que seja necessario observar a ordem , que as acções tiveraõ em sua execuçaõ ; pois esta simplicidade he mais propria d'huma simples historia, que d'hum Panegyrico.

3.º Entre huma , e outra virtude não só podem , mas devem fazer-se algumas interrupções , a fim d'applicar hum *simile* , de fazer huma reflexaõ moral , de dar lugar a huma applicaçãõ da Escritura : em huma palavra , para amplificar o discurso ; mas de sorte , que tudo diga respeito á Proposiçaõ , e que as reflexões não sejaõ mais extensas do que a narraçaõ das mesmas acções.

4.º Não deve o Panegyrico perder-se de vista , por occupar-se o Orador em prolongadas instrucções sobre o vicio opposto á virtude , que se louva.

5.º Quan-

5.º Quando o Prégador não tiver mais que huma Virtude, sobre que discorra, elle deve pôr cuidado em que tudo o que houver de dizer, tenha huma perfeita relação para essa tal Virtude, sobre que se elogia o Santo.

6.º He necessario, que o discurso tenha huma perfeita *uni- Unidade.* *dade*; a qual não consiste em outra cousa mais, que huma proposição, que se dirige a explicar todas as Virtudes, as quaes se reduzem a huma acção mais assinalada; que faz o principal caracter do Santo. O que melhor se dá a conhecer com hum exemplo. Supponhamos, que tem o Orador de prégar hum Sermão do Grande Baptista: elle verá, que o seu nascimento foi annunciado pelo Anjo; que elle foi hum Enviado de Deos para Precursor do Messias, segundo os Vaticinios d'Isaias, e Malaquias,

quias ; a sua conceição milagro-  
 fa ; que foi vizitado , e santifica-  
 do pelo Salvador ainda no ven-  
 tre materno ; que a sua peniten-  
 cia foi austerá ; que baptizou ao  
 Messias ; e mereceo , que o mes-  
 mo Salvador lhe chamasse mais  
 que Profeta , e affirmasse que en-  
 tre os nascidos das mulheres não  
 ha outro maior que Joaõ Baptis-  
 ta : verá finalmente a santa liber-  
 dade , com que reprehendeo a  
 Herodes do seu incesto , e o va-  
 lor , com que soffreo a tyrannia  
 da sua degollação. Esta he a ma-  
 teria bastantemente ampla , para  
 formar hum perfeito Panegyri-  
 co. Mas o Prégador não deve  
 propôr isto assim no seu Assum-  
 pto , nem promettendo fazer  
 ver todas estas acções juntas ,  
 nem alguma d'ellas em particu-  
 lar : porque , se assim o fizesse ,  
 a *unidade* do dezenho se perdia  
 inteiramente. Para evitar este de-  
 feito , deve procurar huma Vir-  
 tu-

tude, e descobrir huma prerogativa, da qual possaõ nascer todas estas acções; prerogativa, que dê bem a conhecer o caracter do Santo; e á qual possa referir-se tudo o que no discurso se disser em elogio do Santo. Isto supposto, póde o Orador tirar por Assumpto, e usar d'esta Proposição: „ O Baptista, pelas suas „ singulares Virtudes, foi Grande „ de diante de Deos (a). „ Eis aqui a grandeza do Santo, que se propõe por Assumpto; d'ella nascem, e a ella se reduzem não só as sobreditas acções, mas tudo o mais, que se disser em seu louvor; porque tudo vai mostrando a Grandeza do Baptista diante de Deos: e por isso esta Proposição conserva a *unidade* do discurso. Mas se o Prégador tirar este Assumpto: „ O nosso „ Santo baptizou ao mesmo Sal-

P

„ va-

---

(a) Luc. 1. 15.

,, vador : ,, com elle não póde conservar a *unidade* do discurso ; porque as mais Virtudes do Santo , que ha d'expôr no seu elogio , nem provaõ o Assumpto , nem rigorosamente se referem a elle. N'este defeito labora huma grande parte dos Pannegyricos , que se ouvem pelos Pulpitos:

7.º A Proposiçaõ , pelo que acabo de dizer , deve ser mais universal do que particular , com a qual tenhaõ connexaõ as Virtudes , de que houver de falar : e que exprima o proprio caracter do Santo ; pois não he justo , que se represente como Apostolo hum Santo , que não contribuiu á conversãõ dos Povos por meio da prégacaõ : procurando sempre , podendo ser , alguma cousa de singular , que distinga hum Santo do outro ; e fugindo de tirar hum Assumpto  
ge-

geral, que possa convir a qual-quer Santo.

8.º Todas as acções, de que se fórma o Panegyrico, devem hir provando a Proposiçaõ principal, ou o Assumpto: por isso este, como já disse, deve constar d'huma Virtude, ou prerogativa mais afinzada, e universal, que comprehenda, e a que se refira tudo o que se disser no Panegyrico.

9.º As grandezas do Mundo ou não devem ser parte do elogio, ou só tocadas de passagem, e de modo, que o Auditorio conceba o maior apreço, que o Santo fez das Virtudes, desprezando tudo o que he terreno, e caduco. Os defeitos d'hum Santo, antes da sua conversão, podem manifestar-se: 1.º para mostrar a sua correspondencia á Graça da Vocação: 2.º para dar esperança aos peccadores, e persuadillos a confiar que Deos o-

brará com elles a mesma Graça:

*Oração  
Fúnebre.*

*Oração Fúnebre* he huma confusão, ou mistura do Sagrado, e do profano. Tem por fim engrandecer as acções dos mortos, e por adjuncto satisfazer á vaidade, e applaudo dos vivos, *Oração*, que n'outro tempo não convinha aos Ministros do Evangelho. Ella he das cousas mais difficultosas da Oratoria Christam; porque sendo ella hum elogio Sagrado, pelo que respeita ao lugar, e ao Orador, he tambem profano, pelo que diz ordem ao objecto. O Sagrado não deve fazer perder de vista o Heroe, que se elogia: o profano tambem não deve dar lugar, que o Orador perca o decoro devido ao Ministerio. Para se descobrir materia para o Elogio Fúnebre do sujeito, deve o Prégador do Evangelho reflectir:

*Antes da  
vida.*

1.º Na distincção, e nobreza,



za, ou na humildade dos ascendentes. Se foraõ illustres, d'isto mesmo resulta huma grande gloria ao fugeito como descendente d'huma tal Familia. Se foraõ humildes, sempre lhes resulta a ventagem de progenitores de tal heroe:

2.º Na qualidade da Patria; se for célebre, mostra-se a sua excellencia em ter sido o lugar do seu nascimento: e ao mesmo fugeito resulta a gloria d'haver nascido em tal paiz. Se for de pouca memoria, sempre tem a ventagem d'ahi ter nascido hum homem taõ recommendavel á posteridade.

3.º Se antes do nascimento houve algum signal, ou vaticinio de Pelloas virtuosas; porque isto, sendo verdadeiro, faz ver que o Ceo destinou o fugeito para algumas cousas agradaveis a Deos. Tal foi o signal, antes do nascimento de Santo Efrem, pa-

parecendo a seu Pai, que via sahir do ventre de sua mulher humana vide frondosa com fructos maduros: hum caõ ladrando nas entranhas da Mãi de S. Bernardo: os latidos, que a Mãi de S. Vicente Ferrer ouvia em seu ventre; e o sonho, que o Pai antes tinha tido de que hum Prégador Dominico do Pulpito lhe dava o parabem do filho, que brevemente havia de ter famoso em santidade.

*Na vida.*

4.º Depois do nascimento póde haver algum signal mysterioso, que dê materia para o elogio. Tal foi o enxame d'abelhas, que se poz na boca de Santo Ambrosio estando no berço; e o que fabricou o favo de mel na maõ direita de S. Pedro Nolasco.

5.º Se o fugeito contribuiu para a felicidade dos Póvos, e socego público, póde o Orador de-

deduzir d'aqui hum grande cumulo de louvores.

6.º Assim como tambem das suas acções heroicas; das suas Virtudes; dos seus talentos, e empregos; das suas riquezas, e do bom uso, que d'ellas fez remediando com liberalidade caritativa as necessidades dos pobres. A sua sabedoria; a sua rectidão; a communicacão com os homens sabios, e virtuosos; o amor a tudo o que he pio, daõ muito boa materia para o elogio.

7.º Depois da morte póde *Depois da morte.* servir o sentimento dos Póvos, as suas lagrimas; a saudade da Patria, e dos amigos pios, e virtuosos; porque tudo isto mostra a grande estimaçãõ, que d'elle se fazia; e recommenda o seu merecimento.

Observado tudo o que for respectivo ao fugeito, deve o Orador usar d'hum estylo sublimé,

me , e magnifico , de tudo o que ha de mais elegante , de mais magestoso , e de mais forte ; mas sempre com sinceridade Christam.

Sobre tudo , para conciliar o Sagrado com o profano , deve o Prégador propôr tudo o que differ , de modo que faça ver os effeitos , que a graça produzio no heroe , a quem faz o elogio ; os beneficios , que mereceo pela permissaõ do Senhor , e Creador de todas as cousas : a fim d'excitar em seus Ouvintes huns desejos pios , e propositos sinceros de fazerem tudo o possivel para adquirir as Virtudes , que estaõ ouvindo engrandecer. Tal he a differença entre o Orador Sagrado , e profano , nascida dos diversos fins ; pois este só elogia por louvar : o que não está bem ao Orador Evangelico.

Mas nem por isso deve este cahir no absurdo d'applicar ao seu

feu Assumpto alguma Profecia da Sagrada Escriitura , mostrando , que as acções do fugeito estavam já vaticinadas pelos Profetas. Erro bem digno de reprehensão ; e em que muitos Oradores tem claudicado , sem advertirem que a sua applicação he contraria aos sentimentos da Igreja , e á exposição dos Santos Padres ; e que o Concilio de Trento (a) expressamente prohibe o uso dos textos da Escriitura applicados a cousas profanas , e fabulosas.

Por este mesmo principio , se o Orador trazer alguns textos Sagrados , nunca deve applicallos ao fugeito , que elogia ; mas só apontallos em confirmação , e para excellencia das Virtudes , que louva. E a não ser assim , não deve usar de semelhantes textos. A

---

(a) Concil. Trid. Sess. 4. Decret. de usu sacr. libr.

A Proposiçãõ depois do Exordio deve ser tal, que manifeste o dezenho do discurso; e que conserve huma taõ rigorosa unidade, que tudo o que se differ, vá provando a mesma Proposiçãõ, como já disse.

## §. III.

*Genero Didascalico.*

**G**enero *Didascalico*, ou *Instructivo* he aquelle, em que o Orador ensina aos Póvos as Verdades do Evangelho, que dizem respeito á crença. A este Genero pertencem os Sermões de Mysterio, que tem por fim ensinar o que os Fieis devem crer: Sermões, que na verdade tem muitas difficuldades na pratica. Por isso advirta o Orador:

1.<sup>o</sup> Que, quando explica a seus Ouvintes os Mysterios da Fé, naõ deve só instruillos nas Verdades fundamentaes, que haõ de crer; mas tambem cuidar

dar em excitallos a conformarem seus costumes á verdadeira crença ; de modo que os Ouvintes se vejaõ obrigados a praticar aquellas virtudes , para que os Mysterios os conduzem. D'outra sorte , não será o discurso hum Sermaõ de Mysterio , mas sim hum discurso meramente Theologico.

2.º Escolher huma Proposiçaõ , que reine em todo o discurso , e lhe sirva d'Assumpto , conservando a mesma unidade , de que já falei.

3.º Tractar n'estes Sermões a Moralidade propria dos mesmos Mysterios ; que não lhes seja estranha ; mas sim deduzida , e desentranhada do mesmo fundo da materia mysteriosa. Mas sempre de maneira , que a unidade se vá seguindo ; que tudo seja hum discurso bem seguido , e não faça muitos , e diversos discursos separados : em huma

ma palavra , que tudo se inclua  
no mesmo genero.

4.º Depois de ponderar as  
circunstancias do Mysterio , he  
mais natural applicar a Morali-  
dade respectiva logo depois da  
mesma circunstancia , e antes de  
passar a outra parte do Mysterio;  
porque assim se conserva melhor  
a unidade.

5.º He muitas vezes necessa-  
rio recorrer á Theologia : mas  
he igualmente necessario fugir  
aos termos da Escola ; usando  
d'huma fraze mais agradavel ,  
d'expressões mais fortes , de pen-  
samentos mais nobres , e mais  
elevados ; e com hum estilo ver-  
dadeiramente sublime , mas nun-  
ca afastando-se do natural , nem  
cahindo em affectações , como  
varias vezes tenho dito.



§. IV.

**H** *Omilia* he hum genero d'O- *Homilia.*  
 raçaõ, em que se explica  
 a Epistola, ou o Evangelho do  
 dia. Este genero d'Oraçaõ he  
 muito util pela sua simplicida-  
 de; pela novidade do mesmo  
 discurso; e pelas muitas verda-  
 des importantes, que com mais  
 facilidade se explicaõ n'estas O-  
 rações do que em outras. Do  
 estilo das *Homilias* uzáraõ muito  
 os antigos Padres: elle ainda  
 hoje he mui proprio dos Senho-  
 res Bispos, e dos Reverendos  
 Parocos.

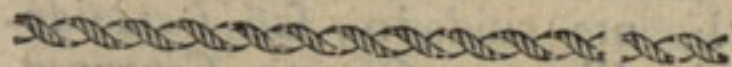
O estilo das *Homilias* consiste  
 em recitar logo no principio to-  
 do o Evangelho, ou toda a E-  
 pistola do dia. Depois, podendo  
 ser, unem-se todas as suas par-  
 tes em hum só ponto: discorre-  
 se sobre elle, comprovando tu-  
 do com os textos, que se con-  
 tem

tem no mesmo Evangelho, ou Epistola. Se porém as diferentes materias não permittem a redução em hum só ponto, dividem-se em dois ou tres pontos diferentes. Fazem-se aquellas reflexões moraes, que firvão para instrucção dos Ouvintes: mas tudo com ordem, e sempre com fim determinado, a que tudo se refira; conservando a perfeita unidade propria a todo o discurso.

Para deduzir o ponto, he necessario primeiro que tudo reflectir no fim, que a Igreja se propõe em nos apresentar o Evangelho, ou Epistola do dia: e d'este mesmo fim he que deve deduzir-se o ponto.

*Mixto.* Ha outro genero d'*Homilia*, a que chamaõ *Composto*, ou *Mixto*: porque em parte he *Homilia*, em parte he hum *Sermaõ methodico*. Taes são a maior parte das *Homilias* de S. Joaõ Chrysofostomo

mo ao Povo d'Antioquia, tanto pela sua fórma, como pela sua substancia.



## CAPITULO XII.

### *Da Elocuçãõ.*

**A** *Elocuçãõ* he huma accom- Elocu-  
çãõ.  
*modaçãõ de palavras, e sen-  
 tenças proporcionadas á materia  
 da invençãõ.* Ella he a que con-  
 stitue o Orador eloquente: he a  
 parte effencial da Oratoria, e a  
 que dá ás outras partes todo o  
 seu merecimento. Sem ella, as  
 razões, e argumentos mais bem  
 achados, a distribuiçãõ mais or-  
 denada entre as partes do discurs-  
 so, tudo he fastidioso, e des-  
 agradavel; nada convence, nada  
 move. Ella he a parte mais diffi-  
 cultoza d'adquirir. Os meios,  
 por onde se póde conseguir, ve-  
 jaõ-

jaõ-se no Cap. 2. §. 4. pag. III.  
e seg.

*Virtudes  
da Elo-  
cução.*

As virtudes da *Elocução*, em que o Orador deve pôr hum diligente cuidado, são *Latinidade*, *Clareza*, *Ornato*, *Congruencia*.

§. I.

*Latini-  
dade.*

**L** *Atinidade* consiste na propriedade das palavras, das frases, dos idiotismos, e da Syntaxe respectiva ao Idioma, em que se fala. Esta virtude he como fundamento de todas as mais. Ella tem seus vicios oppostos, que se devem evitar cuidadosamente; que são:

*Vicios  
oppositos.*

1.º *Barbarismo*, que he usar de palavras rusticas; v. g. *Pescudar* em lugar de *Procurar*.

2.º *Solecismo* he inverter a ordem, que pede a boa Grammatica; v. g. querendo dizer: *Eu fiz*, e dizendo: *Eu fez*.

3.º *Barbara dicção* he, fal-

lando em huma lingua , misturar palavras proprias d'outra ; v. g. *Miraculosa* em lugar de *Milagrosa*. N'este vicio cahem aquelles Oradores , que nos seus Sermons usaõ de palavras Francezas , sem necessidade , e sem attenderem o muito que isto se oppõe á verdadeira Eloquencia : excepto quando naõ houver palavras proprias , e significantes ; o que raras vezes acontecerá.

## §. II.

**C**larezza consiste 1.º em usar *Clarezza* de palavras proprias , claras , significantes , e taes , que dem a conhecer todo o conceito de quem fala : 2.º em formar o contexto sem demaziada extençãõ , ou brevidade , de sorte que os Ouvintes naõ só percebaõ , mas que seja impossivel naõ perceberem o sentido da Oraçaõ.

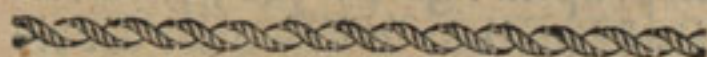
Contra esta virtude obraõ *Vicios oppostos* aquelles

aquelles , que uſaõ de termos equivocos: os que amontoaõ palavras vans , e ſuperfluas : os que ſaõ taõ laconicos , que apenas ſe percebem a ſi meſmos : os que uſaõ de *parentheſes* , e *digreſões* frequentes , e extenſas : os que , para ſe inculcarem instruidos , introduzem noticias improprias, e queſtões delicadas, tudo alheio do Aſſumpto de que tractaõ , e do Auditorio a quem falaõ.

## §. III.

*Ornato.* **O** *Rnato* he a Virtude mais eſſencial da *Elocuçãõ*. Deve pois o Orador ornar , quanto lhe for poſſivel , as ſuas Orações , a fim de conciliar mais a attençaõ dos Ouvintes , e de ganhar-lhes com mais facilidade os corações : advertindo , que a Eloquencia naõ deve ſer ornada como as mulheres. As virtudes , com que ſe orna a *Elocuçãõ* , e  
que

que constituem huma boa parte da Eloquencia, são os *Tropos*, as *Figuras*, e a *Composiçaõ*. Sobre o que vou a dizer alguma cousa, por não interromper o que pertence ao *Ornato*: reservando por isso o que diz respeito á *Congruencia*, para o Capitulo XVII. pag. 291. Congruencia.



## CAPITULO XIII.

*Dos Tropos.*

**T** *Ropo* não he outra cousa fe- Tropos.  
 não a *mudança d'huma palavra tirada da sua propria significação, para outra, feita com graça*. Dos *Tropos* huns servem para exprimir melhor o que se quer dizer, outros para ornato da *Oração*; á qual huns, e outros dão huma grande formosura, e ornamento. Por isso indif-

ferentemente vou a falar d'elles.

Os *Tropos* são innumeraveis; porque também são innumeraveis os modos de tirar as palavras da sua propria significação. Com tudo tractarei dos mais principaes, e que maior uso tem.

*Meta-  
phora.*

*Metaphora* he a mudança, que se faz d'hum nome tirado da sua propria significação, para exprimir melhor o que quer dizer-se. Faz-se de quatro modos.

1.º Pondo huma cousa animada pôr outra, v. g. querendo explicar a braveza de Paulo, e dizendo: *Paulo he hum leão*: 2.º pondo a cousa animada por outra inanimada, e dizendo: *Os prados riem-se*: 3.º tomando a cousa inanimada em lugar do que tem vida, v. g. *Foi hum raio na guerra*: 4.º tomando as inanimadas huma por outra, v. g. *a fome pela cubica*. A *Metaphora* deve ser natural, assim como outro qualquer *Tropo*, ou *Figura*.

*Sy-*



*Synedoché* he hum *Tropo*, em *Synedoché* que a parte se toma pelo todo, *che.* ou o todo pela parte, v. g. a *Vé-la* pelo *Navio*; ou pelo contrario: tambem, quando se toma o plural pelo singular, dizendo; *Nós* em lugar d'*Eu*: ou pondo hum em lugar de muitos, dizendo; o *Francez* venceo a *batalha*. Estes são os usos mais ordinarios da *Synedoché*, a qual não deve ser muito frequente.

*Metonymia* faz entender as *Metonymia* causas pelos effeitos, dizendo-se; a *ira precipitada*: a *morte palida*: ou tomando o continente pela cousa contida, dizendo, *Portugal* em lugar de *Portuguezes*.

*Antonozia* faz entender o *Antonozia* fugeito pela sua acção, ou officio, tomando o nome appellativo generico em lugar do proprio especifico, dizendo, o *Apóstolo* em lugar de *S. Paulo*.

*Epitheto* he hum apposto, ou *Epitheto* pre-

predicado, que se affirma d'al-  
gum fugeito, como quando di-  
zemos, o *Eloquentissimo Cicero*;  
o *Forte Sanjaõ*.

*Catachrese.* *Catachrese* serve de dar no-  
me áquillo, que o naõ tem,  
accommodando-lhe o nome ma-  
is semelhante; dizendo *Parri-  
cida* para explicar o matador do  
Pai.

*Allegoria.* *Allegoria* he uzar de pala-  
vras, que tem sentido muito  
diverso do que soaõ literalmen-  
te. Tal he a expressaõ do Sal-  
vador, „ Vede como essas terras  
„ já branquejaõ, e estaõ proxi-  
„ mas á seifa „ (a); falando da  
seara espiritual, e dando a en-  
tender, que os habitadores de  
Samaria estavaõ já dispostos a  
receber a doutrina de salvaçaõ.  
Este modo de falar he muito  
frequente nas Santas Escrituras.

*Ironia.* (b) *Ironia* he, quando pelo  
gef-

---

(a) Joan. 4. 35. (b) *Vej. infr. pag. 269.*

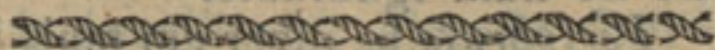
gesto, e modo de falar, e pelo contexto da Oraçãõ se da a entender o contrario do que as palavras soaõ: como quando dissermos, que hum fugeito he douto, dando a entender, que elle he hum ignorante.

*Periphrase* he dizer em muitas palavras o que se podia explicar em poucas. Este, e outros mais, que ordinariamente se põe no numero dos *Tropos*, saõ verdadeiras figuras.

*Hyperbato* naõ só naõ he *Tro-<sup>Hyper-</sup>po*; mas nem ainda tem lugar <sup>bato.</sup> no nosso idioma: pois a transposição de palavras, que se faz pela *Hyperbatõ*, só a julgo elegante na Lingoa Latina; e seria fastidiosa em o nosso idioma.

Ultimamente advirta o Orador, que na translaçãõ dos nomes sempre deve uzar d'outros, que sejaõ semelhantes; reflectindo, para isto, nos verdadeiros attri-

attributos das Pelloas, e das couzas: e que estas mudanças devem fazer-se com mais ou menos frequencia, segundo a Oraçaõ for mais ou menos vehemente.



## CAPITULO XIV.

### *Das Figuras.*

*Figuras.*

**F** *Figuras* he hum modo de falar, diverso do commum. Differem as *Figuras* dos *Tropos*, em que estes constituem em tirar as palavras da sua propria significaçãõ; aquellas fazem-se com as palavras proprias, mas collocadas por hum modo diverso do uzo commum de falar.

As *Figuras* saõ ou de palavras, ou de *Sentenças*. Aquellas consistem em huma bem orde-

denada collocação de vozes, e variação de palavras: estas constituem hum modo figurado pela mudança das couzas significadas pelas palavras. Humas, e outras são innumeraveis; porque outros tantos são os modos de falar figurados, quero dizer, diversos do uzo commum. Eu só tratarei das mais necessarias, e mais uteis para huma perfeita Eloquencia.

## §. 1.

**A**S Figuras de Palavras fazem-se ou com repetição, ou por semelhança, ou por contrariedade. As de repetição das palavras são

De palavras.

Por repetição.

*Anaphora* he repetição da mesma palavra no principio dos priodos. S. Cypriano, falando ds Confessores, uza d'esta Figura, dizendo:

*Anaphora.*

„ He Confessor; porem se-  
„ ja

„ ja humilde , quieto , e mo-  
 „ desto . . . He Confessor ; mas  
 „ he , se ao depois naõ blasfe-  
 „ mar a Magestade de Christo...

*Epistrophe*  
*phc.*

*Epistrophe* , ou *Conversaõ* he a repetiçaõ da ultima palavra do periodo. O Apostolo (a) uza d'esta *Figura* dizendo : „ El-  
 „ les saõ Hebreos : Tambem eu  
 „ o sou. Se saõ Israelitas : Tam-  
 „ bem eu o sou. E se saõ des-  
 „ contentes d'Abrahaõ : Tam-  
 „ bem eu o sou.

*Simploce.*

*Simploce* he huma *Figura* que comprehende as duas fo- breditas , pela repetiçaõ da me- ma palavra no principio dos periodos ; e por estes conclu- rem tambem pela meisma pa- lavra. S. Bernardo uza d'ela *Figura* , dizendo ; que o Chri- taõ nas suas necessidades rec- ra á Virgem Santissima. „ Sete  
 „ acomettem as tentações , eas

„ u-

---

(a) 2. ad Cor. 11. 22.

„ tribulações : invoca a Maria.  
 „ Se te acomettem as ondas da  
 „ soberba , d'ambiçaõ . . . invo-  
 „ ca a Maria.

*Epizeuxe* he a repetiçaõ suc-*Epizeux-*  
 cessiva da mesma palavra em <sup>re.</sup>  
 qualquer parte da Oraçaõ , pa-  
 ra exagerar , ou asseverar al-  
 guma couza. Por esta *Figura*  
 póde o Orador arguir os pec-  
 cadores , dizendo :

„ Vós , vós mesmos tendes  
 „ crucificado a Jesus Christo mi-  
 „ lhares , e milhares de vezes!

*Epanalepse* he , quando a *Epanale-*  
 ultima sentença conclue pelas <sup>ps.</sup>  
 mesmas palavras , por onde prin-  
 cipiou a primeira. v. g.

„ Ha muitos , que fogem á  
 „ occasiaõ da culpa ; mas , que  
 „ resistãõ ao peccado depois de  
 „ mettidos na occasiaõ , não ha  
 „ muitos.,

*Polyptoton* he variar as pa-*Polypto-*  
 lavras , e repetillas em differen-<sup>ton.</sup>  
 tes cazos : v. g. *He necessario*

*aos Christãos rezistir com força á força da tentação.*

*Anadiplose.*

*Anadiplose* he, quando a ultima palavra do primeiro periodo, ou membro, he a mesma por onde principia o segundo: v. g.

„ A salvação he para huma  
„ Alma o mais importante ne-  
„ gocio; negocio de maiores  
„ consequencias. „

*Synonymia.*

*Synonymia* he, quando se ajuntaõ diferentes palavras, que significaõ o mesmo. D'esta *Figura* uza S. Joaõ ( *a* ) dizendo:

„ O que vemos com os nos-  
„ sos olhos, o que prezenciá-  
„ mos . . . „

*Gradação.*

*Gradação* he huma repetição encadeada das mesmas palavras. D'ella uza S. Paulo ( *b* ), quando diz:

„ A tribulação produz pa-  
„ ci-

---

(*a*) 1. Joan. 1. 1.

(*b*) Ad Rom. 5. 3. e 4.



„ ciencia ; a paciencia experien-  
 „ cia ; a experiencia esperança  
 „ ( a ). „

Estas são as principaes *Fi-  
 guras de repetição.*

§. II.

**A**S *Figuras de semelhança* Por se-  
 melhan-  
 ça.  
 das palavras são Isocólon.

*Isocólon*, que he, quando  
 na Oração se põe huma serie  
 de palavras quazi todas com o  
 mesmo numero de sillabas, v. g.  
 „ Ninguem pecca senão quan-  
 „ do quer. „

*Semelhante Cadencia*, he quan- Seme-  
 lhante  
 Caden-  
 cia.  
 do na Oração duas, ou mais  
 partes acabaõ nos mesmos ca-  
 zos, ou nos mesmos tempos  
 v. g. „ Taõ grande he nos justos  
 „ o applauzo, como he nos  
 „ peccadores o desprezo. „

*Semelhante Decadencia* he, Seme-  
 lhante  
 Decaden-  
 cia.  
 quando os membros do Perio-  
 do

---

(a) Vid. pag. 256.

do finalizaõ no meſmo ſom;  
v. g. ,, Naõ póde ſer, que obre  
,, fortemente, quem vive tor-  
,, pementé.

## §. III.

Por con-  
trarieda-  
de.

**A**S *Figuras* de contrarieda-  
de conſiſtem em huma pro-  
porçaõ de páavras, que ſigni-  
ficaõ couzas contrarias. As prin-  
cipaes ſaõ

*Antitbe-  
ſe.*

*Antitbeſe*, que he hum con-  
trapoſto, e conſiſte nos penſa-  
mentos, e páavras oppoſtas hu-  
mas ás outras. Por eſta *Figura*  
diz S. Paulo (a): ,, Amaldiçoã-  
,, nos, e nós os abençoamos:  
,, perſeguem-nos, e nós os ſoffre-  
,, mos: dizem-nos affrontas, e  
,, nós lhes reſpondemos com ſup-  
,, plicas. ,,

D'eſta *Figura* uza Flechier  
na Oraçaõ Funebre da Duqueza  
d'A-

---

(a) 1. ad Cor. 4. 12. e 13.

d'Aguilhon, da qual diz : „ sim  
 „ se vio padecer ; mas não se  
 „ ouvio queixar : fez supplicas  
 „ por sua salvaçaõ ; mas ne-  
 „ nhuma por sua faude : esta-  
 „ va prompta a viver para aca-  
 „ bar sua penitencia ; e prom-  
 „ pta a morrer para consumir  
 „ seu sacrificio . . . „

*Cobabitacão* he , quando na *Cobabi-*  
 mesma couza ou Pessoa se ajun- *taçãõ.*  
 taõ couzas contrarias. Como  
 quando S. Paulo diz ( *a* ) : „ Eu  
 „ vivo ; mas não sou eu já o  
 „ que vivo , porque he Jesus  
 „ Christo o que vive em mim . „

*Paradiastole* he contraria á *Paradi-*  
*Cobabitacão* ; porque separa as *astole.*  
 couzas semelhantes. O mesmo  
 Apostolo nos dá hum bom ex-  
 plo ( *b* ) , dizendo : „ Padece-  
 „ mos tribulaçaõ ; mas não nos  
 „ angustiamos : . . . somos per-  
 „ se-

(*a*) Ad Gal. 2. 20.

(*b*) 2. Cór. 4. 8. e 9.

„seguidos, mas não dezamparados; fomos abatidos, mas não perecemos. „

Todas estas *Figuras* dão á Oração huma grande força, e ornato, quando se uza d'ellas com naturalidade, e sem frequencia que enfatie o Auditorio: circumstancias, que o Orador deve attender cuidadosamente a respeito do uzo de qualquer *Figura*.

## §. IV.

*Figuras de Sentenças.*

**A**S *Figuras de Sentenças* constituem a mudança das couzas significadas pelas palavras. Ellas são innumeraveis; mas eu só falarei d'aquellas, que conduzindo para ensinar, e para mover, d'hum e outro modo ornaõ a Oração, e a fazem mais forte, e persuaziva. Taes são as seguintes.

*Gradação.*

*Gradação*, sendo huma *Fi-*

*gu-*

*gura* de palavras, como já disse ( *a* ), he tambem d'algum modo huma *Figura* de *Sentenças*, pela qual vai o Orador subindo, ( como por grãos, de pensamento em pensamento, de sentença em sentença, que se vão augmentando cada vez mais ) até que chega áquelle grão d'elevação, a que aspira. Tal he o pensamento do Apostolo ( *b* ) :  
 „ Como haõ d'invocar aquelle,  
 „ em que não crem? E como  
 „ haõ de crer n'elle, se d'elle  
 „ não ouviraõ falar? Como  
 „ haõ d'ouvir falar, se ninguem  
 „ lho préga? Como lhes haõ  
 „ de prégar, se não forem en-  
 „ viados? „

Demosthenes uza da mesma *Figura*, dizendo: „ Não sómen-  
 „ te não disse estas couzas, mas  
 „ tambem não as escrevi: não  
 R „ só

(*a*) *Supr.* pag. 252.

(*b*) *Ad Rom.* 10. 14. e 15.

„ só naõ as escrevi , mas tam-  
 „ bem naõ executei a Legaçãõ :  
 „ naõ só naõ executei Legaçãõ ,  
 „ mas tambem naõ a persuadi  
 „ aos Thebaños.,,

*Diminui-  
 çãõ.*

*Diminuiçãõ* he , quando , ha-  
 vendo de mostrar alguma cou-  
 za grande , a diminuímos ; para  
 que naõ pareça ostentaçãõ vãã ,  
 como , quando qualquerpreten-  
 de mostrar o seu valor , diz : *Eu*  
*naõ sou taõ falto de forças , que*  
*tenha receio d'hir ao combate.*

*Frequen-  
 taçãõ.*

*Frequentaçãõ* he , quando se  
 ajuntaõ em hum lugar as cou-  
 zas espalhadas por todo o dis-  
 curso : como se vê n'este ex-  
 emplo de Cicero , o qual diz  
 contra Verres : „ De que vicio  
 „ he exempto este homem ? El-  
 „ le he Malsin da sua pudici-  
 „ cia , traidor d'alheia , libidi-  
 „ nozo ; ingrato para com os  
 „ amigos ; nocivo para com os  
 „ parentes ; contumaz para com  
 „ os superiores ; fastidioso pa-  
 „ ra

„ ra com os iguaes ; cruel pa-  
 „ ra com os inferiores ; final-  
 „ mente para todos intoleravel.,  
 Esta *Figura* he como hum raio ,  
 que fere os animos.

*Brevidade* he , quando ex- *Brevida-  
de.*  
 plicamos alguma couza , sem  
 ajuntar mais palavras que as ne-  
 cessarias para cabalmente se en-  
 tender. Santo Ambrozio ao Cap.  
 2.º de S. Lucas dá hum bom  
 exemplo d'esta *Figura* : elle diz :  
 „ Naõ ío dos Anjos , dos Pro-  
 „ fetas , e dos Pastores recebeo  
 „ testemunho a Geraçaõ do Se-  
 „ nhor , mas tambem dos An-  
 „ ciãos , e dos justos. . . A Vir-  
 „ gem concebe : a esteril tem  
 „ hum filho : o mudo fala : Iza-  
 „ bel profetiza : o Mago ado-  
 „ ra : o clauzurado no ventre  
 „ materno salta de prazer : a  
 „ Viuva confessa : o justo espe-  
 „ ra. „ Aqui se vê o muito , que  
 o Santo Doutor explica em pou-  
 cas palavras.

Preven-  
ção.

*Prevenção* ou *Prolepse* he ; quando prevenimos as objecções do Auditorio para as desvanecermos , a fim d'acreditar-se o que vamos a dizer. O mesmo fez S. Jeronymo ; pois tractando da constancia de Santa Melania na morte de seus dois filhos immediatamente depois da de seu marido , prevendo a incredulidade do Auditorio , desvaneceu d'este modo : „ Sobre isto vou „ a dizer huma couza , que pa- „ rece incrível : mas Jesus Chris- „ to he Testemunha que não „ minto. Nem huma lagrima „ derramou : e prostrada aos pés „ do Senhor , disse : *Agora , meu „ Deos , mais desembaraçada vos „ hei de servir ; pois me livra- „ stes de tão grande obrigação.*

Interro-  
gação.

*Interrogação* he , quando perguntamos alguma couza. Esta pergunta ou he simples , e para saber o que ignoramos ; ou figurada , isto he para instar ,  
pa:



para reprehender, para admirar, ou para notar outro qualquer affecto. S. Paulo ( *a* ) uza da *interrogação* reprehensiva, dizendo: „ Acazo desprezas tu „ as riquezas da sua bondade, „ da sua paciencia? .. ignoras, „ que a bondade de Deos te „ convida á penitencia?

Elle uza d'outra pergunta ( *b* ) por admiração, dizendo: „ Huma vez mortos ao pecca- „ do, como viveremos ainda „ n'elle? „

Por compaixão elle faz outra interrogação, dizendo: „ Que „ diremos pois, senão que Is- „ rael não conseguiu o que bus- „ cava, que os escolhidos o „ conseguirão; e que os mais „ foraõ obcecados ( *c* )? „

*Exclamação* he hum signal *Exclama-*  
de *ção*.

---

(*a*) Ad Rom. 2. 4.

(*b*) Ad Rom. 6. 2.

(*c*) Ibid. 11. 7.

de movimento do nosso affecto ,  
 a respeito d'alguma couza , que  
 nos abála com vehemencia. Tal  
 he a do Apostolo ( a ) : „ O' Ga-  
 „ latas insensatos ! Quem vos  
 „ enfeitiçou para não obedecer  
 „ res á verdade ! Não he neces-  
 „ sario ajuntar a intrejeição O'.

*Apostro-  
 phe.*

*Apostrophe* he huma *Figura* ,  
 pela qual se interrompe o fio  
 do discurso , para o dirigir a  
 outra couza , ou Pessoa presente  
 ou auzente , viva ou morta. El-  
 la tem huma força admiravel pa-  
 ra mover. Mr. Massillon dá hum  
 bom exemplo d'esta *Figura* , no  
 Elogio funebre de Mr. de Vil-  
 lars Arcebispo de Vienna , di-  
 zendo : „ Piedozo Prelado , se  
 „ no seio d'Abrahaõ ( porque ó  
 „ meu Deos ! sem fondar aqui  
 „ a profundidade dos vossos  
 „ Conselhos , poderieis Vós fe-  
 „ char o vosso seio Eterno á-  
 „ quel-

---

(a) Ad Gal. 3. 1.

„quelle, que vos abriu sem-  
 „pre o seu na pessoa de vos-  
 „fos servos afflictos? ) Se no  
 „seio d'Abrahaõ, alma carita-  
 „tiva, vós gozaes já o fru-  
 „cto immortal de tantas obras  
 „de vida; se vós colheis as  
 „bençãos, que semeastes cá na  
 „terra; lançai sobre os ternos  
 „gemidos d'esta Siaõ triste al-  
 „gumas vistas favoraveis; sêde  
 „sempre seu espozio invizivel.

*Hyperbole* he o excesso, com *Hyper-*  
 que encarecemos alguma cou- *bole.*  
 za, augmentando-a, ou dimi-  
 nuindo-a de sorte, que excede  
 os limites da fé. Por esta *Fi-*  
*gura* mostra Ozéas a grande mul-  
 tidaõ de peccados, *que tem al-*  
*lagado toda a face da Terra (a).*  
 Pela mesma *Figura* podemos  
 arguir a malicia do peccador,  
 e mostralla grande, dizendo,  
 que

---

(a) Ozéas 4. 2.

que a *sua iniquidade he tal*, que faz tremer o mesmo inferno.

Obscra-  
gãõ.

*Obscraçãõ* he huma fervo-  
roza supplica, que se faz a res-  
peito da couza, que já se tem  
provado, e amplificado. Esta *Fi-  
gura* serve muito para moveros  
affectos, principalmente quan-  
do procede da caridade do Ora-  
dor: por ella diz o Apostolo:  
(a), „ Rogo-vos, irmãos, pela  
„ misericordia de Deos, que  
„ lhe offereçaes os vossos cor-  
„ pos, como huma hostia San-  
„ ta, viva, e agradavel a seus  
„ olhos.

Adjura-  
gãõ.

*Adjuraçãõ* he huma suppli-  
ca, que se faz com huma espe-  
cie de juramento: como, quan-  
do S. Paulo escrevendo a Ti-  
motheo (b), diz: „ Testifico  
„ em presença de Deos, e de  
„ Jesus Christo ... esconjuro-  
„ te,

---

(a) Ad Rom. 12. 1.

(b) 2. ad Timoth. 4. 1. c 2,

„ te , que prégues a Palavra.

*Optação* he huma *Figura*, *Optação*;  
pela qual se mostra hum vehe-  
mente dezejo d'alguma couza.  
Tal he a de Moysés ( *a* ) : „ Ef-  
„ ta gente he sem conselho ,  
„ e sem prudencia : oxalá que  
„ elles soubessem , entendessem ,  
„ e previllem os novissimos.

*Imprecação* he huma *Figura*, *Impre-  
cação*.  
que mostra dezejo d'algum casti-  
go. Tal he a d'Ozéas ( *b* ) : „ Pe-  
„ reça , e acabe Samaria ; pois  
„ provocou a ira do seu Deos. „

*Admiração* he huma *Figura*, *Admira-  
ção*.  
pela qual admirando-se o Ora-  
dor , dá a conhecer a grandeza  
d'alguma couza. Tal he a ad-  
miração de Jeremias ( *c* ) : „ Co-  
„ mo está solitaria a Cidade ,  
„ que era cheia de Povo ! Co-  
„ mo se escureceo o ouro , e se  
„ mudou a sua mais bella cor !  
„ ( *d* ) „ *Pre-*

( *a* ) Deuteron. 32. 28. e 29.

( *b* ) Ozeas 14. 1. ( *c* ) Thren. 1. 1.

( *d* ) Thren. 4. 1.

*Preterição.*

*Preterição*, ou *Occupação* he huma *Figura*, pela qual o Orador finge passar em silencio, ou tocar levemente alguma couza, dando-a mais a conhecer com isso mesmo, e insistindo sobre ella fortemente. Como se vê n'este exemplo de S. Cypriano: „ Calo as fraudes feitas á „ Igreja: passo em silencio as con- „ jurações, os adulterios... mas „ só huma cousa não posso calar.

*Reticencia.*

*Reticencia* he, quando se suspende o que se hia dizendo, e se declara o motivo da suspensão; como fez Cicero, dizendo: „ Atreves-te a dizer estas couzas, tu, que ha pouco tempo, á caza alhea? ... „ Não me atrevo a dizello; para que, dizendo couzas dignas de ti, não pareça dizer alguma indigna de mim.

*Empbasse.*

*Empbasse* he, quando se entende mais do que as palavras soão. D'esta *Figura* uzou Absalaão,

Jaõ , quando mandou matar a seu irmão Amnon , dizendo a seus creados ( a ) : „ Naõ te-  
 „ mais : eu sou o que vos man-  
 „ do. „

Cicero a favor de Ligario , tambem disse pela mesma *Figura* : „ Se . . . naõ houvesse tan-  
 „ ta bondade , a qual tu por ti ;  
 „ por ti digo , alcanças „ : dan-  
 do a entender , que naõ falta-  
 va quem o provocasse á cruel-  
 dade.

*Dúvida* he , quando o Ora- *Dúvida.*  
 dor finge estar indecizo sobre  
 o que ha de dizer , ou fazer ;  
 e parece , que o pergunta aos  
 Ouvintes. S. Cypriano em o Ser-  
 maõ dos Laplos uza d'esta *Fi-  
 gura* , dizendo : „ Que farei  
 „ n'este lugar , irmãos muito a-  
 „ mados ? . . . Como , e que fa-  
 „ larei eu agora ? „

*Concessaõ* he , quando con- *Conces-*  
 ce- *saõ.*

---

(a) 2. Reg. 13. 28.

cedemos áquelles contra quem disputamos, alguma couza que nem os ajuda, nem enfraquece o nosso discurso; mas antes o fortifica. Tal he a *Concessão*, de que uza S. Cypriano, falando do habito das Virgens; quando diz: „ Julgas, que deves „ uzar das riquezas, que Deos „ te deo: uza d'ellas; mas seja... „ para o que Deos manda. Co- „ nheçaõ-te rica os pobres. „

*Sustenta-  
gaõ.*

*Sustentação* he suspender por algum tempo os animos dos Ouvintes, dilatando a rezoluçaõ, e propondo-lhe por fim mais ou menos do que elles esperavaõ. Tal he a passagem de Cicero contra Verres, dizendo: „ Que „ julgaes vós do crime d'este „ Réo? Será por ventura algum „ furto, ou algum rapto? „ E depois de ter suspensos por hum pouco os animos dos Juizes, concluhio: „ Naõ: he muito pei- „ or „

Da



Da *Ironia* já falei (a). A-*Ironia*,  
gora digo com Turnebo, que,  
se a *Ironia* he breve, pertence  
aos Tropos; se he dilatada,  
pertence ás Figuras.

*Communicaçãõ* he huma *Fi-Communicaçãõ.*  
*gura*, pela qual o Orador pa-  
rece communicar com os Ou-  
vintes as suas razões. Bourda-  
lou nos dá hum exemplo d'esta  
*Figura*, dizendo: „ Que dirieis  
„ vós, se em virtude da Pala-  
„ vra, que eu vos prégo, hum  
„ d'estes impios... se conver-  
„ tesse na vossa presença...? ...  
„ Haveria milagre, que mais  
„ vos tocasse? „

*Correcçãõ* he huma *Figura*, *Correcçãõ.*  
pela qual o Orador se retrata  
do que tem dito; como faz Mr.  
Flechier na Oraçãõ Funebre de  
Mr. de Turena, o qual, de-  
pois de o elogiar com o illu-  
stre da sua Ascendencia, se re-  
tra-

---

(a) Supr. pag. 246.

trata d'este modo : „ Mas que  
 „ digo eu ! parece , que em buf-  
 „ car-lhe os antigos braços da  
 „ sua Familia , menos o louvo  
 „ do que o calumnio . . . „

*Simile.*

*Simile* , ou *Comparação* he  
 huma *Figura* , que propõe o res-  
 peito que ha entre duas cou-  
 zas differentes. Póde servir d'ex-  
 emplo o *Simile* de Mr. Massil-  
 lon , o qual falando das reca-  
 hidas no peccado , diz : „ Hu-  
 „ ma primeira queda não ex-  
 „ tingue de repente as nossas  
 „ luzes todas : ella não he sem-  
 „ pre seguida d'huma noite  
 „ profunda. Na verdade o Eí-  
 „ piritto de Deos , Fonte de to-  
 „ da a luz , se retira , e não ha-  
 „ bita mais em nós ; mas ain-  
 „ da restaõ na alma alguns vesti-  
 „ gios de claridade. Assim co-  
 „ mo o Sol , quando não faz  
 „ mais que roubar-se ao nosso  
 „ emisferio , deixa nos ares im-  
 „ pressões de sua luz , que for-  
 „ maõ

„ não ainda como hum dia im-  
 „ perfeito; pois só á medida  
 „ que elle se retira, vai che-  
 „ gando em fim a noite pro-  
 „ funda: da mesma forte, á me-  
 „ dida que o peccado degene-  
 „ ra em habito, a Luz de Deos  
 „ se retira; as trevas crescem,  
 „ e se augmentaõ; e chega em  
 „ fim a noite profunda, e a ce-  
 „ gueira total.

*Energia* he huma *Figura*, *Energia.*  
 que não só dá huma idea das  
 couzas, mas faz d'ellas huma  
 representação taõ viva, que quem  
 as ouve, as concebe com tal  
 viveza, que lhe parece as está  
 vendo com os proprios olhos.  
 He necessario advertir o que já  
 disse (a) a respeito da *Descri-  
 pção*, a qual pertence a esta *Fi-  
 gura*. A'lem do exemplo, que  
 alli aponteí sobre a mortandade  
 dos Santos Innocentes, eu vou  
 a

---

(a) Cap. 7. §. 1. pag. 164. e seg.

a propôr outro, que não he menos enérgico.

Querendo nós mostrar o fatal Fenómeno do primeiro dia de Novembro do anno de 1755., em que a famoza Corte de Lisboa a impulsos do mais horrozo Terremoto foi arruinada desde os seus fundamentos, destruida, e abrazada; se nós não dissermos mais que isto, não fará o nosso dicto muita impressãõ. Mas, se nós expendermos todas, ou as principaes circumstancias d'aquelle acontecimento, nós faremos huma representaçãõ a mais viva, e a mais enérgica, que porá mesmo diante dos olhos tudo o que ha tantos annos succedeo: e que não póde deixar d'abalar o coração mais duro. Nós faremos ver, que a Terra entãõ se moveo com taõ grande impeto, que parece queria soverter em suas entranhas tudo quanto o-  
bre

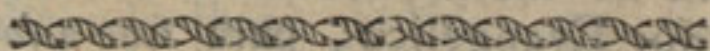
bre ella se achava. Os edificios mais pompozos , tanto sagrados como profanos , postos por terra : o mar fóra dos seus limites. Os homens huns sepultados nas mesmas ruinas , antes de mortos ; outros fugindo mais opprimidos do susto , que animados das proprias forças : huns encarcerados nas proprias cazas pelas ruinas , que lhes impediaõ a sahida ; outros cahindo das maiores alturas ainda nas camas , em que jaziaõ : huns agonizando entalados ; outros engolidos pelo mar. O fogo com as mais furiozas chammes consumindo tudo , abraçando a huns meios mortos , queimando outros ainda vivos. Aqui se via a mulher chorando a perda do espozó , dos filhos , e dos mais familiares : alli se encontrava o marido lamentando a morte da espozó , e dos seus domesticos. Em huma parte hia

o menino entre suspiros, e lagrimas chamando pela mãe, que estava sepultada já nas ruínas; em outra hia o pai procurando o filho, que duvidava se estava morto, ou se andava perdido. A mulher grave, que nunca sahio de casa senão em carruagem a mais pomposa, alli se vê menos composta que a camponesa mais humilde. Os amigos, e os parentes encontrão-se huns com outros; quazi desconhecidos pelo aspecto mais de mortos que de vivos, com vozes termulas, traspassados de susto, em hum total dezalento, que nem ainda lhes dava lugar para as lagrimas. Não se ouviaõ senão ais, clamores, e gritos os mais funebres.

Ora bem claramente se vê, que estas, e outras mais circunstancias, expostas com clareza, não só dão a idéa do fatal

tal acontecimento, mas tambem o põe mesmo diante dos olhos com a *Energia* mais viva, e mais tocante.

Estas são as *Figuras* mais principaes, e as mais proprias para a *Eloquencia* do Pulpito.



CAPITULO XV.

*Da Composição; das Sentenças; da Dinósis; da Cópia; da Variedade; e da Digressão.*

NÃO só conduzem para Ornato da *Elocução* os *Tropos*, e as *Figuras*, de que já falei; mas tambem a *Composição*, as *Sentenças*, a *Dinósis*, a *Cópia*, a *Variedade*, e a *Digressão*. Sobre as quaes vou a dizer alguma couza.

## §. I.

Compozi-  
ção.

**C**ompozição, segundo Cornificio, he *huma bem disposta collocação de palavras, que faz igualmente polidas todas as partes do discurso.* Ella he muito necessaria ao Orador Evangelico, para que a *locução* não seja fastidiosa. N'ella deve observar-se huma tal ordem, que a Oração não se diminua; mas sim vá como subindo cada vez mais. Para isto he necessario:

1.º Nunca explicar com termos mais fracos aquillo, que já está expressado com mais força: 2.º enumerar primeiro as partes, e ultimamente o todo: 3.º a ordem natural pede, que primeiro se nomeie o homem, que a mulher; o dia, que a noite; o nascimento do Sol, que o seu occaso. Mas advirto com Turnebo, que o não

ex-



explicar com menos o que já se  
 explicou com mais força, de-  
 ve entender-se n'afirmação: por-  
 que na negação deve observar-  
 se o contrario: como se vê n'es-  
 te exemplo, em que figuro a  
 hum Prégador arguindo a refi-  
 nada avareza de muitos ricos,  
 dizendo-lhes: „ Vós, que vi- Por affir-  
 „ veis n'abundancia, não só de- mação.  
 „ veis restituir aos pobres os  
 „ bens, que com injustiça rou- baes  
 „ bastes a elles mesmos; mas  
 „ ainda com o superfluo ao vos-  
 „ so estado tendes obrigação de  
 „ os soccorrer nas suas necessi-  
 „ dades. Porém a infelicidade  
 „ do tempo nos faz ver, que  
 „ vós não só não dais esmolas Por ne-  
 „ do vosso superfluo; mas nem gação.  
 „ ainda restituhis o alheio a seu  
 „ dono. „

A *Composição* he de dois  
 modos: *simples*, e *composta*. A  
*simples* he huma locução desti-  
 tuida de periodos numerosos,

e propria das conversações familiares. Tal he o modo de falar, com que Moylés no principio do Genesis conta simplesmente a verdade. „ No principio creou Deos o Ceo, e a Terra. „

A *composta* he hum modo de falar, que faz a Oraçaõ cheia e numeroza, por *Incizos*, por *Membros*, e por *Periodos*.

*Incizo.* *Incizo* he hum pensamento em poucas palavras, que divide a Oraçaõ em pequenas partes: Como quando o Apostolo diz (a): „ Portemo-nos como „ Ministros de Deos por huma „ grande paciencia nas tribulações, nas necessidades, nos „ apertos, nos golpes, nas prições.

*Membro.* *Membro* he hum pensamento contido em certa quantidade de palavras, que não divide

---

(a) 2. ad Cor. 6. 4. 5.

de a Oração em tão pequenas partes; como quando o mesmo Apostolo diz (a): „ Que uniaõ  
 „ póde haver entre a justiça, e  
 „ a iniquidade? Que commer-  
 „ cio entre a luz, e as trévas?

*Periodo* he hum pequeno dis- *Periodo*  
 curso composto de partes de tal  
 forte ligadas humas ás outras,  
 que o sentido fica sempre sus-  
 penso até o fim. O *Periodo* de-  
 ve ser claro de forte, que o Au-  
 ditorio não possa deixar de per-  
 ceber o sentido d'elle.

Ha duas qualidades de *Pe-* *De dois*  
*riodos*: hum he *simples*, que con- *modos:*  
 siste no pensamento como enca- *Simplex.*  
 deado em hum circulo de pa-  
 lavras numerozas de maneira,  
 que a Oração vá como fecha-  
 da des do principio, e só no  
 fim se conclua o sentido. Elle  
 póde ser mais breve, ou mais  
 extenso, conforme o permittir

o

---

(a) Ibid. 14.

o maior ou menor espaço da respiração do Orador; pois excedendo estes limites já he desagradavel. Da mesma forte, o dizer mais ou menos acelerado, falar o Orador com mais ou menos expedição, he por onde se deve tambem medir a maior ou menor extensão do *Periodo*. Advertindo sempre o Orador, que, se a materia não couber na medida racional, e justa, deve antes fazer dois *Periodos* curtos, do que hum demasiadamente extenso. Exemplo do *Periodo simples*.

„ Quando Deos deixa fahir  
 „ do poço do abyfmo o erro,  
 „ e a herezia, permittindo o es-  
 „ piritto de feducção para pu-  
 „ nir os escandalos, e desper-  
 „ tar os Povos; Elle com sua  
 „ profunda sabedoria determi-  
 „ na os limites aos progressos  
 „ do erro, e aos soffrimentos  
 „ da Igreja Santa.,,

Quan-

Quando porém o Orador tiver maior expedição no dizer, ou a respiração mais extensa, póde uzar do Periodo mais comprido dizendo : „ Quando Deos „ deixa sahir do poço do abyfmo o fumo , que escurece o „ Sol segundo a expressão do „ Apocalypse , isto he , o erro , „ e a herezia , permittindo , para castigar os escandalos , e „ para despertar os Povos e os „ Pastores , ao espirito de seducção enganar as Almas orgulhozas , e espalhar por toda a parte a rebelliaõ , e o escandalo ; Elle com sua profunda Sabedoria determina os „ limites aos progressos do erro , &c.

*Periodo* composto he o que *Composto.* consta de *Membros* , ou d'*Inci- zes*. Por *membros* fala S. Cypriano em este *Periodo* : „ O *De mem- bro.* Mundo testifica o seu acazo „ nas couzas , que vaõ decahin- „ do :

De inci-  
zos.

do: já não ha no inverno tan-  
ta copia de chuvas para nu-  
trir as sementes: não ha no  
estio o costumado calor para  
as fearas. O mesmo Santo  
Padre fala por *incizos* no seguin-  
te *Periodo*: „ Abrevia-se o dia:  
e desfalece o lavrador nos  
campos, o navegante no mar,  
o soldado nos arraiaes... a  
justiça nos Tribunaes „ (a).

## §. II.

Senten-  
ça.

**S** *Entença* he huma Oraçaõ bre-  
ve, que mostra em poucas  
palavras o que he, ou póde ser  
conveniente ou desconveniente,  
v. g. *O invejoso faz da gloria  
dos outros a sua pena.* Ha sen-  
ten-

---

(a) O *Periodo* póde ter mais ou me-  
nos membros, mais ou menos *incizos*,  
conforme for a maior ou menor pausa,  
ou *accleraçaõ*, com que o Orador falar.  
Esta he a mais acceitada regra, que pó-  
de dar-se n'esta materia.

tenças, sem se dar a razão d'ellas: e ha *sentenças* com razão: ha tambem *sentenças* duplez, isto he, duas *sentenças* contrarias huma á outra: v. g. *Erraõ os que seguem as maximas do seculo: Acertaõ os que observaõ os dictames do Evangelho.*

As *sentenças* devem ser verdadeiras; naõ muito frequentes; nem postas indifferentemente na boca de qualquer Orador, como bem adverte Quintiliano (a); pois ellas convem mais ás Pessoas d'authoridade, aos Oradores anciãos.

O *Contrario* nas *Sentenças* he, quando de *sentenças* contrarias se tira argumento para provar alguma couza: o que dá huma grande força, e ornato á Oraçaõ: v. g. *Como será amigo dos estranhos aquelle, que*

o

---

(a) Liv. 2. Cap. 5.

Compara-  
ção en-  
tre sen-  
tenças  
desigua-  
es.

o não he dos seus? Os mesmos  
effeitos cauza na Oração aquel-  
la comparação, que se faz, de  
sentenças desiguaes, para pro-  
var alguma couza; a que po-  
demos chamar *contençaõ*. Cice-  
ro (a) dá-nos hum bom exem-  
plo d'esta *Contençaõ*: „ Os vof-  
„ sos maiores (diz elle) mui-  
„ tas vezes fizeraõ guerra para  
„ vingar as injurias... com que  
„ animo pois deveis vós estar,  
„ quando vedes tantos milhares  
„ de Romanos mortos?... vof-  
„ sos Pais quizeraõ extinguir a  
„ luz de toda a Grecia... e vós  
„ soffreis aquelle Rei, que ma-  
„ tou o Legado Consular do Po-  
„ vo Romano?... Elles não sof-  
„ frêraõ a liberdade dos Roma-  
„ nos destituida de fortaleza: e  
„ vós desprezaes a vida tirada?  
„ Elles seguiraõ até o fim o di-  
„ reito da Legacia... e vós dei-  
„ xa-

---

(a) *Pro Leg. Manil.*



„ xaes sem vingança o Legado  
 „ do Povo Romano morto?

§. III.

**D** *Inofis*, que he o mesmo que *Dinósis*.  
*Gravidade*, he huma virtude, pela qual se mostra a indignidade d'alguma couza tal, qual ella he. D'esta virtude devem ser dotados todos os Sermões, em que se tracta da enormidade do peccado, das penas do inferno, e d'outras materias semelhantes: nas quaes deve o Orador insistir com diligencia, a fim de fazer conceber a sua enormidade, quanto lhe couber no possível; ainda que a não póde mostrar tal, qual ella he em si.

*Copia* he aquella abundancia da Oraçãõ, que a faz elegante, polida, e forte, pelos muitos argumentos, e palavras significantes, de que ella consta.

sta: A Oraçaõ he *copioza*, quando n'ella se tracta de tudo aquillo, que convêm ao argumento, que he objecto do discurso; e com huma locuçaõ proporcionada.

*Variedade.*

*Variedade* no mesmo nome se dá bem a conhecer. Deve o Orador dispôr a sua Oraçaõ de sorte, que ella tenha *variedade* nos Tropos, nas Figuras, nas Sentenças, nos Periodos, nos Estilos, nos pensamentos, nas expressões. O discurso, que não tem esta *variedade*, he tão dezagradavel, como seria o jardim, em que se não visse mais que huma só qualidade de flores, por mais bellas, e engraçadas que fossem. Em huma palavra: a Oraçaõ deve sempre variar á proporçaõ das varias couzas, que n'ella se dizem.

## §. IV.

**D** *Igressão* não he outra couza se não hum breve *Digressão* curso, em que se expõe alguma couza differente da que se hia tractando; e com que se interrompe a Oração. Ella orna, e illustra a mesma Oração, quando he coherente, e se segue naturalmente da materia. Mas he necessario, que a *Digressão* seja breve, e que não venha a dividir as couzas, que a mesma natureza une. Ella tem lugar em qualquer parte da Oração.



## CAPITULO XVI.

*Dos Vicios oppostos ao Ornato.*

*Vicios  
opostos  
ao orna-  
to.*

**S**Endo muitas as qualidades , que pede a Oraçaõ bem ornada , por isso mesmo naõ saõ poucos os vicios oppostos ao mesmõ Ornato. Os principaes saõ os seguintes , que o Orador deve evitar com diligencia.

*Cacophaton* he huma pronuncia obscena , em que se proferem palavras torpes , ou mal soantes.

*Tapinósis* he hum abatimento , com que se daõ nomes baixos a couzas grandes. Naõ he menor vicio dar nomes grandes a couzas pequenas.

*Tautologia* he huma repetiçaõ vicioza : v. g. *Naõ ha razãõ para dar razãõ do successo.* Alguma vez naõ serã vicio , quan-

quando conduzir para melhor clareza, como fez Cicero muitas vezes.

*Pleonafmo* he addiçaõ de palavras fuperfluas: v. g. *Joaõ matou a Paulo, e tirou-lhe a vida.*

Quando ferve para confirmar, naõ he vicio; como quando S. Joaõ diz (a): „ O que vimos „ com os nosfos olhos. „

*Cacozelon* he huma affectaçaõ, com que fe tiraõ as couzas do feu natural, procurando imitar o que naõ lhe he proprio: ou feja nas palavras, ou nos penfamentos, ou no eftilo, ou na pronúncia.

*Macrologia* he huma redundancia de palavraas efuzadas: v. g. *Voltei para trás para caza, d'onde tinha vindo.* Naõ he menos vicio a brevidade muito demaziada, com que fe tractaõ aquellas couzas, que pedem Oraçaõ mais extenfa.

T

*Miõ-*


---

(a) 1. Joan. 1. 1.

*Miôsis*, com que se fala de couzas grandes em estilo simples. *Bomphiologia*, vicio opposto, he huma inchação, com que se fala de couzas baixas em estilo sublime.

*Homoologia* he uniformidade, com que se faz huma Oração como d'huma só côr, e sem aquella variedade, que pede o Ornato. O vicio contrario he a *Pieicologia*, que consiste em variar a Oração sem ordem.

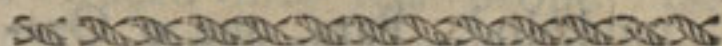
*Periergia* he curiozidade vam, com que se tractaõ couzas impertinentes, fazendo digressões improprias, amontoando palavras desnecessarias, affectando cópia de locução.

*Aritbomon* he falta de numero, pela qual a Oração abunda d'*incizos*, de *membros*, e de *periodos* continuados sem ordem, nem discernimento.

*Oniconomiton* he huma confusão, que perturba a disposição

ção do discurso, e faz perder a ordem, e a economia Rhetorica.

A'lem d'estes vicios, he grosseira aquella Oração, em que se não acha agudeza; lordida, em que não ha dicção culta; esteril, que carece de cópia; triste, que nada tem de belleza, e elegancia; ingrata, se lhe falta a suavidade; vil, senão he feita com diligencia, e cuidado.



## CAPITULO XVII.

### *Da Congruencia, ou decóro.*

**T**enho tractado o que diz respeito ao Ornato, a boa ordem pede, que agora se siga a *Congruencia*, quarta virtude da *Elocução*.

He pois a *Congruencia* humana locução proporcionada á ma-

*Congruencia.*

teria, que se tracta. Cicero dá bem a conhecer a necessidade, e a importancia d'esta *Virtude*, quando diz: „ Nem a toda a „ caza, nem a todo o Audito- „ rio, nem a todas as Pelloas, „ nem a todo o tempo convêm „ o mesmo genero d'Oração. „ Demetrio confirma o mesmo sentimento, quando affirma, que o „ Decóro deve sempre obler- „ var-se, expondo cada couza „ por hum modo apto, e accom- „ modado. „ Para que o Ora- dor guarde hum justo decóro, e oblerve huma exacta *Congruencia*, deve considerar attentamente:

1.º Qual he o seu caracter; para que a Oração lhe seja conveniente. Pois nem a todos os Oradores convêm o mesmo genero e modo de falar. Muitas expressões são decentes na boca d'hum Prelado, ou d'hum ancião, que seriaõ indecentes a hum



hum Ministro d'Ordem inferior, ou a hum Prégador moderno. Qualquer que seja o Orador, nunca deve uzar de palavras de jactancia, descortezia, petulancia, nem graciosas; porque, álem de muitas vezes offenderem os Ouvintes, sempre são improprias do Orador, e indignas do lugar.

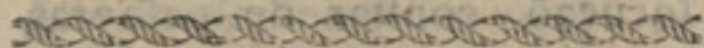
2.º Qual seja o caracter das Pelloas, a quem fala; para que a Oraçaõ lhes seja proporcionada. Pois nem a todos os Ouvintes convêm o mesmo genero d'Oraçaõ: porque n'hum Auditorio bem instruido faria grande impressaõ hum discurso bem trabalhado, e sublime, o qual com tudo não aproveitaria em hum Auditorio rustico, e plebêo. Huma Oraçaõ forte no Auditorio de gente licencioza, e libertina faria hum grande fructo; mas n'hum de Pelloas timoratas faria hum grande prejuizo.

3.º Qual he o fim do seu Sermaõ. Sempre deve ser o falar segundo o espirito de Deos ; reformar os costumes ; inspirar o horror do vicio ; persuadir a pratica das virtudes. Sobre isto deve o Orador fazer as mais serias reflexões , a fim de não confundir os meios com o fim. O meio he falar bem : o fim he converter. Aquelle Orador , que só cuida em falar bem , cahe na pasmoza *incongruencia* , de que nasce o máo gosto da Oratoria Christãã ; por querer estabelecer a nobreza da Prédica n'aquillo , que só como hum meio pôde servir para a sua perfeiçãõ.

4.º Qual he a materia , sobre que ha de falar ; para que uze d'huma locuçãõ já grave , já mediocre , já tenue , conforme o pedir a materia ; servindo-se de palavras sublimes nas couzas grandes , de graves nas serias , d'asperas nas atrozes ,  
d'hu-

d'humildes nas baixas, de ternas e tocantes nas compassivas: mas de tal sorte, que tudo vá dirigido á instrucção, á utilidade, e aproveitamento do Auditorio.

De todas as circumstancias, em que he necessaria a justa *Congruencia*, he a mais difficul- toza o proporcionar a *locução* á materia. No que he necessaria huma grande prudencia, clareza de juizo, hum bom exercicio, hum exacto conhecimen- to dos preceitos da Arte ácer- ca dos estilos.



## CAPITULO XVIII.

### *Dos Estilos.*

**P** Ara accomodar a *locução* á materia, deve o Orador saber os diversos *Estilos*; o que con-

convém a cada hum d'elles ; a materia proporcionada a cada hum ; e o modo de os pôr em pratica. Pois assim como os homens para guardarem o decóro civil , costumaõ vestir-se conforme o seu estado , e segundo pedem as funções , a que assistem ; da mesma sorte o Orador, para observar o decóro Rhetorico ; deve compôr as suas Orações com hum *Estilo* , e ornato conforme á materia , de que tracta.

*Estilos.*

Os diversos *Estilos* são tres : *Simples* , *Mediocre* , e *Sublime*. Será o *Estilo simples* , quando a locução constar de palavras commummente uzadas nas conversações familiares , e quotidianas : será *Mediocre* , quando as palavras tiverem alguma gravidade mais , que as conversações quotidianas : será *Sublime* , quando as palavras forem as  
mais

mais ornadas, e significantes, que se poderão achar.

Santo Agostinho reduz a locução aos mesmos trez generos, accomodando-os aos trez officios do Orador, dizendo :  
 „ Aquelle será eloquente, que  
 „ falar de couzas pequenas em  
 „ *estilo simples*, para que ensi-  
 „ ne; das mediocres em *estilo*  
 „ *temperado*, para que deleite;  
 „ das grandes em *estilo sublime*,  
 „ para que mova. „

§. I.

**E** *Stilo Simples* he hum mo- *Simples.*  
 do de falar, natural, corrente, e familiar; em que reina mais a clareza, que o ornato. Admitte expressões agudas, e sentenciozas; alguns Tropos, e Figuras, mas nem com frequencia, nem das que servem para ornato, e para mover os affectos. Com tudo elle não deve

ve abater-se até o modo de falar plebeo, e rustico; pois deve sempre constar de palavras proprias, e nunca alheas do idioma.

*Medio-  
cre.*

*Estilo Mediocre*, ou *temperado* he hum modo de falar, que tem o meio entre o *Simples*, e o *Sublime*, quero dizer, que tem mais força que o *Simples*, e menos que o *Sublime*. D'este participa a nobreza dos pensamentos, e d'aquelle huma doçura, e hum ar de naturalidade proprio para persuadir, e tocar. A este genero pertence o sentimento das paixões, a expressão d'amizade, da tristeza, da compaixão, da dor, e da ternura.

## §. II.

*Sublime.*

**E** *Stilo Sublime* he huma locução, que pela magestade, e elevação dos pensamentos

mentos, pela força das expressões, pela vivacidade dos movimentos, e pela nobreza e formozura das imagens, eleva os espiritos acima dos sentidos. Segundo Rollin ,, he hum estilo, ,, que põem em uzo tudo o que ,, a Eloquencia tem de mais elevado, de mais forte, e de ,, mais capaz de ferir o espirito: que admira: e que á maneira d'hum rio rapido, arrasta, e arruina tudo o que lhe ,, reziste. ,,

O *Sublime* não he só huma obra da natureza, nem só da Arte; he sim obra da natureza, e da Arte juntamente. A natureza concorre com a elevação dos pensamentos, com a força das expressões, e com a nobreza das imagens: a Arte concorre com o modo efficaz de communicar aos Ouvintes os pensamentos mais nobres com toda a força, com que elles são con-

concebidos, e de maneira que o Auditorio não só perceba, mas que seja impossivel não perceber. Póde servir d'exemplo aquelle pensamento, com que Moysés no principio do Genesis explica a promptidaõ, com que as creaturas obedecêraõ ao Creador: „ Deos disse: Faça-se a luz. E a luz se fez. „ Este pensamento he sublime, por ser expressado com toda a força; e elevaçãõ; e por explicar huma tal promptidaõ, que a nós mesmos, quando o lêmos, ou escutamos ao Orador, que o diz, se nos representa, que nem hum só momento mediou entre o preceito, e a execuçãõ d'elle.

Este *Estilo* pede palavras amplas, e magnificas; proporcionadas sempre á materia, como já disse; expressões nobres, mas não inchadas, nem com affectaçãõ; pensamentos vivos, e de-



delicados, e sempre naturaes. Pede tudo o que a Arte tem de mais forte, e mais tocante; *Descrições*, *Metaphoras*, *Hyperboles*, e outras *Figuras*, e *Tropos*.

Ainda que para o Orador Evangelico todas as materias são graves, por dizerem respeito á salvação dos homens, com tudo não deve uzar sempre do *Estilo Sublime*. Porque, segundo Santo Agostinho, se o Orador ensina ainda couzas grandes, deve uzar do *Estilo Simples*; se louva, ou reprehende, do *Mediocre*; se propõe as couzas para mover, do *Sublime*: pois, sendo o officio do Orador em todos os seus discursos, ensinar, deleitar, e mover, em todos elles deve uzar de tres *Estilos*, ou generos de locução, não só porque esta variedade conduz muito para conciliar a attenção do Auditorio; mas tambem porque estes

estes mesmos generos de locução servem mutuamente huns aos outros , devendo o *Sublime* principiar pelo *Mediocre* , e algumas vezes pelo *Simples* ; assim como tambem o *Mediocre* necessita humas vezes do *Simples* , e outras do *Sublime* ; da mesma sorte que o *Simples* tem necessidade do *Mediocre*.

Naõ deve porém cada hum d'estes generos reinar igualmente em todas as Orações. Nas Humiliaticas deve prevalecer o *Simples* ; nas Demonstrativas o *Mediocre* ; nas Suazorias ou Deliberativas o *Sublime* ; e ainda em cada huma d'ellas deve reinar humas vezes mais , outras menos , conforme a materia for mais , ou menos grave.

Naõ só ha differença entre os referidos tres generos ; mas tambem cada hum d'elles tem seus differentes grãos , porque admitte mais , e menos , como  
ad-

adverte Quintiliano (a). E por isso o *Simples* dentro do mesmo genero póde ser mais e menos *Simples*; assim como o *Mediocre*, e o *Sublime* admittem mais, e menos.

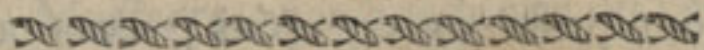
O *Genero Pathético* he hum *Patheti-*  
*Estilo affectuozo, e terno*: elle pe-<sup>co.</sup>  
 de huma locução moderada, e  
 doce, que insensivelmente se in-  
 finue nos corações, e mova os  
 affectos. Eu não o reputo distin-  
 cto do *Sublime*; ló o confidero  
 como huma parte, que se con-  
 tém no seu todo. O *Sublime*  
 conquista os corações; com a  
 differença, que sendo pela no-  
 breza dos pensamentos, e ve-  
 hemencia das expressões, con-  
 quista-os por força; e sendo pe-  
 la doçura, e suavidade, con-  
 quista-os com a ternura do *Pa-*  
*thético*. E para dizer tudo em  
 poucas palavras, deve o Ora-  
 dor

---

(a) Liv. 12. Cap. 10.

dor procurar mover o Auditorio d'hum, e outro modo, quando a materia do Sermaõ o possa admittir.

O *Pathético* tem lugar com especialidade nas Orações da Paixaõ, Morte, e Enterro do Salvador; da Soledade da Virgem Santissima; do Amor, e Misericordia de Deos; e outras semelhantes. E a falar propriamente, n'estes Sermões he que o *Sublime* deve ser mais *Pathético*.



## CAPITULO XIX.

### *Da Memoria.*

**A** *Memoria* he huma faculdade, por meio da qual se conserva a lembrança da Oraçaõ, e de todas as suas partes. He taõ necessaria ao Orador, que

que sem ella he moralmente impossivel representar a Oraçãõ mais facil.

Ella , sendo parte da natureza , naõ deixa de ter tambem lugar entre as partes da Arte Oratoria , com cujos preceitos ella se augmenta , e se fortifica pela cultura , pelo methodo , e pelo exercicio. E com razãõ lhe chama Quintiliano (a) ,, Thezouro da Eloquencia. ,, Os meios de cultivar , e fortificar a *Memoria* , saõ

Methodo , que consiste em dispôr o discurso de tal sorte , que as razões se sigaõ naturalmente humas das outras ; e que o entendimento se vá pondo em hum fundo solido , passando de razãõ a razãõ , e contrahindo hum certo habito d'achar sempre alguma couza judicioza , sem que possa deixat

V

---

(a) Liv. 11. Cap. 2.

as próvas, que huma vez concebeo.

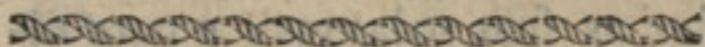
Exercício, que consiste em aprender de *memoria* algumas couzas ou da Escritura, ou dos Santos Padres, ou d'algum Author de merecimento: o que deve praticar-se todos os dias; porque tanto mais a *memoria* se fortifica, quanto maior he o exercicio, com que ella se cultiva.

Nos primeiros annos da Prédica he utilissimo, que o Orador Evangelico estude de *memoria* tudo o que houver de dizer em seus Sermões. Mas passado algum tempo n'este exercicio, he igualmente util deixar esta escravidão; pois he quasi impossivel prégar com grande fervor, e unção aquelle, que demaziadamente cuida em todas as palavras da sua Oração; com o que naturalmente se enfraquece o espirito. Com tudo  
eu

eu não venho a dizer, que o Orador se atreva a subir ao Pulpito, sem hir com a certeza do que deve dizer: pois isto he hum extremo bem digno de censura, e a origem d'infinitos prejuizos, com que muitos Prégadores ficão mal avaliados. O que eu julgo indigno de se approvar he aquelle defeito, com que muitos só se esmeraõ em estudar as suas palavras: e para dizer tudo, tenho para mim, que deve o Orador evitar cuidadosamente os dois extremos igualmente viciozos; hum, ligar-se á escravidão da *Memoria*; o outro, hir para o Pulpito, fiado no seu talento: com o primeiro faz-se escravo da *Memoria*; com o segundo, escravo do Entendimento. Em ambos os casos he moralmente impossivel, que o Orador esteja senhor de si; que possua a liberdade necessaria; que tenha o fervor, a

unção, e o espirito n'aquelle grão, que necessita para prégar com fruto, e desempenhar os deveres do Ministerio.

He em fim necessario, que o Orador tenha decorado o seu Sermaõ; que vá senhor d'elle, e de si mesmo, em tal manei- ro, que ao depois só cuide em falar com espirito.



## CAPITULO XX.

### *Da Pronunciaçãõ.*

*Pronun-  
ciaçãõ.*

**A** *Pronunciaçãõ* he huma par- te taõ principal da Rhe- torica, que ella vale tanto, ou ainda mais que as outras par- tes. Ella he *prégar hum Sermaõ com a voz, e com as acções a- gradaveis, e accommodadas á ma- teria do discurso.* Podemos cha- mar-lhe com Cicero *huma cer- ta*



*ta Eloquencia de todo o corpo do Orador.*

Ella tem hum lugar taõ principal, como vemos em infinitos Oradores: dos quaes huns faõ ouvidos com prazer, e gosto do Auditorio, por terem huma *pronúncia* feliz, e agradável, naõ obstante serem as suas Orações, humas vezes, languidas, e outras, nada ou pouco attendiveis, com as quaes fazem huma grande impressaõ nos Ouvintes: ao mesmo tempo que outros, tendo os seus discursos muito bem trabalhados, fortes, persuazivos, e tocantes, naõ faõ attendidos, pela sua má *pronúncia*, nem fazem impressaõ nenhuma.

A *Pronunciaçaõ* consiste na proporçaõ da *vóz*, e das *acções*: em huma e outra couza obraõ a natureza, e a Arte juntamente; a natureza, naõ negando a boa dispoziçaõ dos orgãos da locuçaõ,

310 PRE'GADOR INSTRUIDO

ção, e a flexibilidade, e movimento dos membros do Orador; a Arte, dando preceitos para regular tudo com huma justa medida.

§. I.

Quanto á voz.

**A** Pronunçiação quanto á voz deve ter as qualidades, que recommenda Quintiliano (a); quero dizer, a voz deve ser

Emendada.

1.º *Emendada*; para que não seja rustica, nem peregrina, aspera, dura, vária, languida, vã, pueril, nem effeminada. He necessario, que a respiração nem seja muito breve, nem muito dilatada:

Clara.

2.º *Clara*, proferindo-se as syllabas de sorte, que se dem a entender; fugindo sempre de tudo o que he affectação; e fazendo pausa proporcionada entre os incizos, membros, e períodos:

3.º

---

(a) Liv. II. Cap. 3.

3.º *Ornada*, isto he, flexivel, *Ornada*.  
 pura, firme, duravel; humas ve-  
 zes mais aguda, outras mais  
 grave; aqui dilatando-se mais  
 no ouvido, alli passando mais  
 rapida; humas vezes impellida  
 á maneira d'huma létta, que  
 vai a ferir, outras suave, como  
 hum oleo que unge. Nunca po-  
 rém deve ser violenta, nem ti-  
 rada do seu natural:

4.º *Apta*, e *decoroza*, tendo *Vária.*  
 huma proporcionada accommo-  
 dação á materia; não sendo sem-  
 pre huma; variando-se confor- *Segundo*  
 me a natureza, e variedade das *a mate-*  
 couzas, que se tractaõ; já sen- *ria.*  
 do alegre, quando se fala de  
 couzas alegres; já funebre,  
 quando se fala de couzas tristes:  
 levantada, quando se contende; *Segundo*  
 branda, quando se roga: forte *os affe-*  
 na exhortação; grave, quando *ctios.*  
 se perluade; recta na expozi-  
 ção; terna em a compaixão; gra- *Segundo*  
 ve nas couzas grandes; tempe- *as cou-*  
 ra- *zas.*

*Segundo as Partes da Oraçaõ.* rada nas mediocres ; branda nas tenues ; vehemente nas atrozes : temperada, e branda no exordio : clara , e simples em a narraçaõ, propozicaõ , e divizaõ : asseverativa , e forte na confirmaçaõ : vehemente na peroraçaõ. Em huma palavra : deve ser accomodada á natureza das couzas , que se tractaõ , e dos affectos , que se pertendem excitar.

*Vicios oppostos.* Os vicios oppostos á boa pronúncia saõ : 1.º igualdade da voz , e ser sempre a mesma : 2.º dezigualdade , com que humas vezes se levanta a voz , outras se abaixa , humas se afina , outras se engrossa , sem ordem nem proporçaõ : 3.º hum modo de falar com variedade da voz , mas variedade sempre a mesma ou se narre , ou proponha , ou amplifique , ou próve ; e isto da mesma sorte no Panegyrico , que na Oraçaõ Deliberativa : 4.º demaziada pauza no dizer : 5.º ve-  
lo-

locidade precipitada : 6.º vehemencia ou acrimonia , dizendo tudo com furor : 7.º frouxidaõ , dizendo ainda couzas grandes com brandura.

§. II.

**P**ara huma boa *Pronunciaçaõ* Quanto ás acções. não he menos necessario o decóro das *acções* , que , da *voz*. As *acções* exteriores saõ huma qualidade muito essencial no Orador do Evangelho. Todo aquelle , que tiver a facilidade de bem accionar , ( ou seja por meio da Arte , ou por tudo junto , que he o melhor , e mais estimavel ) , elle sem dúvida fará sobre seus Ouvintes hum effeito admiravel , ainda quando lhes não recite se não hum discurso mediocre. Devem pois as *acções*

1.º Acompanhar em tudo o decóro da *voz* , fazendo hum gesto

gesto natural, e proporcionado ao que se diz, exprimindo os conceitos com a voz, e com as *acções* juntamente:

2.º Ser vivas, e naturaes, que exprimaõ bem o conceito do Orador; e a qualidade das couzas, que elle persuade:

3.º Ser animadas, e cheias de fogo, mas fogo que anime, e naõ destrúa: fugindo o Orador d'entregar-se aos transportes d'huma *pronunciaçãõ* arrebataada, com a qual muitas vezes se vem a cahir em accionar taõ fozosamente, e com taõ pouco discernimento, que tudo saõ *acções* indecentes, e improprias do Orador, do lugar, e do Ministerio: moderando, por meio da Arte, aquelle fogo, e vivacidade, que muitas vezes está pedindo a materia, em que fala; e, para assim o dizer, temperando o fogo da composiçãõ com a mo-  
de-

deração do fogo da *pronúncia*, e das *acções*: lembrando-se, que estes dois fógos juntos, e sem tempero fórmaõ hum incendio, que os Ouvintes naõ poderãõ sopportar: advertindo finalmente, que quanto mais fogo, e vivacidade tiver a composiçaõ, tanto mais suave deve ser a acceleraçaõ da *pronúncia*; e tanto mais socegada, e quieta deve ser a *acçaõ* do Orador:

4.º Ser graves, nobres, e magestozas, para guardar o decóro devido ao lugar, e ao Ministerio; e para assim sustentar o seu caracter, e a sua authoridade. Estas saõ as principaes qualidades das *acções*.

Os vicios contrarios ao de-<sup>Vicios</sup> cõro do gesto saõ de varios mo-<sup>oppositos.</sup> dos.

1.º Quando se fazem as *acções* taõ compassadas, e taõ medidas, que bem denotaõ a ridicula affectaçãõ, com que o  
Ora-

Orador mais pertende agradar do que converter; esquecendo-se do fim do Ministerio.

2.º Quando o Prégador está no Pulpito como em figura estática, sem movimento: ou se faz algum, he com affectação voltando todo o corpo juntamente com a cabeça.

3.º Quando, pelo contrario, está inquieto, e como passeando no Pulpito d'huma para outra parte.

4.º Quando se encosta para os lados, ou para a parede, ou para diante; ou se põe desbruçado sobre o Pulpito.

5.º Quando a todas as palavras move descompostamente as sobancelhas, ou os olhos; ou os fixa em algum objecto determinado.

6.º Quando abre a boca mais do que he necessario: ou morde os beiços, ou faz com elles



les alguns gestos , como torcendos-os , apertando-os.

7.º Quando bate as palmas , ou com a mão na testa ou na cabeça : ou dá pancadas no Pulpito ou na parede : ou puxa pelos cabelos : ou esfrega o rosto , ou os olhos : ou tapa a boca.

8.º Quando esfrega as mãos , ou puxa os dedos : ou move com violencia os braços , como esgrimidor ; ou os levanta , ou abaixa descompostamente ; ou os põe em cruz ; ou fórma d'elles humas azas para subir ás nuvens , ou os põe em linha recta , estendidos para huma , ou outra parte : ou faz alguma acção de disparar huma setta , ou arrancar huma espada , ou dar emplotões , ou fazer arrameços.

9.º Quando arquea demaziadamente os cotovelos : faz acções sobre a cabeça , ou outras quaelquer indecentes ao lugar ,

e indignas d'hum Embaixador de Jesus Christo.

10.º Quando o Orador não está com o corpo direito, e sem affectação: e quando não o move com decencia, e gravidade.

11.º Quando as *acções* são cheias de fogo, como quem despede raios, e coriscos: em huma palavra quando são descommedidas, e improporcionadas ao que se diz. Este vicio notou Cicero em hum Orador, que ouvia falar, e disse: „ Se as couzas, que este „ diz, fossem verdadeiras, dil- „ las-hia elle do modo que as „ diz? „

§. III.

**J**A' no Capitulo 2.º §. 4.º disse os meios, por onde o Orador adquire huma boa *Pronun- ciação*, assim como as mais Partes da Rhetorica. Agora digo mais, que o Orador póde eleger hum amigo douto, sincero,

e de bom gosto : pedir-lhe , que observe os seus Sermões com attençaõ ; e lhe advirta com sinceridade os defeitos , que tiver notado assim pelo que diz respeito ás *acções* , e á *voz* , como tambem em tudo o mais : e d'este modo poderá conhecer o que tem necessidade d'emenda ; e aperfeiçoará finalmente as suas Orações , para dezenpenho do Ministerio , para o aproveitamento dos Póvos , e para Gloria do Creador.

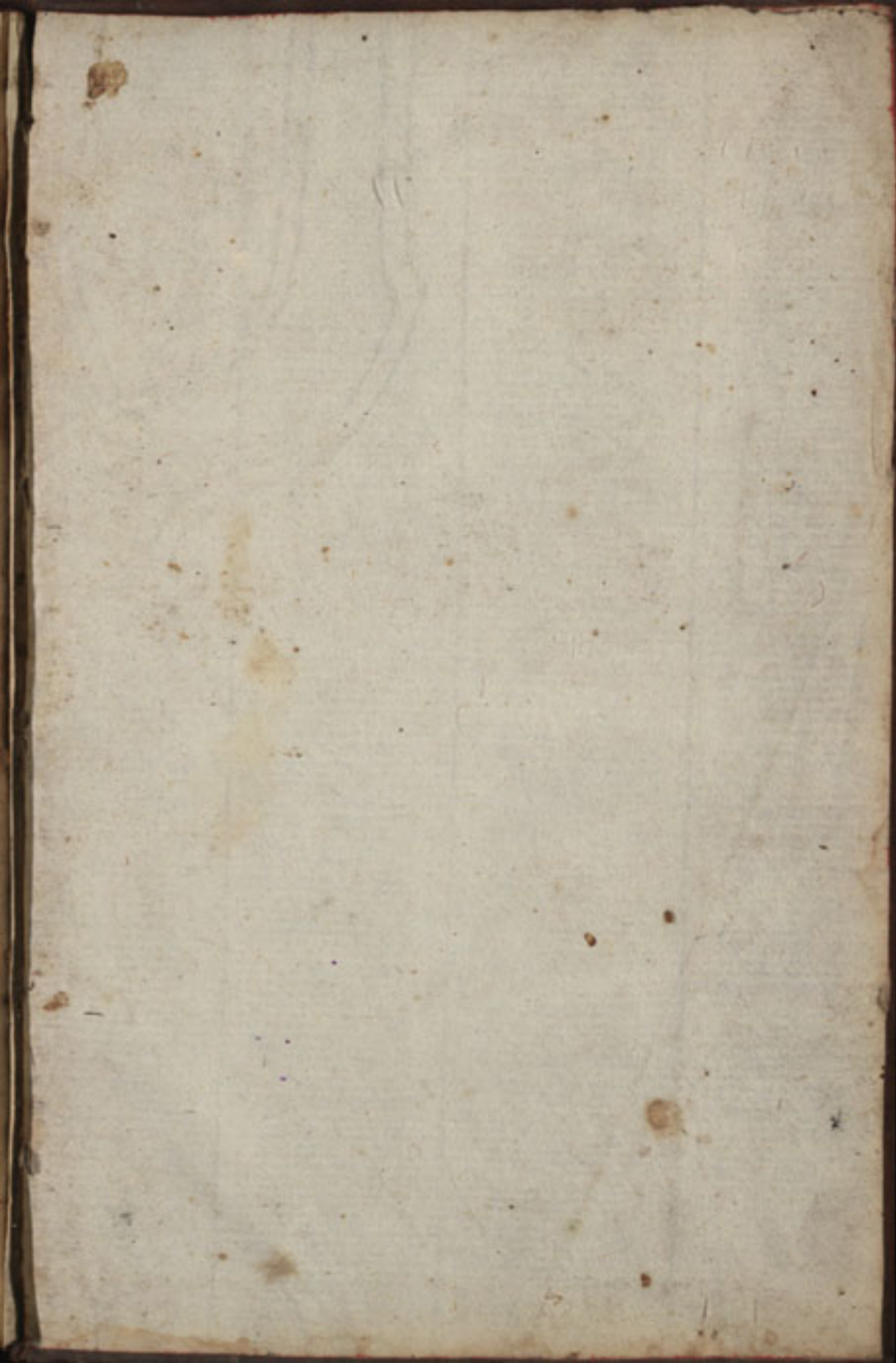
F I M.

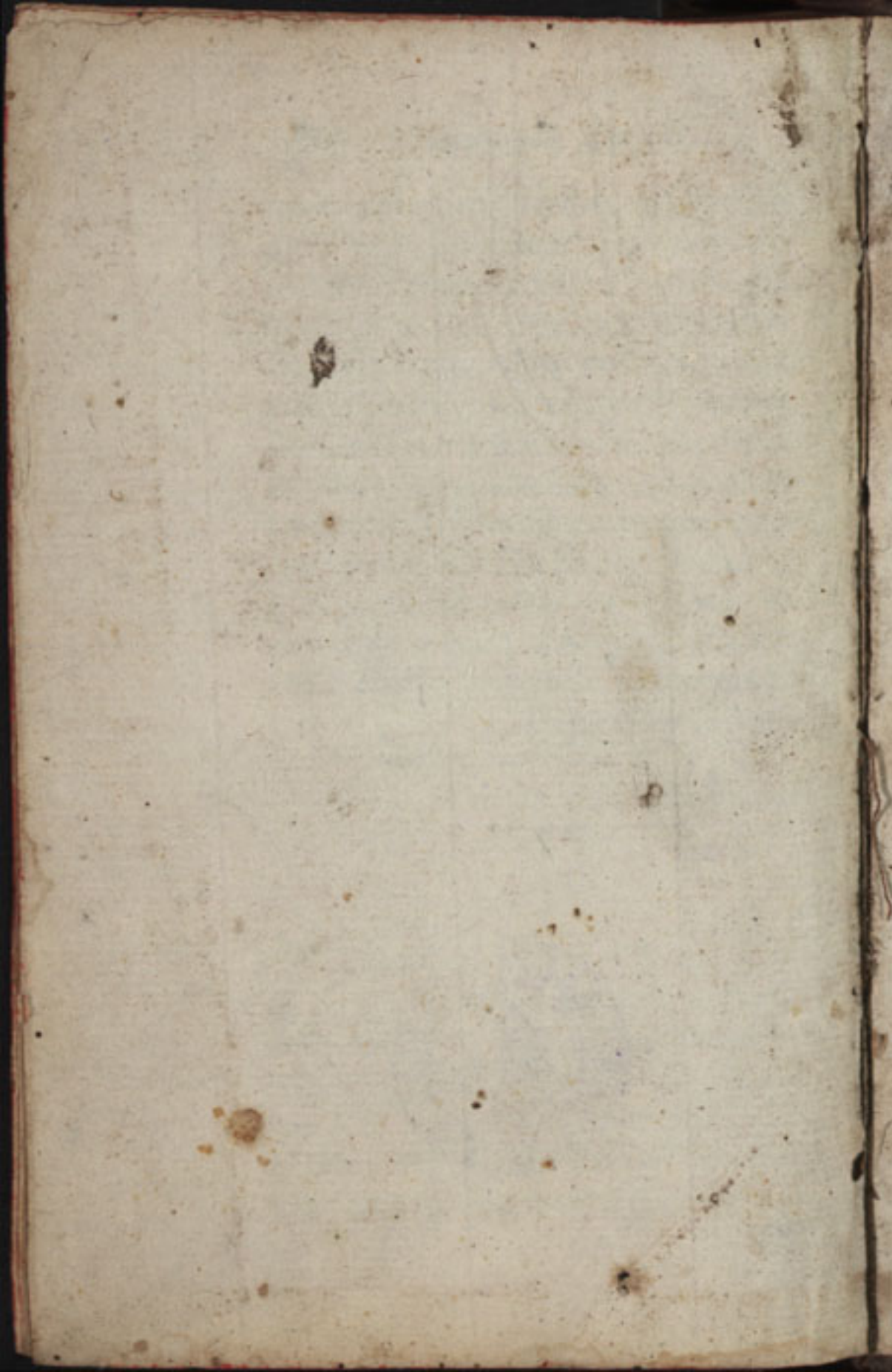


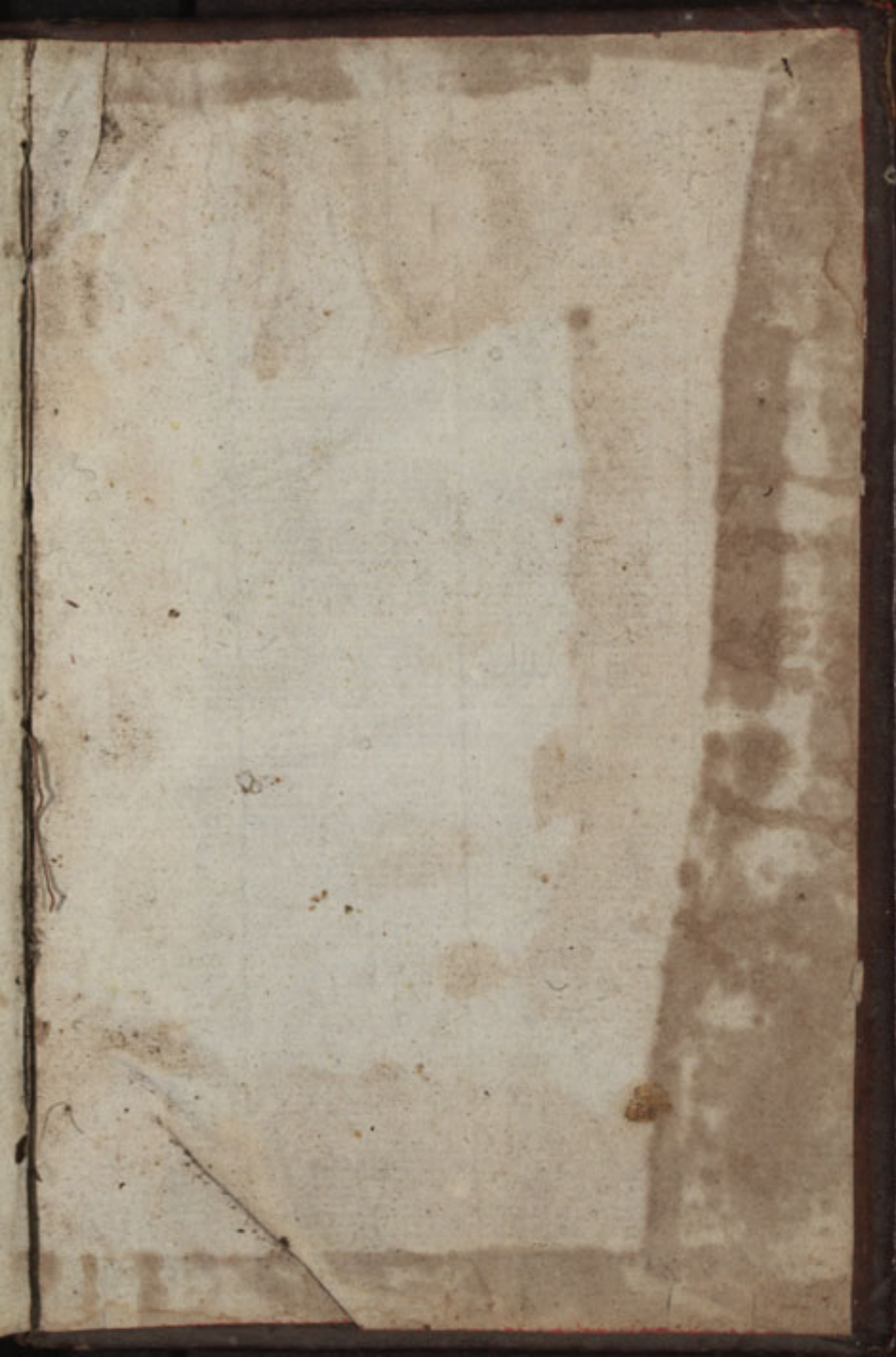
de bom gosto e de bom gosto, que  
obteve os seus estudos com  
a honra e a gloria, com a  
certeza e a firmeza, que vive  
notatissimo pelo que diz  
pelo de ver, e a verdade, como  
tambem em outros mais: e de  
te modo podera conhecer  
que tem necessidade de emenda;  
e a honra e a gloria, e a  
as: e a honra e a gloria, e a  
da honra e a gloria, e a honra  
tambem e a honra, e a honra  
tin de honra, e a honra, e a honra

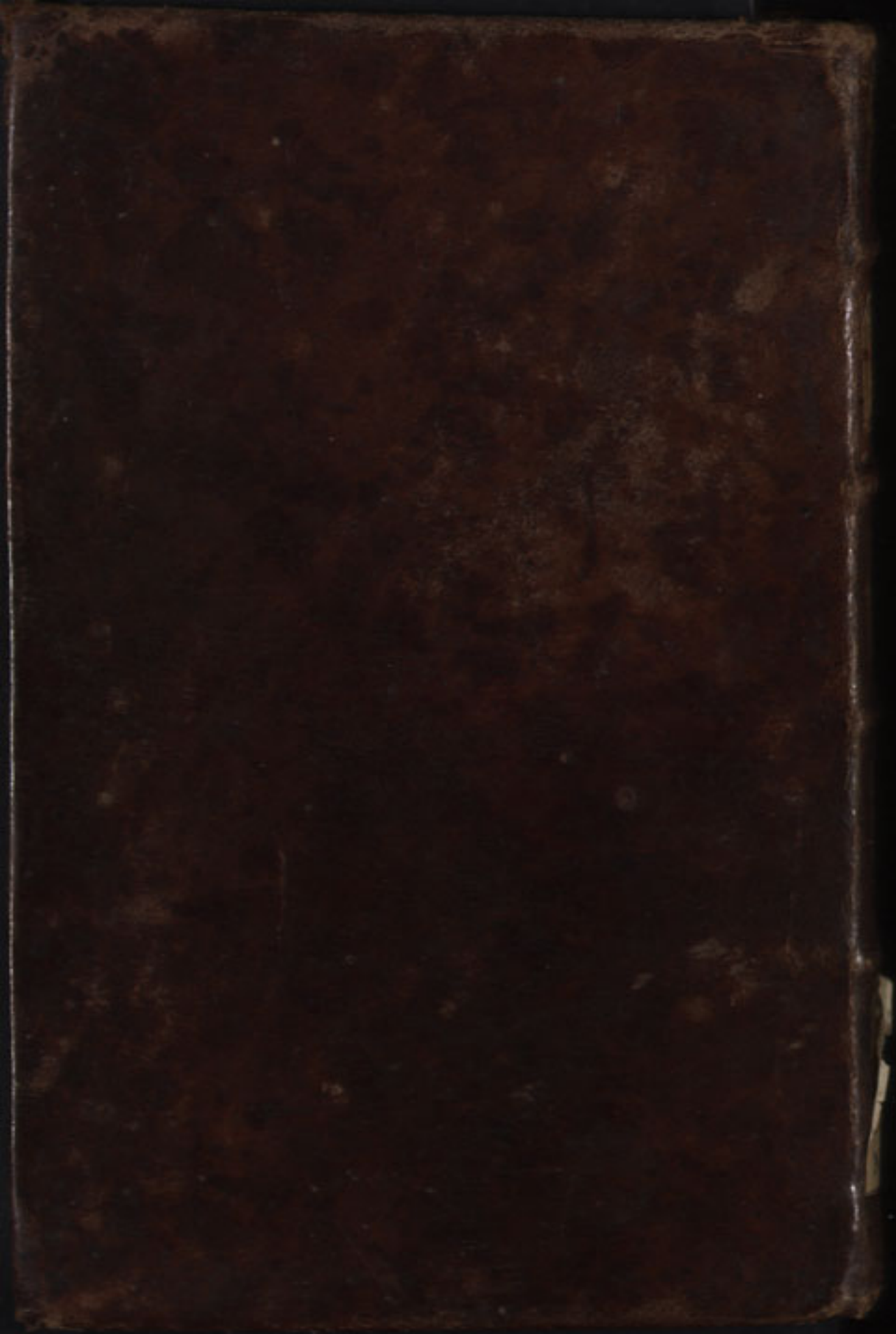
F. M.















P. R. E. G. A. D.

I. N. S. T. R. U.



ala

Gab.

Est.

Tab.

N.º

094.5 "17"

A N T